



Sob a Autoridade Espiritual de S.E. Kalu Rinpoche

Bodhisatvacharyavatara

Guia da Conduta do Bodhisatva

Shantideva



Shantideva

Centro Budista Tibetano **Kagyü Pende Gyamtso** - DF 425 - Condomínio Jardim América

Lotes F1/F3 - G2/G4 Sobradinho II - DF - Cep: 73.092-904- Fone: (61) 3485.0697 -

Email: sanghakpg@kalu.org.br Sites : www.kalu.org.br



Sob a Autoridade Espiritual de S.E. Kalu Rinpotche

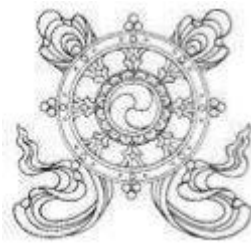
Shantideva

Bodhisatvacharyavatara

བྱང་ཆུབ་སེམས་དཔའི་སྤྱོད་པ་ལ་འཇུག་པ་

O Guia de Conduta do Bodhisatva

Como desfrutar uma vida de grande significado e altruísmo



A tradução desse texto em língua portuguesa é provisória.

Deve ser usado somente para estudos pessoais:

Não devem ser reproduzidos. Publicados ou difundidos.

KPG, 05 de fevereiro de 2017



༢༡། བྱང་ཆུབ་སེམས་དཔའི་སྤྱོད་པ་ལ་འཇུག་པ་
བཞུགས་སོ།

"Várias idéias valiosas e significativas são encontradas no trabalho de Shantideva, todas muito úteis para a autodisciplina e para a autoconscientização. Eu pratico segundo o livro de Shantideva; ele é muito útil e proveitoso."

Sua Santidade o Dalai Lama

Índice

Introdução

- Introdução ao Bodhicharyavatara
- A Estrutura do Bodhicharyavatara
- A Vida de Shantideva — Khenpo Künzang Palden
- A Vida de Shantideva — Abhayadattashri

O caminho para a iluminação

- 1. Elogio à Bodhichitta
- 2. A Confissão
- 3. Adotar a Bodhichitta
- 4. Aplicar a Bodhichitta
- 5. Guardar a Vigilância
- 6. A Paciência
- 7. A Perseverança
- 8. A Contemplação
- 9. A Sabedoria Transcendente
- 10. Dedicção dos Méritos

Apêndices

- Glossário de Termos Buddhistas
- Bibliografia e Links Seleccionados

Introdução ao Bodhicharyavatara

Geshe Thubten Jinpa

Escrito no século VIII, o **Caminho para a Iluminação** (*Bodhicharyavatara*) ou **Guia para o Modo de Vida do Bodhisattva** (*Bodhisattvacharyavatara*) de Shantideva logo se tornou um clássico do buddhismo Mahayana. Diz a lenda que Shantideva recitou o texto inteiro de forma extemporânea, quando foi convidado a fazer uma preleção para uma congregação de monges na famosa universidade monástica indiana de Nalanda. O pedido para oferecer seus ensinamentos teria derivado de um desejo de humilhar Shantideva, já que os outros monges achavam que ele não fazia nada a não ser "comer, dormir e defecar". Os monges não imaginavam que apesar de Shantideva dar a impressão de que levava uma vida de indolência, tinha na verdade uma vida rica em experiência interior e aprendizado profundo. Os relatos tibetanos da história alegam que, ao chegar ao capítulo nove, o capítulo sobre a sabedoria, Shantideva começou a subir pelo ar e a desaparecer, embora sua voz ainda pudesse ser ouvida.

Independentemente dos méritos dessa lenda, a importância do Bodhicharyavatara no panorama cultural e temporal da literatura indiana não pode ser subestimada. O texto de Shantideva tornou-se uma das obras budistas mais apreciadas. Para o praticante religioso é uma escritura fundamental, descrevendo as práticas essenciais do buddhismo Mahayana no caminho para a iluminação. Entre todos os textos religiosos da tradição budista Mahayana, pode-se dizer que o *Bodhicharyavatara* de Shantideva e o *Ratnavali* de Nagarjuna continuam a ser as obras básicas, descrevendo a carreira nobre e altruísta do Bodhisattva. Para os estudiosos e filósofos, o capítulo nove representa uma importante contribuição para o desenvolvimento da filosofia budista do **Caminho do Meio** (*Madhyamaka*). E para os budistas leigos, o texto tornou-se uma fonte de profunda inspiração em sua fé pessoal. Até hoje, o capítulo sobre a dedicação, o décimo e último capítulo, permanece como uma das expressões mais intensas de um profundo sentimento religioso na literatura budista Mahayana.

O impacto do *Bodhicharyavatara* de Shantideva no Tibet talvez tenha sido insuperável. Desde a sua tradução para o tibetano, no século XI, a obra vem exercendo uma profunda influência sobre a vida religiosa do povo. Sua extensa influência pode ser encontrada nos ensinamentos de todas as quatro escolas principais do buddhismo tibetano: Nyingma, Kagyü, Sakya e Gelug. Além de propiciar amplos estudos relacionais com os ideais e práticas Mahayana, tratados em profundidade na obra, o texto também levou ao desenvolvimento de um novo gênero de literatura, que se tornou coletivamente conhecido como *lojong*, ou "treinamento da mente". É uma categoria de textos religiosos que tratam basicamente de duas preocupações fundamentais da obra de Shantideva, o cultivo da mente altruísta do despertar e a geração de uma profunda percepção sobre a natureza da realidade. A estrofe seguinte está

agora quase imortalizada por causa das reiteradas declarações do Dalai Lama que é a maior fonte de sua inspiração: "Por tanto tempo quanto o espaço durar e por tanto tempo quanto os seres vivos existirem, que eu possa até lá também esperar para dissipar a miséria do mundo."

[Adaptado de *A Arte de Lidar com a Raiva: O Poder da Paciência*. Sua Santidade o Dalai Lama, tradução de A. B. Pinheiro de Lemos, a partir da tradução para o inglês do Geshe Thubten Jinpa. Rio de Janeiro: Campus, 2001. Pág. 15-17.]

A Estrutura do Bodhicharyavatara

S.S. o Dalai Lama

O *Bodhicharyavatara* é composto por dez capítulos. O primeiro faz elogio aos imensos benefícios proporcionados pela *bodhichitta*. Para nos prepararmos para ela, devemos antes de mais nada acumular méritos e purificar o nosso ser. É o tema do segundo capítulo que, depois da oferenda em sete pontos, é dedicado à confissão. O terceiro mostra como adotar a *bodhichitta*. Estes três primeiros capítulos são dedicados à produção da *bodhichitta*.

Os capítulos seguintes ensinam como pôr a *bodhichitta* em prática pelo exercício das seis perfeições. A primeira perfeição, a generosidade, é ensinada no decorrer de todo o texto; por essa razão, nenhum capítulo lhe é especialmente reservado. A aplicação e a vigilância são indispensáveis para a preservação da pureza da disciplina, a segunda perfeição. O quarto e quinto capítulos são-lhes dedicados. Os quatro seguintes referem-se respectivamente às quatro últimas perfeições: paciência, perseverança, contemplação e sabedoria transcendente. O texto termina, no décimo capítulo, pela dedicatória dos méritos ao bem dos seres.

No seu comentário, Minyak Künzang Sönam descreve o paralelo estabelecido por Patrül Rinpoche entre a estrutura do *Bodhicharyavatara* e a da célebre quadra que resume a prática da *bodhichitta*:

Que a preciosa *bodhichitta*
Nasça em mim, se não a concebi.
Após o seu nascimento, que não decline jamais
Mas sempre se desenvolva.

O primeiro ponto, o nascimento da *bodhichitta*, corresponde aos três primeiros capítulos: o elogio da *bodhichitta*, a confissão que nos prepara para isso e a sua tomada ou produção. O segundo ponto, como evitar o seu declínio, é explicado nos três capítulos que se referem à aplicação da *bodhichitta*, à vigilância e à paciência. O terceiro ponto, como desenvolvê-la continuamente unindo sabedoria e meios hábeis, é pormenorizado nos capítulos sobre a perseverança, a contemplação e a sabedoria transcendente. O décimo capítulo é a dedicatória, graças à qual os méritos resultantes da *bodhichitta* tornam-se inesgotáveis e não param de aumentar.

[Adaptado de Dalai Lama, *Como um relâmpago rasgando a noite: As grandes linhas do budismo*. Traduzido por Marta Roldão. Lisboa: Instituto Piaget, 1992. Pág. 41-42.]

A Vida de Shantideva (Bhusuku) I

por Khenpo Künzang Palden

Esta história é um extrato da vida de Shantideva tirado do comentário ao Bodhicharyavata intitulado *A Gota de Elixir — Palavras do Mestre Manjushri*, do Khenpo Künzang Palden, que viveu nos finais do século XIX e princípios do século XX no Monastério de Gemang, em Dzachuka no Kham (Tibet Oriental). O próprio Künzang Palden inspirou-se na *História do Buddhismo na Índia* escrita por Jetsün Taranatha, bem como em outras fontes. As datas de Shantideva são incertas (690-760, segundo Mudiyanse) e, se identificarmos Shantideva com Bhusuku, poderia ter vivido no século IX.

Shantideva nasceu no século VII na antiga província de Saurashtra, na Índia. O seu pai, Kalyanavarman, que era o rei dessa província, chamou-lhe *Shantivarman*, **Armaduzo da Paz**. Desde a sua mais tenra idade, o príncipe manifestou profundo respeito pelos mestres espirituais e uma grande bondade pelos habitantes do reino, sobretudo pelos pobres e pelos doentes. Uma dia, encontrou um asceta que lhe ensinou a arte de meditar sobre Manjushri, o Buddha da Sabedoria, e pouco tempo depois Manjushri apareceu-lhe numa visão e abençoou-o.



Quando o rei morreu, a corte preparou em grande pompa a sagração do príncipe erigindo um majestoso trono. Mas na noite anterior à cerimônia, Manjushri apareceu ao príncipe em sonhos sentado nesse trono e lhe disse: "Meu filho, este trono é o meu. Sou o teu mestre espiritual, não é conveniente que partilhemos o mesmo assento." O príncipe acordou e compreendeu que não deveria reinar. Renunciando aos faustos da corte, fugiu e entrou na ilustre universidade budhista de Nalanda. Foi ordenado monge por Jayadeva, o principal dos quinhentos panditas, e recebeu o nome *Shantideva*, **Divindade da Paz**.

Sem que ninguém se desse conta, estudou os **Três Cestos** (*Tripitaka*), os ensinamentos do Buddha, e assimilou perfeitamente o seu sentido pela meditação. Compôs então dois tratados: o **Compêndio das Instruções** (*Shiksamucchaya*) e o **Compêndio dos Suttas** (*Sutramucchaya*), nos quais expôs a essência do seu saber e da sua própria realização. No entanto, aos olhos dos seus companheiros ele não passava de um ignaro preguiçoso a quem chamavam *Bhusuku* ("o que só sabe comer, dormir e defecar"). Todos achavam imoral alimentar esse "parasita" com as oferendas dos fiéis e decidiram fazer tudo se livrar dele.

Tendo-se posto de acordo, os monges proclamaram que cada um por sua vez devia pregar o Dharma. Pensavam assim que, para evitar ser humilhado, Bhusuku fugiria. Mas não só isso não aconteceu como, apesar da insistência dos seus colegas impacientes para o ridicularizar, ele recusou-se a pregar, argumentando a sua ignorância. O caso foi levado ao abade, que decidiu que o monge recalcitrante se submetesse à regra.

No grande átrio do templo prepararam então um trono inusitadamente alto, dispuseram um altar com numerosas oferendas e convocou-se a assembléia completa dos monges.

À hora prevista convidaram o "parolo" para se sentar. De repente, sem que ninguém se desse conta de como, Shantideva estava sentado em cima desse trono desmesurado. Alguns começaram a se sentir pouco à vontade.

Shantideva perguntou, "Devo comentar um texto conhecido ou devo dar um ensinamento inédito?" Os panditas olharam-se, surpreendidos e trocistas, e responderam, "A vossa aptidão a dormir e as vossas outras maneiras são realmente extraordinárias; o melhor é manter essa tradição específica. Improvisai-nos um discurso." Então, Shantideva expôs o **Caminho da Iluminação** (*Bodhicharyavatara*), também conhecido como **Guia para o Modo de Vida do Bodhisattva** (*Bodhisattvacharyavatara*), menor que o seu Compêndio das Instruções e mais detalhado que o seu Compêndio dos Sutas. Enquanto ensinava, a assistência, estupefata, viu Manjushri majestosamente sentado no céu e concebeu uma grande fé. Quando chegou à estrofe

Quando nem a realidade nem a não-realidade deixam de se apresentar à mente, então, na ausência de qualquer outra atitude possível, a mente liberta de conceitos tranqüiliza-se. [Capítulo 9, estrofe 34]

Shantideva elevou-se lentamente no céu com Manjushri, cada vez mais alto, até se tornar invisível. No fim do Caminho para a Iluminação, só se ouvia a sua voz. Os panditas, cuja memória tinha a reputação de infalível, imediatamente puseram o seu discurso por escrito, mas uns encontraram-se com setecentas estrofes, outros com mil e outros com mais ainda. A versão dos panditas de Kashmir tinha nove capítulos e setecentas estrofes, a versão dos panditas de Magadha tinha dez capítulos e mil estrofes. No seu discurso (capítulo 5, estrofes 105-106), Shantideva tinha dito que lessem continuamente o Compêndio das Instruções ou então que se estudasse, como abreviado, o Compêndio dos Sutas.

Ambos os textos eram desconhecidos de todos. Dois panditas de memória infalível decidiram procurar Shantideva. Depois de muitas buscas encontraram-no no sul da Índia, meditando junto a um relicário (*stupa*). Explicaram-lhe então longamente as razões da sua visita. Shantideva disse-lhes que a versão autêntica era a dos panditas de Magadha e que os dois compêndios estavam em Nalanda, nas traves do telhado da sua cela. Encantados, voltaram a Nalanda e encontraram no lugar indicado os dois manuscritos, escritos na fina caligrafia dos panditas. De novo voltaram para junto de Shantideva, que lhes explicou o sentido desses textos.

A existência extraordinária de Shantideva progrediu sempre. Percorreu a Índia realizando milagres, salvou milhares de pessoas da fome multiplicando o alimento, curou doentes e feridos, deu fé aos incrédulos e viveu como um perfeito Bodhisattva.

[Adaptado de *O Caminho para a Iluminação — Bodhicaryavatara*. Coleção Espiritualidades, série Budismo, sob a direção do Ogyen Kunzang Chöling. Escrito por Shantideva, tradução para o português por Filipe Valente Rocha e outros praticantes da escola do Budismo tibetano Ogyen Kunzang Chöling. Lisboa: Livros e Leituras, 1998. Pág. 51-57. O texto foi gentilmente transcrito por Sherab Chötso.]

A Vida de Shantideva (Bhusuku) II

por Abhayadattashri

Esta é uma recensão ligeiramente diferente da vida de Shantideva, sob o nome de Bhusuku, aparece na vida dos oitenta e quatro mahasiddhas escrita por Abhayadattashri, baseada nos cantos de Abhayashri e traduzida em tibetano. Este texto faz parte do *Tengyur*.

O filho mais novo de uma família real chegou à famosa academia monástica de Shri Nalanda para ser ordenado na ordem Mahasanghika. Mas ele tinha sido muito mimado enquanto criança e achou não só difícil como pouco razoável abandonar suas idiossincrasias anteriores. Enquanto seus amigos monges estudavam, ele ficava deitado na cama. Enquanto seus amigos passavam horas em meditação, ele passeava pelo jardim do monastério para fazer a digestão. Seu outro grande prazer era a hora da refeição, onde ele saboreava cada grão de suas cinco porções de arroz.

Seu jeito preguiçoso irritava profundamente seus companheiros, e eles passaram a chamá-lo *Bhusuku*, o **Indolente**. Por trás faziam fofocas sobre ele sem remorsos, diziam coisas igualmente rudes na sua cara, e alimentavam o desejo de que logo fosse descoberto.

Era costume em Nalanda que as escrituras fossem lidas todo o tempo, pela manhã, pela tarde e pela noite, em todas as estações. Para manter essa tradição, cada monge pegava seu turno sentando no templo sob o dossel de monges recitando sua parte memorizada dos sutras. Cada um fazia seu turno, sem exceção, menos Bhusuku, é claro. Como ele não tinha memorizado nada, ele geralmente perdia o turno. Numa instituição tão santa, a perturbação e inimizade que surgiram disto foram realmente surpreendentes.

Finalmente o comportamento escandaloso de Bhusuku gerou uma severa advertência do abade. Foi-lhe dito que se não tomasse jeito e pegasse seu turno como todos os outros, ele seria expulso do monastério. Vários monges taparam o sorriso com as mãos ao ouvirem isto, evidentemente esperando pelo pior.



"Mas eu não rompi nenhum voto," Bhusuku argumentou em defesa própria. "Sou apenas um mau erudito. Isto é razão suficiente para me expulsar?"

O abade foi irredutível. Cedo pela manhã seu turno chegou. Se ele perdesse sua recitação dessa vez, ele estava fora. Os monges se deleitavam. Muitas fofocas mesquinhas sobre a iminente queda de um certo preguiçoso inútil corriam pela academia.

Apesar de sua advertência, porém, o abade era um homem muito gentil, e tinha certa simpatia pelo malfeitor. Naquela noite, depois de todos irem para a cama sonhar com a gloriosa comédia que aconteceria na aurora, o abade foi até a cela de Bhusuku para dar alguns conselhos.

"Bem, meu filho," disse o abade, "tu estás bem enroscado por tua própria culpa. Gastastes muito tempo favorecendo teu estômago e sendo um vadio, tu certamente não aprendeste mais que uma meia dúzia de linhas de um ou outro sutra. Certamente falharás amanhã, ao menos que sigas meu conselho."

Bhusuku prostrou-se aos pés do abade e implorou por ajuda. "Qualquer coisa, senhor. Diga e farei."

"Muito bem," disse o abade, adicionando severo, "mas isso significa que não dormirás esta noite."

"Mesmo isto, senhor," disse o abalado monge.

"A única esperança para ti," disse o abade, "é passar a noite recitando o mantra de Manjushri, o Bodhisattva da Sabedoria. Deves recitar o *arapachana mantra* até os galos cantarem, e esperar pelo melhor." Ele então deu a Bhusuku os preceitos secretos da prática de Manjushri, a bênção do mantra e deixou o arrependido com sua tarefa.

Conhecendo bem sua fraqueza, Bhusuku tomou a precaução de amarrar a gola de seu robe ao teto com uma corda forte para que não tombasse de sono durante a noite. E toda a noite ele recitou o mantra que o abade havia ensinado — muitas e muitas vezes, até que ficou num estupor de fadiga.

Logo antes da aurora, sua cela repentinamente encheu-se de luz. Bhusuku sacudiu-se e decidiu que deveria ser o nascer do sol, e ali ele estava, nem um pouco mais esperto do que na noite anterior. Então, uma grandiosa voz ecoou do teto: "O que pensas que estás fazendo?"

Olhando para cima, o exausto monge viu uma figura enorme flutuando no ar sobre sua cabeça. "Estou invocando a ajuda do Senhor Manjushri para me ajudar a recitar um sutra hoje mesmo, e não aprendi nenhum. Mas quem és tu, e o que queres de mim?"

"Que pergunta idiota," respondeu o incomum convidado. "Tens estado me invocando por metade da noite."

"T-t-t-tu és o próprio Manjushri!", gaguejou o surpreso monge.

"O próprio. Agora me diz o que tu queres e me deixa continuar com as minhas coisas."

Bhusuku teria ido ao chão se pudesse, mas ainda estava amarrado ao teto, então colocou as mãos juntas no gesto de súplica, e implorou, "Por favor, grande senhor, garanta-me o poder e realização de cada qualidade da perfeita sabedoria."

"Feito!" disse Manjushri. "Recita teu sutra quando fores chamado." E ele desapareceu tão repentinamente quanto tinha surgido.

O boato era de que hoje Bhusuku estava prestes a fazer um papelão, e o Rei Devapala e toda sua corte vieram para o show. No altar havia grandes pilhas de flores cheirosas que todos os visitantes haviam trazido com eles.

A platéia estava cheia de risinhos e cochichos quando Bhusuku chegou no grande auditório. Eles surpreenderam-se quando ele caminhou confiante pela passarela e sentou-se no trono do templo — todos esperavam que ele caísse de cara no chão. Ao invés disso, chamou o dossel de monges e sentou-se em posição de lótus. Olhou para a platéia com grande calma e esperou que fizessem silêncio. Quando ficou claro que ele ao menos tinha chamado a atenção de todos, ele levitou no ar sobre o trono, e seu corpo começou a brilhar com grande força, iluminando todo o grande auditório.

Aqueles que vieram rir ficaram bobos de perplexidade. Entreolhavam-se apavorados.

Bhusuku cumprimentou o rei e perguntou, "Devo recitar um sutra tradicional, vossa majestade, ou preferiríeis algo de minha própria autoria?"

O rei começou a sorrir. "Disseram-me que teus hábitos alimentares são muito incomuns," ele disse, "e que teus hábitos de sono e tua predileção por passeios são objetos de grande maravilha para teus companheiros monges. Parece-me de acordo que mantendas teus padrões de originalidade e recites um sutra de própria autoria."

Ao que Bhusuku começou a compor e recitar o sublime e profundo discurso que veio a ser chamado *Bodhicharyavatara*, **O Caminho para a Iluminação**. Quando ele completou o décimo e último capítulo, ascendeu aos céus numa altura de sete palmeiras, inspirando renovada fé naqueles que estavam reunidos aquele dia.

"Este não é Bhusuku, o Indolente", exclamou o rei. "É um grande sábio". E renomeou o monge como *Shantideva*, **Divina Paz**.

As pessoas começaram a cobrir com flores os lugares onde os pés de Shantideva haviam tocado, e os eruditos humildemente requisitaram um

comentário sobre seu discurso. Shantideva o concedeu, mas quando os monges pediram para que fosse seu abade, ele recusou.

Naquela noite, ele deixou seus robes, sua tigela de esmolas, e todos os seus artefatos sagrados sobre o altar como oferendas, e partiu secretamente.

À noite, ele deixou seu manto, sua tigela de esmolas, e todos os seus artefatos sagrados sobre o altar como uma oferenda, e partiu secretamente. Viajando por muitas terras, ele finalmente chegou em Dhokiri, uma cidade de cerca de duzentas e cinquenta mil famílias. Ali ele fez para si uma bela espada de madeira e pintou-a com alguma tinta dourada. No dia seguinte ele seguiu até a corte, prostrou-se diante do rei, e pediu um lugar como espadachim na guarda do palácio. O rei decidiu que era um rapaz bem apessoado e o contratou sem hesitar, ao bom pagamento de dez "tolas" de ouro por dia.

Shantideva serviu o rei fielmente por doze anos. De dia vivia como qualquer outro soldado. À noite praticava sua *sadhana*, constantemente atento à natureza última da realidade. Todo outono, durante o grande festival da Deusa Mãe, Umadevi, ele acompanhou os guardas ao templo, como se ele mesmo fosse um devoto.

Ninguém havia percebido nada a respeito de sua verdadeira natureza até uma tarde quando todos estavam no depósito de armas polindo suas armas e reparando seus equipamentos. Um dos guardas olhou atentamente para a espada de Shantideva. Parecia ser feita de madeira! Pensando no próprio benefício, o guarda foi imediatamente relatar sua descoberta ao rei e expor o impostor. Shantideva foi requisitado à sala do trono.

"Mostra tua espada," pediu o rei.

"Estaria satisfeito em fazê-lo, senhor," disse Shantideva, "mas causarei um grande dano a ti se obedecer."

"Faz como digo!" ordenou o rei. "Que eu mesmo preocupe-me com os resultados."

Enquanto Shantideva buscava pela bainha, ele implorou, "Ao menos cubra um olho, senhor."

Rindo-se entre si, o rei e todos que ali estavam reunidos, cobriram um olho com a mão. Ao que Shantideva desembainhou a espada do estado desperto. Enquanto ele a apontava para cima, uma luz tão intensa quanto a de dez sóis preencheu todo o recinto, cegando cada olho desprotegido. Cada um ali, incluindo o rei, caiu de joelhos perante Shantideva, implorando o perdão e misericórdia do yogi.

Shantideva foi a cada pessoa na sala, começando com o mais baixo servo, e cuspidando em seu indicador, ele esfregou sua saliva curativa em cada olho machucado, restaurando magicamente a visão perdida. O rei implorou para que

ele ficasse como seu sacerdote do palácio, mas Shantideva recusou e partiu de Dhokiri naquele mesmo dia.

Ele tomou residência numa caverna nas montanhas isoladas e viveu ali praticando sua sadhana por algum tempo. Mas sempre acabava um objeto de curiosidade para caçadores e lenhadores que viviam nas redondezas, e eles mantinham-se atentos a suas atividades.

Um dia, um caçador real chegou à corte com um jogo raro para presentear ao rei e deixou dito que, com seus próprios olhos, ele havia visto Shantideva caçando e matando gazelas e comendo sua carne assada no espeto.

O rei imediatamente seguiu para as montanhas com um vasto séquito para investigar essas sérias acusações. Eles chegaram à Shantideva sentado em uma pele meditando em frente ao que parecia ser um simples muro de pedras.

O rei contou ao yogi o que havia ouvido, adicionando, "Tu que ensinastes o rei de Nalanda a engolir o próprio orgulho e que restaurou minha visão e a de minha corte, porque com tal poder a seu dispor tu machucas os seres vivos?"

"Eu não mato," disse Shantideva, "Eu curo." Ao que gesticulou com a mão no ar, e a parede de pedra atrás dele abriu-se, revelando a entrada de sua caverna. Dali saíam todos os tipos de animais imagináveis. Enquanto eles iam pulando para a floresta, eles pareciam se multiplicar perante os olhos perplexos do rei e do séquito até que as criaturas cobriram cada colina e encheram cada vale. E então elas desapareceram como se nunca tivessem existido.

"Todos os elementos da experiência são apenas sonhos e ilusões," explicou Shantideva. "Compreenda que todas as coisas são apenas produtos insubstanciais da imaginação, projeções da mente. Entra no caminho da liberação." E então recitou esse verso:

As gazelas de que me alimentei
Nunca existiram nessa terra;
Ainda assim, nunca deixaram de existir.
Se não há o que definimos como substância,
Então não pode haver caçador, nem caçado.
Não sou eu o preguiçoso por aqui.

Ao que Shantideva converteu o rei de Dhokiri, e colocou todo o seu povo no caminho da verdade. Ele serviu-os fielmente por cem anos antes de ascender ao Paraíso das Dakinis.

[Adaptado da tradução de Padma Dorje para Dowman, Keith e Beer, Robert Beer, *Buddhist Masters of Enchantment: The Lives and Legends of the Mahasiddhas*. Inner Traditions: Rochester, 1998. Pág. 128-132.]

O caminho para a iluminação

BODHISATTVACHARYAVATARA

SHANTIDEVA



Manjusri personificação da sabedoria

1. Elogio à Bodhichitta

A mente da iluminação ou *Bodhichitta* é o voto de atingir a iluminação com o fim único de libertar todos os seres do sofrimento e de conduzi-los ao estado de Buddha. Trata-se também do conjunto de práticas que permitem a realização deste voto. Os capítulos 1, 2 e 3 explicam como desenvolver a Bodhichitta. Os capítulos 4, 5 e 6 explicam como mantê-la. Os capítulos 7, 8 e 9 explicam como aumentar a Bodhichitta. Finalmente, o capítulo 10 trata da dedicação dos méritos.]

[1] Homenagem aos Sugatas dotados do Dharmakaya. Homenagem aos seus filhos e a todos os que são veneráveis. Eis aqui, brevemente exposta, e segundo a tradição, a prática espiritual dos filhos dos Buddhas.

[*Sugata*, "chegado à felicidade", é um epíteto dos Buddhas ou "iluminados". *Dharmakaya*, "corpo absoluto", é um dos três corpos dos Buddhas, juntamente com o corpo de manifestação (*Nirmanakaya*) e o corpo de fruição (*Sambhogakaya*). Segundo os comentários, o Dharmakaya é considerado aqui como uma qualidade do Buddha. Segundo outros, o Dharmakaya corresponde aos ensinamentos (*Dharma*) de Buddha, e a frase seria: "Homenagem aos Sugatas [Buddhas], aos seus filhos [Sangha] e ao corpo do Dharma..." Os filhos dos Buddhas são os *Bodhisattvas*, "seres da iluminação" que progredem até o estado búddhico, aprofundando a sua realização da vacuidade unida à compaixão.]

[2] Tudo o que vou dizer já foi dito antes de mim, que sou fraco escritor. Sem pretensão de ajudar quem quer que seja, é com o intuito de ordenar a minha mente que vou escrever esta obra.

[3] Que ela ao menos sirva para aumentar a torrente da minha fé que favorece o que é bom. E se além disso alguém, parecido comigo, pousar aqui o seu olhar, ser-lhe-á também oferecido bom proveito.

[4] As condições favoráveis são muito difíceis de conseguir, elas que, uma vez encontradas, satisfazem todos os fins do homem. Se desde já não tirarmos proveito desta oportunidade, como poderá ela surgir de novo?

[As dez condições favoráveis são, juntamente com as oito liberdades, indispensáveis se quisermos progredir para a iluminação. As oito liberdades são: [1] não ter nascido nos infernos; [2] no mundo dos fantasmas famintos; [3] no reino animal; [4] entre os semideuses; [5] entre os deuses de longa vida; [6] entre os homens com visões errôneas; [7] em uma época obscura durante a qual nenhum Buddha tenha aparecido; [8] ou com uma deficiência mental que impeça a compreensão do sentido do Dharma. As dez condições favoráveis são: [1] ter uma existência humana; [2] ter nascido num lugar onde o Dharma existe; [3] possuir todas as faculdades físicas e mentais; [4] não agir em contradição com o Dharma; [5] ter fé nos que são dignos dela; [6] é também necessário que um Buda tenha aparecido durante a nossa era; [7] que ele tenha exposto o Dharma; [8] que os seus ensinamentos subsistam; [9] que eles sejam postos em prática; [10] e, enfim, que um mestre espiritual esteja presente para nos guiar.]

[5] Assim como numa noite em que as nuvens adensam ainda mais as trevas, o relâmpago pode às vezes brilhar, também às vezes, pelo poder dos Buddhas, o pensamento dos homens pousa por um breve instante sobre o bem.

[6] Assim, o bem é sempre frágil e o poder do mal tão forte e terrível... se não fosse a Bodhichitta, que outro bem o poderia vencer?

[7] Durante muitos Kalpas os Buddhas meditaram, até que, por fim, viram deste bem as benfeitorias que fazem transbordar de alegrias o imenso rio dos seres sencientes, numa inundação de felicidade.

[Segundo a cosmologia budhista, os mundos (*chakravala*) estão submetidos a um processo alternativo de formação e dissolução. O período que decorre entre o início de um mundo e a formação do mundo seguinte é chamado de *mahakalpa* (grande ciclo); este é formado por quatro períodos incomensuráveis (*asankhyeya-kalpa*) que correspondem às fases de formação, duração e dissolução do mundo, mais o período intermediário de caos que precede a formação de um novo mundo. Cada *asankhyeya-kalpa* contém vinte *antara-kalpas*. Um *antara-kalpa* é o período durante o qual a duração da vida humana, que é de dez anos à partida, cresce até a atingir a duração de um *asankhyeya-kalpa* e de novo decresce até dez anos. O fim de cada *antara-kalpa* é marcado por sete dias de guerra, sete meses de epidemias e sete anos de fome.]

[8] Quem queira passar além das imensas dificuldades desta vida, afastar todas as dores das criaturas e desfrutar centenas e centenas de alegrias, que jamais abandone a Bodhichitta.

[9] Qualquer infeliz, acorrentado à prisão das existências, é, nesse mesmo instante, proclamado Filho dos Buddhas; hei-lo venerável aos olhos dos deuses e dos homens assim que nele surge a Bodhichitta.

[10] Pegando neste corpo impuro, faz dele a inestimável imagem de ouro que é um Buddha. Por isso, guardai com fervor este elixir alquímico que se chama Bodhichitta.

[11] Ela foi vista e reconhecida de valor supremo pela vasta inteligência dos guias sublimes da caravana humana. Guardai-a firmemente, esta jóia que é a Bodhichitta, oh vós que desejais romper com o fado dos seres sencientes!

[12] Assim como uma árvore que morre ao dar o seu fruto, todos os outros méritos se acabam. Só a Bodhichitta é uma árvore que sempre frutifica e nunca se esgota.

[A árvore referida é uma bananeira-da-terra. A palavra tibetana para esta planta é *chushing*, que significa "árvore da água". Designa uma planta freqüente na Índia que é oca e morre ao dar o seu fruto.]

[13] O mais execrável dos criminosos, se se apoiar nela, liberta-se nesse mesmo instante, como quem se livra de um grande perigo protegido por um herói. Como pode haver gente inconsciente que não se refugie na Bodhichitta?

[14] Como o incêndio do fim do mundo, a Bodhichitta consome num ápice os maiores erros; os seus infinitos benefícios foram expostos pelo sábio Maitreya a Sudhana.

[Ver o *Gandavyuha Sutra*.]

[15] A Bodhichitta é dupla; ela é, em suma, o voto da iluminação e o partir para a iluminação.

[16] Elas têm entre si, segundo os sábios, a mesma diferença que há entre querer fazer uma viagem e se colocar a caminho.

[17] O voto da iluminação dá imensos frutos neste mundo, mas não é, ao contrário da partida para a iluminação, uma fonte contínua de méritos.

[18-19] Logo que a mente tenha abraçado com tenacidade o pensamento de libertar a vastidão ilimitada dos seres, mesmo que às vezes se distraia ou dissipe, o fluxo dos seus méritos continua sempre a aumentar, assim como a infinita vastidão do céu.

[20] Isso mesmo explicou Buddha no Discurso das Questões de Subahu, em proveito dos que apenas têm um ideal inferior.

[*Subahuparipriccha Sutra*; o original sânscrito perdeu-se e foi retraduzido do chinês. É dito neste discurso que, se o voto de libertar os seres impregnar totalmente a nossa mente, os nossos méritos não param de aumentar, mesmo durante o sono ou quando estamos distraídos.]

[21-22] Se aquele que formula o benemérito projeto de curar o simples mal-estar de uns poucos homens adquire um imenso mérito, muito mais adquirirá quem quer libertar a todos de um sofrimento infinito e que a todos quer dotar de infinitas qualidades!

[23] Qual é a mãe, qual é o pai capaz de um voto tão generoso? Qual o deva, qual o rishi, qual o brâmane?

[Os *devas* são os deuses de longa vida. Os *rishis*, segundo a tradição hindu, são os sábios inspirados que ouviram a palavra dos Vedas e a transmitiram ao mundo; formariam uma classe distinta entre os deuses e os homens. Os *brâmanes* são os membros da casta religiosa da Índia, considerada a mais elevada na tradição hindu.]

[24] Nunca nenhum deles fez, mesmo sonhando, semelhante voto para si próprio. Como o poderia imaginar para os outros?

[25] É extraordinária esta jóia da mente, voltada para o bem. O seu nascimento é totalmente inédito, se tivermos em conta que os outros nem sequer a concebem no seu próprio interesse!

[26] Fonte da alegria do mundo, remédio à dor do mundo, diamante espiritual, como medir todo o mérito que a Bodhichitta contém?

[27] Um simples voto para o bem do mundo vale mais do que a veneração do Buddha; quanto mais ainda se lhe juntarmos o esforço de propiciar a felicidade integral de todos os seres!

[28] Os homens querem escapar ao sofrimento e mergulham no sofrimento. Desejam a felicidade e destroem estouvadamente a felicidade, como se ela fosse o verdadeiro inimigo!

[29-30] Sequiosos de felicidade e torturados de mil maneiras... Quem os saciará com todas as alegrias, quem os arrancará de vez à tortura e acabará com esta loucura? Onde encontrar alguém de tamanha bondade, tal amigo, tal mérito?

[31] Se mesmo aquele que presta um serviço em pagamento de outro é louvado, o que dizer do Bodhisattva, que é generoso sem ser solicitado?

[O Bodhisattva liberta-se do *Samsara*, o ciclo das existências, desenvolvendo todas as qualidades da iluminação, mas ao mesmo tempo, por compaixão, manifesta-se para ajudar os seres. Jamais age com interesse pessoal; todas as suas ações, palavras e pensamentos são consagrados ao bem dos outros.]

[32-33] Quem oferece uma refeição de caridade a algumas pessoas ganha fama de benfeitor, só porque deu, durante alguns instantes e com desdém, um magro pitéu que mal dará sustento aos pobres durante meia jornada. O que dizer daquele que dá a um número infinito de seres, e durante um tempo infinito, a satisfação inultrapassável dos Sugatas, aquela que sacia todos os desejos?

[34] Qualquer pessoa que, diante deste anfitrião que é o Bodhisattva, desenhe em seu coração maus pensamentos, encontrar-se-á nos infernos e aí ficará por tantos os Kalpas quantos os maus pensamentos. Assim o disse Buddha.

[35] Mas quando o coração de alguém se lhe dirige com devoção, a esse ser-lhe-á servido um fruto ainda maior. Confrontado com as piores dificuldades, um Bodhisattva jamais se submete ao mau agir, enquanto que as suas boas ações se multiplicam sem esforço.

[36] Presto homenagem aos corpos dos Bodhisattvas, nos quais nasceu a jóia desta mente sublime [que é a Bodhichitta]. Tomo refúgio nestas minas de felicidade, que mesmo se as ofendemos nos dão ainda a felicidade.

[Adaptado de *O Caminho para a Iluminação — Bodhicaryavatara*. Coleção Espiritualidades, série Budismo, sob a direção do Ogyen Kunzang Chöling. Escrito por Shantideva, tradução para o português por Filipe Valente Rocha e outros praticantes da escola do Budismo tibetano Ogyen Kunzang Chöling. Lisboa: Livros e Leituras, 1998. Pág. 27-33. O texto foi gentilmente transcrito por Sherab Chötso.]

2. A Confissão

[1] Para conquistar esta jóia que é a Bodhichitta, presto homenagem aos Buddhas, à jóia pura do Dharma supremo e aos filhos dos Buddhas [Sangha], oceanos de mérito espiritual.

[*Dharma* é o conjunto dos ensinamentos dados pelos Buddhas e pelos mestres realizados que mostram o caminho para a iluminação. Há dois tipos: o Dharma das escrituras, que é o suporte destes ensinamentos, e o Dharma da realização, que é o resultado da prática espiritual. *Sangha* é a assembléia dos discípulos do Buddha.]

[2-6] Todas as flores e todos os frutos, as ervas medicinais e todos os tesouros do universo, as águas puras e deliciosas, as montanhas feitas de preciosas gemas, as encantadoras solidões dos bosques, as lianas lindíssimas ornadas de flores, as árvores com os ramos vergando sob o peso dos frutos, os perfumes dos mundos divinos e humanos, a árvore dos desejos e as árvores de pedrarias resplandecentes, os lagos espargidos de flores de lótus e suspensos no canto dos cisnes, as plantas silvestres e as de cultivo, e tudo o que é nobre ornamento disseminado na imensidão do espaço, tudo isto, que não pertence a ninguém, considero-o na minha mente e ofereço-o aos Buddhas, sublimes entre os seres e aos seus filhos. Possam aceitá-los, tão dignos são das mais belas oferendas! Possam os grandes compassivos ter compaixão de mim!

[Segundo as mitologias hindu e budhista, as árvores dos desejos ou *Kalpadrumas* são as cinco árvores celestiais que dão como fruto tudo aquilo que desejamos.]

[7] Não tenho o menor mérito e sou tão pobre que nada mais posso oferecer. Hajam por bem os protetores — sempre pensando no bem dos outros —, graças aos deus poderes, receber estas oferendas para o meu bem!

[8] Eu mesmo me ofereço para toda a eternidade aos Jinas e aos seus filhos. Admitam-me ao vosso serviço, oh seres sublimes! É com devoção que me faço vosso servidor.

[*Jina*, "vitorioso", "vencedor" ou "conquistador", é um epíteto dos Buddhas.]

[9] Agora, aceite ao vosso serviço, acabou-se o medo. Trabalho para o bem de todos os seres, escapei aos danos antigos e não renovo o nefasto agir.

[10-11] Em termas perfumadas e que encantam os olhos com as colunas esplêndidas de jóias, cortinas resplandecentes bordadas a pérolas e lajes de puro e brilhante cristal, com muitas jarras incrustadas de gemas preciosas, transbordando de água perfumada, ao som de cânticos e de música, preparo os banhos dos Buddhas e de seus filhos.

[12] Com toalhas sem igual, impregnadas de incensos, impecáveis e imaculadas, seco-lhes o corpo e visto-os, com túnicas sedosas e perfumadas.

[13] Com roupas etéreas, delicadas, finíssimas, esplendentes, e com profusos ornamentos, adorno Samantabhadra, Ajita, Manjushri, Lokeshvara e os outros Bodhisattvas.

[Samantabhadra é o Bodhisattva que simboliza a oração e a oferenda sem limites; o Bodhisattva Ajita-Maitreya é o Buddha do futuro; o Bodhisattva Manjushri personifica a sabedoria perfeita; e Lokeshvara, ou Avalokiteshvara, é o Bodhisattva da compaixão.]

[4] Com fragrâncias delicadas, de perfume penetrando até aos confins do universo, unjo os corpos de todos os Buddhas, resplandecentes como ouro purificado, lustroso e polido.

[15] Com todas as flores de perfume inebriante, o jasmim, o lótus azul e a eritrina, com graciosas guirlandas, honro os tão veneráveis Buddhas.

[16] Ofereço-lhes nuvens de incenso que alegram o coração, com o seu sutil e envolvente perfume. Presto-lhes homenagem com vasto sortido de alimentos e bebidas celestiais.

[17] Dispostos em leitos de lótus de ouro, acendo lamparinas de pedrarias preciosas e lanço, ao longo de lajes polidas de perfume, punhados de pétalas de flores encantadas.

[18] Ofereço a estes misericordiosos inconcebíveis palácios celestiais decorados de magníficas grinaldas de pérolas e de jóias, ornamentos de um céu sem limite, reverberando melodiosos hinos.

[19] Aos possantes Buddhas apresento altos pára-sóis com requintadas pedrarias, de cabos em ouro e grácil forma, incrustados de pérolas e de um brilho estonteante.

[20] Que se levanten nuvens de cantos e toadas que deleitam o coração, nuvens de oferendas que apaziguam a dor dos seres!

[21] Sobre todas as jóias do supremo Dharma, sobre Stupas e estátuas, caiam chuvas contínuas de flores, jóias e substâncias preciosas!

[As jóias do Dharma supremo são os doze tipos de textos sagrados: os ensinamentos orais do Buddha (*sutram*), os cantos versificados (*geum*), as profecias (*vyakaranam*), os poemas sagrados (*gatha*), as instruções enunciadas pelo Buddha sem que tenha sido solicitado (*udanam*), as explicações preliminares aos ensinamentos (*nidanam*), as parábolas (*avadanam*), as histórias e as lendas (*itivrittakam*), as histórias sobre as vidas anteriores do Buddha (*jatakam*), as explicações detalhadas (*vaipulyam*), os ensinamentos extraordinários (*adbhuta-dharma*), os ensinamentos essenciais e concludentes (*upadesha*). Stupas são relicários budhistas.]

[22] Assim como Manjushri e outros Bodhisattvas satisfizeram os Jinas com oferendas, também eu faço oferenda aos Buddhas e aos seus filhos.

[23] Com hinos lindos, marés de ritmos harmoniosos, exalto os que são oceanos de mérito; que sem cessar estes cânticos de louvor se levantem em revoada para eles!

[24] Prostro-me diante dos Buddhas dos três tempos, do Dharma e da suprema Sangha, com tantos os corpos quantos os átomos que hajam em todos os Campos de Buddha.

[Os três tempos são o presente, o passado e o futuro. Os campos de Buddha (*Buddhakshetra*), ou terras puras, são os mundos onde os Buddhas aparecem e ensinam. Há uma infinidade para além do nosso mundo terrestre, que é considerado o ampo do Buddha Shakyamuni.]

[25] Salve todos os Stupas e todos os suportes do Bodhichitta! Homenagem aos mestres espirituais e aos ascetas veneráveis!

[26] Refugio-me no Buddha até ao coração da iluminação; refugio-me no Dharma e na vasta Sangha dos Bodhisattvas.

[Esta é a fórmula de refúgio nas Três Jóias.]

[27] Com as mãos juntas, dirijo-me aos Bodhisattvas misericordiosos e aos Buddhas que vivem em todas as direções do espaço.

[Aqui começa a confissão das ações negativas (*papadeshana*) que dá o título a este capítulo. O que precede é designado pelas expressões de homenagem (*vandana*) e oferenda (*pujana*).]

[28-29] Todo o mal que fiz ou causei, embrutecido e estúpido na eternidade das transmigrações ou na presente vida, todo o mal que na minha cegueira aprovei, para minha perdição, confesso-o, consumido de remorsos.

[30-31] Todas as ofensas que cometi, subjugado pelas emoções, em ultraje às Três Jóias ou contra o meu pai e mãe, contra os mestres e todos os demais, quer por atos, palavras ou pensamentos; todo esse pernicioso agir que cometi, afligido pelos múltiplos vícios, tudo isto confesso, oh condutores do mundo!

[32] Como escapar a estas faltas? Apressai-vos para me salvar, não vá a morte chegar e eu por me redimir!

[33] É que a morte não se perde em considerações pelo que está ou não por fazer. Que ninguém se fie nela, de boa saúde ou doente, a vida pode partir de improviso.

[34] Vezes sem conta o prazer e o desagrado foram para mim ocasião de mal agir. Como pude esquecer que um dia teria de abandonar tudo e partir?

[35] Os que me incomodaram já não estarão aqui, os que me agradaram também não, e até eu já não existirei; aliás, nada subsistirá.

[36] O que agora percebo não passará de uma lembrança, assim como as coisas que nos atravessam os sonhos, passageiras, fugazes... nunca mais as veremos.

[37] Durante a minha permanência neste mundo, muitos se foram, uns amigos, outros inimigos, mas o mal que cometi por causa deles continua sempre presente, como uma ameaça que não me larga.

[38] Estou de passagem nesta terra, foi isso que não compreendi. Quanto mal não cometi por ignorância, por apego ou por ódio...

[39] Noite e dia, sem parar, a vida vai escorrendo e nenhum ganho a fará crescer: é tão inevitável morrer!

[40] Aqui mesmo, deitado no leito, ainda que rodeado pelos meus, terei de suportar sozinho os sofrimentos da agonia.

[41] Quando somos agarrados pelos mensageiros de Yama, o senhor da morte, de que valem parentes e amigos? Só o bem me pode trazer a salvação, mas o bem, esqueci-me de praticá-lo...

[O senhor da morte é Yama Dharmaraja, cujos enviados vêm atormentar os seres depois da morte e, se tal for o karma desses seres, os empurram para os reinos inferiores.]

[42] Por apego a esta vida efêmera, por ignorância do perigo, por frivolidade, fiz muito mal, oh protetores!

[43] O condenado que arrastam para lhe cortarem um membro está crispado pelo terror, a sede devora-o, a vista foge-lhe e fica transfigurado.

[44] Que será de mim quando os terríveis mensageiros de Yama me agarrarem, esgazeados pelo medonho assombro e pelo terrível desprezo?

[45] Os meus olhos, desorbitados pelo terror, procurarão em todos os cantos maneira de me salvar. Quem, por bondade, me virá livrar deste enorme perigo?

[46] Vendo o espaço vazio de qualquer socorro, mergulhando numa obscura loucura, ai de mim, que farei nesse lugar tenebroso?

[47] É desde já que apelo aos possantes guardiões do mundo, aos Jinas que dissipam todos os medos e guardam uma constante diligência para a proteção do mundo!

[48] Apelo do fundo do coração ao Dharma por eles realizado, que destrói os medos da transmigração, e apelo à multidão dos Bodhisattvas.

[49] Perdido de medo, entrego-me a Samantabhadra; dou-me inteiramente a Manjushri.

[50] Ao protetor Avalokiteshvara, cujos atos são todos eles conduzidos pela compaixão, lanço o meu grito de dor e de medo: protegei-me, a mim, o malfeitor!

[51] Ao nobre Akashagarbha e a Kshitigarbha, a todos os protetores compassivos, suplico: guardai-me!

[52] E àquele cuja simples aparição aterroriza e põe em fuga nas quatro direções os mensageiros da morte e os outros opressores, saudações a Vajrapani.

[Vajrapani, com Manjushri e Avalokiteshvara são os três Bodhisattvas chamados protetores das Três Famílias.]

[53] Transgredi a vossa palavra e agora, estarrecido face ao perigo, refugio-me em vós; apressai-vos a escorraçar este perigo!

[54] Se quando receamos uma simples doença passageira, seguimos sem violar a prescrição do médico, quanto mais quando estamos corroídos pela cobiça e pelas quatrocentas e quatro doenças.

[55] Ora, há doenças para as quais o universo inteiro não contém remédio e das quais uma só bastaria para destruir todos os habitantes do Jambudvipa.

[Jambudvipa é o nosso mundo, ao sul do Monte Meru.]

[56] E eu violo a palavra do médico onisciente que cura todas as dores! Que vergonha, que insensatez!

[Médico onisciente é um epíteto do Buddha.]

[57] Se sigo com tanta prudência quando caminho à beira de um precipício, porque sou tão desleixado nesta beira inferno, se este abismo é fundo de milhares de léguas e se estende na imensidão do tempo?

[58] "A morte não há de chegar hoje!" Que falsa certeza! A hora de deixar tudo aproxima-se, inexorável!

[59] Quem acalmará o meu terror? Como poderei escapar? Virá o dia em que deixarei de existir! Como a minha mente pode estar tranqüila?

[60] Que fruto me restará de todos os prazeres de outrora, hoje abolidos, nos quais me regoziquei, em despeito da palavra do mestre?

[61] Ao deixar o mundo dos vivos, deixando parentes e amigos, irei só, mas não sei para onde. Que me importam então amigos ou inimigos?

[62] Uma só preocupação me deve ocupar noite e dia: as ações negativas produzem necessariamente a dor; como hei de me livrar delas?

[63-64] Os atos inconfessáveis que cometi por ignorância ou loucura, atos que são negativos por natureza ou por transgressão dos preceitos, confesso-os a todos, com o devido respeito e receio, as mãos juntas e prostrando-me sem cessar diante dos protetores.

[Os atos negativos por natureza são nomeadamente o ato de matar, o roubo, a má conduta sexual, a mentira, a violência verbal, a malvadez, etc. As transgressões dos preceitos são as faltas à regra monástica, para os que tomaram votos.]

[65] Que os guias conheçam as minhas faltas assim como elas são. Este mal, ó protetores, nunca mais o voltarei a cometer.

[Adaptado de *O Caminho para a Iluminação — Bodhicaryavatara*. Coleção Espiritualidades, série Budismo, sob a direção do Ogyen Kunzang Chöling. Escrito por Shantideva, tradução para o português por Filipe Valente Rocha e outros praticantes da escola do Budismo tibetano Ogyen Kunzang Chöling. Lisboa: Livros e Leituras, 1998. Pág. 33-43. O texto foi gentilmente transcrito por Sherab Chötso.]

3. Adotar a Bodhichitta

[1] Felicito-me pelo bem feito por todos os seres, graças ao qual eles se livram dos sofrimentos dos lugares de tormento; que eles sejam felizes!

[2] Regozijo-me pelos seres que acumulam méritos pois são a causa da iluminação para eles. Que todos obtenham a libertação definitiva do doloroso ciclo das existências.

[3] Rejubilo com a iluminação dos Buddhas e com os níveis de realização dos seus filhos, os Bodhisattvas.

[Este verso não figura na versão de Louis Finot.]

[4] Regozijo-me com os pensamentos virtuosos, vastos e profundos como o mar, desaguando na felicidade dos seres, e com os atos que concretizam o bem dos seres.

[5] Com as mãos juntas, suplico aos Buddhas de todo o universo: acendei a lâmpada do Dharma para todos aqueles que estão perdidos e que caem no abismo da dor.

[6] Com as mãos juntas, imploro aos Buddhas desejosos de se extinguir — ficai ainda entre nós, por ciclos sem fim, para que o mundo não fique mergulhado na cegueira.

[7] Tendo realizado tudo isto, e pela virtude do mérito que assim adquiri, possa eu ser para todos aquele que apazigua a dor.

[8] Possa eu ser para os doentes o remédio, o médico e o enfermeiro, até à extinção da doença!

[9] Possa eu, em revoadas de alimentos e bebidas, atenuar o suplício da fome e da sede e, nos períodos de grande penúria dos antaraKalpas, ser eu próprio a comida saciante e a bebida desalterante.

[10] Possa eu ser para os pobres um tesouro inesgotável, resposta sempre pronta para tudo o que lhes falte!

[11] Todos os meus corpos e bens, todo o meu mérito do passado, do presente e do futuro, tudo abandono sem hesitar para que o benefício de todos os seres seja atingido.

[12] O Nirvana é a renúncia a tudo e a minha mente ao Nirvana. Se devo tudo abandonar, mais vale dá-lo aos outros!

[13-17] Que nunca seja estéril o meu encontro com alguém! Entrego este corpo ao capricho de todos os seres. Que o maltratam, ultrajem, castiguem e cubram de pó! Façam sempre dele um brinquedo, um objeto de escárnio e de chalaça!

Que me importa, se lhes dei o meu corpo? Obriguem-no a fazer tudo o que vos seja agradável! Mas que nunca vos seja ocasião de dano. E se alguém se irrita contra mim ou me quer bem, que isso mesmo sirva para a realização dos seus votos! Oxalá os que me caluniam e magoam, os que se riem de mim e todos os demais recebam a iluminação!

[18-20] Possa eu ser o protetor dos abandonados, o guia dos que caminham e, para os que aspiram à outra margem, ser a caravela, a barca ou a ponte. A ilha dos que buscam uma ilha, a lâmpada dos que precisam de lâmpada, o leite de quem queira um leite, o escravo de quem queira um escravo. Ser a pedra do milagre, a jarra do tesouro inesgotável, a fórmula mágica, a planta que cura, a árvore dos desejos, a vaca da abundância!

[A pedra do milagre (*chintamani*) tem o poder de concretizar os nossos pensamentos; a jarra do tesouro inesgotável (*bhadraghata*) contém tudo o que se deseja; a fórmula mágica (*siddhavidya*) permite ter êxito em todos os empreendimentos; a planta que cura (*maha-ushadi*) é um remédio universal; a árvore dos desejos (*Kalpavriksha*) e a vaca da abundância são duas das maravilhas celestes: uma tem como frutos e a outra dá como leite tudo o que se deseja.]

[21-22] Como a terra e os outros elementos servem os múltiplos propósitos dos seres em número vasto como o céu, na vastidão do espaço sem fim, possa eu também ser de todas as maneiras útil aos seres que povoam o espaço, por todo o sempre, até que todos sejam libertos!

[23-24] Assim como os Buddhas precedentes adotaram a Bodhichitta e gradualmente a foram praticando, farei nascer em mim a Bodhichitta para o bem do mundo e, uma a uma, exercitar-me-ei em todas as práticas que o preparam.

[25] Tendo deste modo abraçado firmemente a Bodhichitta, o sábio, para favorecer o seu desenvolvimento, deve-o encorajar ainda e ainda refletindo assim:

[26-27] "Hoje o meu nascimento chegou à maturidade e recebo pleno proveito da minha qualidade de ser humano. Hoje, nasci na família dos Buddhas, hoje sou um filho de Buddha. Agora, resta-me agir em conformidade com um homem que respeita o costume da sua família; não receba ela de mim uma mancha que altere a sua pureza."

[28] Como um cego que encontra uma jóia num monte de esterco, em mim surgiu, não sei como, esta Bodhichitta.

[29-32] É um elixir que nasce para abolir a morte do mundo, um tesouro inesgotável que acaba com a miséria do mundo, um remédio incomparável que tira a doença do mundo, uma árvore sob a qual o mundo repousa, cansado de errar pelos caminhos da vida, uma ponte aberta a todos os que chegam, para os conduzir para além das vias dolorosas, uma lua espiritual em luar que refresca do escaldão das emoções negativas do mundo, um imenso sol que

dissipa as trevas da ignorância, uma nova e untuosa manteiga, filha da nata bem batida do leite do bom Dharma.

[33] Eis preparado o banquete da alegria para a longa caravana humana que segue pelos caminhos da vida, faminta de felicidade. Venham todos saciar-se!

[34] Hoje, na presença de todos os Protetores, convido toda a gente ao estado de Buddha e, até lá, à felicidade! Que os Devas, Asuras e os demais se regozijem!

[Os *Asuras*, também chamados de semideuses, antideuses ou titãs, batalham constantemente contra os *Devas* (deuses de longa vida), de quem invejam as riquezas.]

[Adaptado de *O Caminho para a Iluminação — Bodhicaryavatara*. Coleção Espiritualidades, série Budismo, sob a direção do Ogyen Kunzang Chöling. Escrito por Shantideva, tradução para o português por Filipe Valente Rocha e outros praticantes da escola do Budismo tibetano Ogyen Kunzang Chöling. Lisboa: Livros e Leituras, 1998. Pág. 45-49. O texto foi gentilmente transcrito por Sherab Chötso.]

4. Aplicar a Bodhichitta

[1] Tendo assim firmemente abraçado a Bodhichitta, que o Bodhisattva, sem olhar para canseiras, se esforce para não transgredir a regra.

[2-3] Empreendimento que tomamos precipitadamente, sem reflexão madura, podemos, mesmo após promessa, realizar ou abandonar. Mas o que foi examinado pelos Buddhas e Bodhisattvas em toda a sua sabedoria, e também atentamente por mim, porque razão adiá-lo?

[4] Se depois de o ter prometido, não o realizo realmente, enganando assim todos os seres, qual será o meu destino?

[5] "Aquele que pensou em dar e não deu, tornar-se-á um fantasma faminto", dizem, e isto mesmo no caso de uma ninharia.

[6] Quanto mais se, tendo proclamado a bom som e do fundo do coração a felicidade suprema, vier a enganar o mundo inteiro. Como poderei encontrar um destino afortunado?

[7] Só o onisciente [Buddha] conhece o insondável curso do karma, que liberta os homens, mesmo quando abandonam a Bodhichitta.

[8] Mas num Bodhisattva esta falha é muito grave, pois, quando falha, está destruindo o bem de todos os seres.

[9] E quem faz barreira à atividade de um Bodhisattva, ainda que por um instante, renascerá sem fim nos lugares de tormento, pois no fundo está atacando o bem de todos os seres.

[10] Se quando comprometemos o bem de um único ser o nosso bem fica comprometido, quanto não ficará quando se trata de todos os seres que povoam a imensidão infinita do espaço?

[11] Assim derivando pelo oceano das existências, ora arrastado pelas vagas do errar, ora pela força da Bodhichitta, recuando e adiando o aportar às terras.

[Aqui, Shantideva faz um jogo de palavras entre os dois sentidos da palavra *bhumi*: "terra" e "nível" (estágio) na progressão espiritual do Bodhisattva.]

[12] Portanto, farei escrupulosamente o que prometi! Se hoje mesmo não fizer um esforço, irei de mal a pior.

[13] Vieram Buddhas sem conta, procurando por todo o lado onde houvesse seres a socorrer, mas por minha falta nunca estive no alcance do seu poder de curar.

[14] Se agora continuar como sempre fui, o meu fado será os lugares de tormento, a servidão, as mutilações e as lacerações.

[15] Quando voltarei a reunir o aparecimento de um Buddha, a fé, a condição humana, a aptidão à prática do bem, todas estas coisas tão difíceis de obter?

[16] A saúde, o pão nosso de cada dia, o dia-a-dia, com o seu quinhão de segurança, esta vida efêmera, tudo isto é tão enganador... este corpo mais parece uma coisa emprestada.

[17] Uma coisa é certa: não é com uma conduta como a minha que se obtém de novo o nascimento humano e fora dele só o mal me espera. E, nesse caso, de onde viria o bem?

[18] Se não o praticar agora, que sou capaz, como o farei mais tarde, quando estiver embutido pelo sofrimento dos destinos funestos?

[19] A simples menção da palavra "felicidade" é abolida por centenas de milhões de Kalpas para quem acumula o mal e não pratica o bem.

[20] Por isso o Bhagavan disse, "É tão raro obter a condição humana como é difícil a uma tartaruga enfiar o pescoço no buraco de um jugo à deriva no oceano."

[Esta comparação, muito freqüente nos textos budistas, é desenvolvida no *Sutralamkara* de Ashvagosha.]

[21] Por uma falta de um instante ficamos um ciclo inteiro no inferno Avichi. Diante das más ações acumuladas desde tempos infinitos, como falar de felicidade?

[Avichi é o mais intenso dos dois infernos quentes.]

[22] Se ao menos bastasse sofrer as conseqüências deste agir para se livrar dele, mas não, porque enquanto as suportamos continuamos a acumular más ações.

[23] Não há pior loucura ou desatino do que ter encontrado uma ocasião semelhante e não a aproveitar para a prática do bem.

[24] E se depois de o ter compreendido, sucumbo à indolência, por estupidez, condeno-me a mim próprio ao sofrimento no momento da morte.

[25] Por muito tempo o meu corpo arderá no insuportável fogo do inferno; por muito tempo a minha mente rebelde será devorada pelo fogo do remorso. Não há qualquer dúvida: é assim!

[26] Subi, não sei como, a esta terra favorável, tão difícil de alcançar, e não é que, conscientemente, sou reconduzido aos mesmos infernos?

[27] Está visto que perdi o juízo! Não sei que feitiço me cega, quem me transtorna, quem se esconde dentro de mim?!

[28] A cobiça, o ódio e as demais emoções negativas são inimigos sem mãos e sem pés, desprovidos de coragem e inteligência; como é possível que me tenha tornado escravo delas?

[As emoções negativas, ou *kleshas*, são todos os acontecimentos mentais que perturbam e obscurecem a mente, que nos fazem perder o controle. Estes "venenos interiores" são a causa de todos os nossos sofrimentos. São principalmente a cobiça, o ódio, a ignorância, o orgulho e a inveja.]

[29] Emboscados na minha mente, atacam-me a seu bel-prazer e eu nem sequer me irrita! Basta! Que paciência absurda!

[30] Mesmo que tivesse como inimigos todos os Devas e todos os Asuras, juntos não seriam capazes de me arrastar para o inferno.

[31] Mas as emoções negativas, esses poderosos inimigos, lançam-me, num piscar de olhos, num fogo tal que até o monte Meru derreteria sem deixar a mais pequena cinza.

[Na mitologias hindu e buddhista, o Monte Meru ou Sumeru é a a montanha axial do Universo, feita de puro cristal no leste, de safira no sul, de rubi no oeste e de ouro no norte.]

[32] Nenhum outro inimigo tem uma vida tão longa, como a longa vida, sem princípio nem fim, destas minhas inimigas, as emoções negativas.

[33] O homem paga o bem com o bem; mas as emoções negativas, a quem as serve, apenas lhes reserva a pior das desgraças.

[34] O seu ódio é constante e vivaz, elas são a única fonte da torrente das misérias e vivem na minha mente! Como posso viver em paz?

[35] Guardiãs da prisão da transmigração, carrascos dos seres nos infernos e nos outros lugares de tortura, enquanto forem hóspedes da casa da minha mente, na jaula da minha cobiça, como poderei saborear a alegria?

[36-38] Por isso, não baixarei os braços até ver estes inimigos aos meus pés, completamente aniquilados. Por uma coisa de nada, os orgulhosos são capazes de perseguir um adversário e nem dormem enquanto não o esmagam. Na frente de batalha desferem golpes terríveis a uns infelizes que, de qualquer modo, a natureza já tinha condenado ao suplício da morte. Querem lá saber das dores, das feridas, das flechas e das lanças! Sem darem as costas, continuam sempre até vencer. E eu, que me ergui para vencer os meus inimigos naturais, autores constantes de todas as minhas dores, por que razão me deixo levar pelo desespero e pelo abatimento, mesmo à custa de centenas de misérias?

[39] Há quem exiba as inúteis cicatrizes feitas pelos inimigos. Como posso eu, que me levantei para realizar um alto feito, desanimar perante os sofrimentos?

[40] Os párias, os lavradores e os pescadores, com a mente concentrada nos meios de subsistência, são capazes de suportar o calor, o frio e todas as outras misérias. Porque eu não hei de suportá-los também, para o bem do mundo?

[41] Decidi libertar das emoções negativas o mundo inteiro, nas dez direções do espaço, mas nem sequer libertei a mim!

[42] Errei ao apreciar o meu valor, falei como um insensato; mas agora, esforçar-me-ei sem parar e, sem voltar atrás, destruirei as emoções negativas.

[43] Serei um guerreiro implacável, obcecado com uma única idéia: perseguir com ódio feroz todo e qualquer emoção [negativa], menos a emoção de acabar com todas [elas].

[44] Que seja queimado vivo, que caia a cabeça cortada, mas nunca mais me vergarei perante estes inimigos que são as emoções negativas!

[45] Um inimigo expulso pode encontrar asilo noutra parte, reunir forças e voltar a atacar; mas para o inimigo chamado emoção negativa, não existe tal refúgio.

[46] Depois de escorraçado, em que lugar poderia este hóspede da minha mente preparar a minha ruína? A minha única asneira é ser indolente. As emoções negativas não passam de vil canalha que foge à vista da sabedoria.

[47] As emoções negativas não vivem nos objetos e não vivem nos sentidos, nem tão pouco no intervalo, nem em parte alguma. Onde estarão instaladas para atormentar o mundo inteiro? Simples ilusões! Oh, minha mente, abandona todo o receio e esforça-te até à sabedoria! Porque te atormentas desnecessariamente nos infernos?

[Adaptado de *O Caminho para a Iluminação — Bodhicaryavatara*. Coleção Espiritualidades, série Budismo, sob a direção do Ogyen Kunzang Chöling. Escrito por Shantideva, tradução para o português por Filipe Valente Rocha e outros praticantes da escola do Budismo tibetano Ogyen Kunzang Chöling. Lisboa: Livros e Leituras, 1998. Pág. 51-57. O texto foi gentilmente transcrito por Sherab Chötso.]

5. Guardar a Vigilância

[1] Quem queira respeitar a regra tem de vigiar a mente com atenção; a regra é impossível de observar para quem não domina a instabilidade da mente.

[2] Mesmo os elefantes selvagens na voragem do cio provocam menos desgraças que este elefante, a mente desenfreada, em Avichi e nos outros infernos.

[3] Mas se o elefante da mente for bem agarrado pela rédea da atenção, todo o perigo se desvanece e todo o bem se oferece.

[4-5] Tigres, leões e elefantes, ursos e serpentes, todos os inimigos, todos os carcereiros dos infernos, fúrias e vampiros, todos são agarrados quando a mente é agarrada, todos são domados quando a mente é domada.

[6] E porquê? Porque todos os perigos e toda a panóplia de sofrimentos procedem da mente e só da mente, assim o disse o verídico [Buddha].

[7] Quem fabricou com empenho os engenhos do inferno? E quem o revestiu de ferro ao rubro? E essas mulheres vampiros, de onde vêm?

[Nos infernos, os adúlteros sentem um impulso irresistível de subir à gigantesca árvore *Kutashalmadi*, onde mulheres com dentes de ferro os agarram em abraços que os despedaçam.]

[8] Tudo isso procede da perversidade da mente, disse o Buddha; assim, ela é a única coisa a temer neste mundo.

[9] Se a perfeição da generosidade consistisse em enriquecer o mundo, os salvadores ancestrais [Bodhisattvas] não a teriam possuído, uma vez que o mundo continua pobre.

[10] O pensamento de sacrificar tudo o que se tem a todos os seres, bem como o fruto desse sacrifício, é o que se chama perfeição da generosidade; ela é, portanto, mente e nada mais.

[11] Para termos a certeza de que ninguém os vai matar, onde podemos guardar os peixes e os outros animais? A perfeição da ética é renunciar a fazer mal.

[12] Quantos malfeitores serei eu capaz de matar, se há tantos como a vastidão do espaço infinito? Mas quando eu matar a mente de cólera, todos os inimigos cairão no mesmo instante.

[13] Onde encontrar um pedaço de couro tão grande que cubra a terra inteira? Não bastará a sola de uma sandália?

[14] Assim, nunca poderei dominar os fenômenos exteriores, mas, na minha mente, ganharei mestria! Que me importam as outras mestrias?

[15] O corpo e a fala são de menos valia, de modo algum conseguem o que uma mente clara consegue por si só, como a dignidade de Brahma e outras recompensas.

[16] Orações, asceses prolongadas, tudo é vão quando a mente está distraída e confusa, disse o onisciente.

[17] Para abolir o sofrimento e alcançar a felicidade, em vão seguem errando à toa os que não conhecem o segredo da mente, o ensinamento supremo e essencial.

[18] A minha mente tem de ser claramente guardada e vigiada: sem esta prática de controlar a mente, as outras nada valem.

[19] Assim como uma pessoa magoada e rodeada de gente descuidada protege a sua ferida com cuidado, assim, rodeados de malfeitores, devemos proteger a nossa mente como se ele fosse uma ferida em carne viva.

[20] Com medo de sentir a menor pontada de dor, protejo com todo o cuidado um ferimento. Porque será que, estando ameaçado pelas montanhas que esmagam, nunca me lembro de proteger esta chaga que é a minha mente?

[Montanhas que esmagam são montanhas do inferno que, aproximando-se entre si, esmagam os danados.]

[21] Agindo conforme esta regra de conduta, o asceta, mesmo rodeado de malfeitores ou entre um rancho de mulheres, permanece firme e tranqüilo.

[22] Que me importa perder toda a minha fortuna, todas as honrarias, a própria vida e mesmo qualquer outro bem espiritual, mas perder a minha mente, isso nunca!

[23] Aos que querem controlar a mente, dirijo esta minha súplica: "Guardem com toda a força a atenção e a vigilância!"

[24] Assim como um homem perturbado pela doença é incapaz de agir, a mente perdida e dispersa é incapaz de qualquer ação.

[25] Se a mente vagueia na distração, tudo o que o estudo, a reflexão e a meditação puderem produzir, esvai-se da memória como a água de um vaso rachado.

[26] Muitos são os homens instruídos, crentes e zelosos, que, por falta de vigilância, se expõem às máculas da transgressão.

[27] A inconsciência é um ladrão sempre à espera de um eclipse da atenção; assim, despojados do mérito acumulado, caímos nos destinos fatais.

[28] As emoções negativas são um bando de piratas à procura de uma passagem; se a encontram, pilham-nos toda a virtude e arrasam a fortuna, que é um renascimento nos mundos superiores.

[29] Oh atenção, nunca te afastes da porta da mente! Recordemos os suplícios dos mundos inferiores para a fazer voltar, caso ela se afaste.

[30] Felizes os que agem com cuidado e consideração no respeito pelas instruções de seus mestres! Da convivência com os mestres nasce facilmente a atenção.

[31-32] "Os Buddhas e os Bodhisattvas pousam o seu olhar sobre todas as coisas, tudo lhes é presente e também eu estou na sua presença." Com este pensamento, que a nossa conduta reflita modéstia, respeito e receio. Façamos com que a lembrança dos Buddhas nos venha a cada instante.

[33] Quando a atenção permanece à porta da mente para a guardar, a vigilância vem e, mesmo que se afaste, rapidamente volta.

[34] Portanto, antes de mais, devo estar consciente do meu estado de mente e, se em falta, devo permanecer imóvel e sossegado como uma tora.

[35] Sem espreitadelas inúteis para aqui e acolá, devo guardar o olhar ligeiramente baixo e a mente em recolhimento.

[36] Para repousar a vista, podemos ocasionalmente contemplar o horizonte e quando percebemos a sombra de um viandante podemos levantar o olhar para o saudar.

[37] A caminho, para nos darmos conta de eventuais obstáculos, podemos examinar sempre que necessário os quatro pontos cardeais. Quando repousamos, podemos voltar-nos e olhar para trás.

[38] Depois, tendo visto o que se passa à frente e atrás, podemos avançar, recuar ou fazer com conhecimento de causa o que é conveniente face às circunstâncias.

[39] "A posição do meu corpo deve ser esta", diz o neófito ao começar uma certa ação, e, enquanto ela decorrer, deve ainda verificar a sua posição de vez em quando.

[40] Deve também vigiar de perto a mente, esse elefante no cio, com medo que ele rompa o laço que o amarra ao grande mastro, que é o respeito pelo Dharma.

[41] "Como está a minha mente?" Vai repetindo, enquanto se exerce na meditação, e observa-a sem a deixar escapar um só instante.

[42] Se, todavia, em certas circunstâncias não for possível agir assim, como num grande perigo ou numa festa, então que esteja à vontade, pois é dito que no tempo da generosidade a disciplina pode folgar!

[43] Se decidimos, a propósito, começar uma atividade, não devemos pensar noutra antes de a acabar, agindo de mente inteira.

[44] Deste modo, o que fizermos será bem feito; senão, ambas as ações serão defeituosas e a confusão que nasce da falta de vigilância não parará de crescer.

[45] Abandonemos o interesse pelas coisas sensacionais e pelas mais variadas e infatigáveis conversas, nas quais nos deleitamos demasiado freqüentemente.

[46] Esgravatar a terra, arrancar ervas e traçar linhas no chão são atos estéreis. Recordando a regra dos Buddhas, devemos receá-los e, sem hesitar, renunciar.

[47] Se nos queremos mexer ou falar, devemos antes de mais nada examinar a mente, estabilizá-la, e depois então agir da maneira apropriada.

[48] Se nos sentimos movidos pelo apego ou pela aversão, não devemos agir nem falar, devemos ficar quietos como uma tora.

[49-50] Quando a mente se mostra excitada, trocista e orgulhosa, ou vaidosa, inquiridora e rancorosa, insidiosa, ávida de elogios, desdenhosa, grosseira e brigona, devemos ficar quietos como uma tora.

[51] Será que a minha mente está em busca de ganhos ou de honrarias, de glória, ávido de companhia ou desejoso de ser servido? Ficarei, portanto, quieto e contente, como uma tora.

[52] A minha mente banuiu o interesse pelo bem dos outros, é interesseira e inclinada a conversas? Ficarei, portanto, quieto e contente, como uma tora.

[53] Intolerante, indolente, tímido ou desavergonhado, tagarela, dedicado unicamente à camarilha? Ficarei, portanto, quieto e contente, como uma tora.

[54] O valoroso praticante, quando vê a mente agitada desta maneira, arrebatada por projetos inúteis, deve refreá-la com toda a força pelo método dos contrários.

[55-57] Determinado, inabalável na sua fé, firme, bem educado e respeitador, tendo pudor e receando as faltas, sossegado, dedicado à satisfação dos outros, sem se aborrecer com os desejos contraditórios dos seres pueris, pelo contrário, sempre compassivo e pensando ser isso o efeito das paixões, sempre irrepreensível e agindo para o seu bem e para o bem dos outros. Compreendendo que o "eu" é como uma ilusão, sem realidade, assim guardarei a mente.

[58] Relembrando continuamente o valor desta vida humana, obtida depois de tanto tempo, assim guardarei a minha mente, imóvel e firme como o monte Meru.

[59] Se, quando o meu corpo é despedaçado e arrastado de um lado para o outro pelos abutres ávidos de carne, tu não te irritas, oh minha mente, porque hás de acarinhá-lo tanto agora?

[60] Porque velas por este corpo, oh minha mente, como se ele fosse o teu "eu"? E se ele é distinto de ti, porque te ralas com o seu desaparecimento?

[61] Insensato! Se não consideras como o teu "eu" um boneco de madeira, que é coisa limpa, porque mimas uma máquina composta de elementos impuros e destinada à podridão?

[62-63] Começa, em pensamento, por retirar o invólucro de pele e, com o bisturi da análise, separa a carne da sua armação de ossos. Parte também os ossos e vê a medula que contêm. Agora pergunta a ti mesmo: que há aí de essencial?

[64] Se olhares com todo o cuidado, nada verás de essencial! Então? Porque teimas ainda em proteger o teu corpo?

[65] Os seus excrementos não se comem, não bebemos o seu sangue nem sugamos as suas vísceras; que quererás fazer do teu corpo?

[66-67] Se ele serve para alguma coisa, é para dar de pasto aos abutres e chacais. É certo que este corpo é para os homens um instrumento de ação. Mas de que te serve querer guardá-lo? A morte impiedosa há de arrancá-lo e lançá-lo aos abutres. Que farás então?

[68] Se um servidor se vai embora de nossa casa, não o cobrimos de presentes e de roupas. Ora, mesmo que o alimentemos bem, o corpo há de partir um dia; porque nos havemos de meter em despesas por sua causa?

[69] Dá-lhe o seu salário, oh minha mente, e emprega-o depois no teu próprio interesse. Um dia, ele de nada te há de servir. Porque lhe hás de dar tudo?

[70] Devemos ver no corpo uma barca que vai e que vem. Que o corpo vá e venha segundo a tua vontade de conduzir os seres à sua finalidade.

[71] Assim, mestre de si, que o praticante esteja sempre sorridente, que evite franzir o sobrolho e mostrar-se zangado; que seja amigo de toda a gente.

[72] E que não deixe cair uma cadeira ou qualquer outro objeto brusca e ruidosamente, nem bata com as portas; que se sinta bem cultivando sempre a humildade.

[73] A garça-real, o gato e o ladrão movem-se em silêncio e na maior discrição e assim conseguem o que têm em vista. Que o asceta faça sempre como eles!

[74] Que guarde com respeito, sobre a sua cabeça, a palavra daqueles que são hábeis a dirigir os outros à virtude e se prestam a dar bons conselhos mesmo sem ser solicitados; que sejam de todos os seres um discípulo.

[75] Que testemunhe a sua aprovação a todas as palavras que são boas; se vir alguém fazer uma boa ação, que o encoraje com o seu elogio.

[76] Que louve em privado as qualidades dos outros e que se associe ao elogio público que lhes é feito. Se é o seu próprio louvor que ouve, que o considere tão-somente uma homenagem à virtude.

[77] Todos os esforços têm por fim a satisfação; mas a satisfação é difícil de obter, mesmo com grandes riquezas. Portanto, farei do prazer de me regozijar com o mérito que os outros adquirem o meu deleite.

[78] Assim, nesta vida não tenho nada a perder e na outra ganharei a grande felicidade. Ora, os ódios, pelo contrário, engendram neste mundo o sofrimento da insatisfação e no outro dores ainda maiores.

[79] Que a sua palavra seja pertinente e moderada, clara, agradável e de toada suave e calma, sem nunca exprimir cobiça ou irritação.

[80] Olhando os seres de um olhar amoroso e sincero, vai pensando: "É graças a eles que o estado búddhico será o meu dote."

[81] Uma devoção constante, os antídotos, os campos das qualidades e dos benfeitores, os infortunados: todos são fontes de um grande mérito!

[Por exemplo, a meditação sobre a vacuidade é o antídoto para as emoções negativas. Os campos de qualidades são os Buddhas e Bodhisattvas. Os campos de benfeitores são o pai, a mãe etc.]

[82] Que ele seja hábil e confiante, tomando a dianteira na ação; que em nenhum trabalho se pendure em quem quer que seja.

[83] As perfeições, a começar pela generosidade e indo por aí acima, vão tendo uma excelência cada vez maior; não se deve sacrificar uma grande causa a uma causa menor, que, acima de tudo, seja considerado o proveito dos outros.

[84] Compreendendo claramente isto, que ele trabalhe com afinho constantemente para o bem dos outros; mesmo o que é proibido torna-se permitido ao compassivo, cuja visão não tem limites.

[85] Depois de ter dado o petisco aos animais, aos fracos e aos religiosos, que tome a sua refeição com moderação; que sacrifique tudo, exceto os três hábitos monásticos.

[86] Sendo o seu corpo um auxiliar para o Dharma, que o não maltrate por uma causa medíocre; deste modo ele servirá prestes a realização da esperança dos homens.

[87] Que não sacrifique a sua vida enquanto a compaixão não for perfeitamente pura, mas que a sacrifique a uma grande causa para o bem da vida atual e das vidas futuras.

[88] Que não ensine o Dharma a um homem sem respeito ou que, gozando de boa saúde, se cubra com um turbante ou com um pára-sol, venha armado ou use um pau, ou tenha a cabeça coberta.

[89] Que não ensine uma mulher longe da presença de um homem, nem o Dharma profundo e sublime a seres de capacidades reduzidas; que manifeste um respeito idêntico pelos ensinamentos superiores e inferiores.

[Shantideva aconselha que um monge celibatário não ensine uma mulher que esteja longe da presença do marido, a fim de evitar qualquer deslize em seus votos. Os ensinamentos superiores são os do *Mahayana*, o grande veículo, e os inferiores são os do *Hinayana*, o pequeno veículo. O Mahayana, ou Grande Veículo, fundado sobre a compaixão, é o veículo dos Bodhisattvas que desejam atingir a iluminação a fim de poderem libertar a infinidade dos seres.]

[90] Se alguém se mostrar digno dos ensinamentos superiores, que ele não o afete aos ensinamentos inferiores, mas não o tente ganhar pela atração aos sutras e aos mantras, dispensando-o das regras de conduta.

[Fazendo-o crer que o estudo dos textos ou o conhecimento dos mantras pode substituir-se à prática das regras de conduta e da ascese espiritual.]

[91-95] É incorreto cuspir ou deitar fora um palito sem os cobrir de terra; sujar água potável e campos lavrados é algo de repreensível. Não deve comer com a boca cheia, aberta ou ruidosamente, nem se sentar com as pernas esticadas ou esfregar as duas mãos ao mesmo tempo. Não deve pernoitar ou viajar na companhia da mulher de alguém, se ela estiver sozinha. Depois de ter observado e interrogado, que ele evite tudo o que seja considerado como chocante. Que não aponte com o dedo, mas servindo-se com cortesia da mão direita aberta, mesmo para indicar o caminho. Que não chame ninguém distante agitando os braços ou gritando, salvo em circunstâncias prementes; um discreto ruído ou um estalar de dos é o que deve utilizar. Qualquer outra conduta será descabida.

[Estas estrofes apresentam um pouco das convenções de etiqueta da Índia e no Tibet.]

[96] Que ele se deite na postura do Nirvana do Buddha, voltando para a direção que prefere, consciente e decidido a levantar-se de manhã com prontidão.

[97] As práticas enunciadas para os Bodhisattvas são inumeráveis, mas há uma que deve ser observada com todo o rigor: a purificação da mente.

[98] Que ele recite três vezes por dia o Sutra em Três Partes; por esta prática, pela Bodhichitta e pela invocação dos Jinas, apagará de si o resultado do mau agir até ao último vestígio.

[O Discurso em Três Partes, *Triskanda Sutra*, é composto da confissão perante os trinta e cinco Buddhas, da apreciação das virtudes e da dedicação dos méritos.]

[99] Em qualquer situação que se encontre, agindo para o bem de alguém ou de si mesmo, que ele aplique escrupulosamente os ensinamentos adequados.

[100] Não existem pensamentos que os Bodhisattvas não devam aprender, e para quem se instrui assim, tudo é acumulação de méritos.

[101] É unicamente no interesse direto ou indireto dos seres que ele deve agir; é por eles que deve dedicar os méritos à iluminação.

[102] Que ele não abandone, mesmo que lhe custe a vida, o mestre espiritual que pratica a regra dos Bodhisattvas e que é excelente no significado do Mahayana.

[103] Que estude na Biografia do Glorioso Sambhava a conduta a seguir para com os mestres. Os preceitos aqui expostos e os outros ensinamentos do Buddha devem ser estudados no texto dos sutras.

[A Biografia do Glorioso Sambhava, ou *Shrisambhava Vimoksha*, é um capítulo do *Gandavyuha Sutra*. Nele está escrito: "Para honrar o mestre espiritual, a nossa mente deve ser como a terra que nunca se desencoraja de suportar todas as coisas, como um diamante indestrutível na sua intenção, como uma muralha onde o sofrimento não consegue abrir brechas, como um escravo que nunca se queixa por ter de fazer tudo, como um animal fiel que nunca se irrita, como uma barca que nunca se importa de ir e vir, como um filho exemplar que bebe com os olhos a face do seu pai espiritual. Oh nobre criança, considera-te como um doente, considera o amigo espiritual como um médico, os seus ensinamentos como um remédio e a prática sincera como o caminho para a cura."]

[104] As regras são enunciadas nos Sutas. Que ele recite portanto os sutras e aprenda as faltas graves no Discurso da Essência do Céu.

[Discurso da Essência do Céu, *Akashagarbha Sutra*.]

[105] É necessário ler e reler o Compêndio das Instruções, porque aí vem explicado em detalhe aquilo que dever ser praticado.

[Compêndio das Instruções, *Shikhsasamucchaya*, obra de Shantideva.]

[106] Ou então, que estude o Compêndio dos Sutas, que é abreviado, e a obra com o mesmo título composta pelo venerável Nagarjuna.

[Compêndio dos Sutas, *Sutrasamucchaya*, obra perdida de Shantideva.]

[107] Através dessas obras poderá ver o que lhe é prescrito e o que lhe é interdito. Depois, poderá agir sem causar desagrado aos seres.

[108] Eis enfim, em resumo, a definição do que é a vigilância: é o exame contínuo do nosso estado físico e mental.

[109] É com atos que irei proclamar o Dharma! De que serve unicamente recitar as suas palavras? Que proveito tirará um doente da leitura de um tratado de medicina?

[Adaptado de *O Caminho para a Iluminação — Bodhicaryavatara*. Coleção Espiritualidades, série Budismo, sob a direção do Ogyen Kunzang Chöling. Escrito por Shantideva, tradução para o português por Filipe Valente Rocha e outros praticantes da escola do Budismo tibetano Ogyen Kunzang Chöling. Lisboa: Livros e Leituras, 1998. Pág. 59-73. O texto foi gentilmente transcrito por Sherab Chötso.]

6. A Paciência

[1] Um só instante de raiva destrói a generosidade, a veneração pelos Buddhas e o bem que fizemos ao longo de milhares de Kalpas!

[2] Não há vício pior que a raiva nem ascese comparável à paciência. Por isso, devemos cultivar ativamente a paciência pelos mais diversos meios.

[3] A mente nunca goza a paz, a alegria e o bem-estar, nem vive equilibrada ou dorme tranqüila, enquanto tiver a fechadura da raiva cravada na mente.

[4] As dádivas, as atenções e a proteção não impedem os que as usufruem de desejar a perda de um chefe, cujo caráter, de tão duro, se torna odioso.

[5] Até os amigos acabam por se aborrecer; mesmo quando dá, não é servido com agrado; não há maneira de tornar feliz um homem irascível!

[6] Ora, aquele que, reconhecendo na raiva o inimigo responsável por todos os seus males, a ataca com energia, não só fica feliz nesta vida como o ficará nas vidas futuras.

[7] Nascido da cobiça insatisfeito ou do receio acontecido, o descontentamento alimenta a raiva que, assim fortalecido, me levará à ruína.

[8] Destruirei, portanto, o alimento deste inimigo, cuja única função é a de me assassinar.

[9] Aconteça o que acontecer, a pior das calamidades, a minha alegria não deverá ser abalada, porque o descontentamento de nada serve e, além do mais, dissipa o mérito adquirido.

[10] Se houver remédio, ficar descontente para quê? Se não houver remédio, ficar descontente para quê?

[11] Tememos a dor, a humilhação, as palavras que nos magoam ou desagradam, para nós e para aqueles de quem gostamos, mas não as receamos para os nossos inimigos, antes pelo contrário!

[12] O prazer é difícil de encontrar, a dor vem sem ser procurada; ora, é da dor que vem a aspiração de se libertar, portanto agüenta-se com firmeza, oh minha mente!

[13] Os habitantes do Karnatik e os devotos de Durga infligem-se em vão o sofrimento de queimaduras e lacerações. Como é possível que eu, que tenho por finalidade a liberação, seja um covarde?

[14] Nada existe que através do exercício não possa ser realizado. Se nos formos habituando a sofrimentos ligeiros, acabaremos por ser capazes de suportar sofrimentos maiores.

[15] Mordidas de serpentes e de vespas, ataques violentos de comichão, fome, sede e outras sensações dolorosas, não temos nós de suportar todos estes sofrimentos inúteis?

[16] Frio, calor, chuva, vento, fadiga, prisão, pancadas: preocuparmo-nos com isso só serve para sofrer mais.

[17-18] Há os que vendo o seu sangue correr redobram de valentia e há os que desmaiam ao ver correr o sangue dos outros: tudo depende da firmeza ou da fragilidade da mente; por isso, basta ignorar a dor para lhe resistir.

[19] A dor não perturba a serenidade do sábio. Não é verdade que o sábio se bate contra as paixões? Ora, não há guerras sem dores.

[20] Os que batalham o inimigo que é a raiva, apesar dos sofrimentos do combate, são os verdadeiros e heróicos Jinas. Os demais não passam de matadores de mortos!

[21] A dor tem uma grande virtude; é um tal abalo que deita por terra a arrogância, desperta a compaixão pelos seres, faz recluir os atos prejudiciais e desperta o amor pela virtude.

[22] Ora, se eu não me irrita com a bÍlis e com os outros humores, apesar de eles serem causa de grandes sofrimentos, porque hei de me irritar com os seres conscientes? Também eles são irritados por diversas causas.

[23] Da mesma maneira que os sofrimentos são produzidos pelos humores involuntariamente, a irritação de um ser consciente nasce por força das circunstâncias e não por sua volição.

[24] O homem não se irrita a seu contento, pensando, "Vou me irritar", e tão pouco a raiva nasce após ter resolvido nascer.

[25] Todas as faltas e todos os atos prejudiciais produzem-se pela força de causas, de modo algum são espontâneas.

[26] A conjunção de causas não pensa que vai engendrar e o efeito não pensa que é engendrado.

[27] Esse princípio que postulam com o nome de "matéria primitiva" [*Prakriti*] ou imaginam como um "eu" [*Atman*] não nasce depois de pensar, "Vou nascer".

[Aqui encontramos uma refutação às escolas Samkhya e Naiyayika. Na teoria Samkhya, há a convicção de uma espécie de "matéria primitiva" ou *Prakriti*, o substrato de tudo, do qual surge todo o mundo dos fenômenos; é como se fosse a essência que cria todo o mundo fenomenal, uma substância independente, eterna e absoluta. A escola Naiyayika sustenta que o "eu" ou

"ego" também possui esse tipo de posição independente, absoluta e eterna. Entretanto, segundo o buddhismo, não há coisas e eventos que surjam por sua própria opção; nenhum tem uma situação independente.]

[28] Como poderia desejar nascer, se antes de nascer não existia? Se este "eu" eterno está em contato com um objeto, como poderia deixar de o estar?

[Se uma entidade permanente está em contacto com um outro objeto, esse contato não pode cessar sem que ela perca o seu caráter permanente. Logo, a "entidade em contato" e a "entidade que já não está mais em contato" não são idênticas, há uma mudança. Este raciocínio é utilizado para demonstrar que não podem existir entidades permanentes.]

[29-30] Se o "eu" é eterno, inconsciente e infinito como o espaço, é evidentemente inativo. Por que motivo, ainda que em contato com outras causas, o que é imóvel se poria a agir? Se permanece imutável quando é sujeito à ação, que diferença provoca a ação? Se se diz que há ação, qual a relação entre ela e esse Atman?

[Se a substância ou ego primordial é permanente e eterno, não pode interagir com o mundo fenomenal; se é permanente, inalterado e eterno, não pode produzir qualquer coisa.]

[31] Assim, tudo depende de uma causa e a própria causa é também dependente. Contra autômatos semelhantes a criações mágicas, irritamo-nos para quê?

[32] "Mas", diriam, "a resistência à raiva também não é possível; quem resistiria e a quê?" Mas não, é claro que é possível! Uma vez que há encadeamento de causas, há a possibilidade de abolir a dor.

[33] Por isso, quando vemos um amigo ou um inimigo seguir uma conduta repreensível, devemos pensar, "São os seus antecedentes que agem", e guardar a serenidade.

[34] Se bastasse a todos os homens desejar para conseguir, ninguém sofreria, pois ninguém deseja o sofrimento.

[35] Por imprudência, os homens ferem-se nos espinhos; por avidez, por desejo de mulheres, os homens chegam mesmo a passar fome.

[36] Há também os que se inflingem todo o tipo de torturas: enforcam-se, atiram-se a um precipício, envenenam-se ou intoxicam-se, cometendo assim graves faltas.

[37] Ora, se sob a influência das paixões chegam a destruir o próprio corpo, que lhes é tão caro, como poderiam poupar o dos outros?

[38] Porque será que em vez de sentirmos pena destes homens transformados pelas emoções negativas e apostados em se destruírem, sentimos raiva?

[39] Se a natureza destes insensatos consiste em fazer mal aos outros, é tão ilógico irritar-se com eles como com o fogo, cuja natureza é queimar.

[40] Se, pelo contrário, este desejo é adventício, se os homens são naturalmente bons, a raiva é tão pouco justificada como seria contra o ar quando este está momentaneamente invadido por uma fumaça acre.

[41] Não nos irritamos com o pau, autor imediato das pancadas, mas com quem o maneja; ora, como este homem é manipulado pela raiva, é a raiva que é preciso odiar!

[42] Também eu outrora infligi aos seres tamanho sofrimento, por isso, eu, que atormentei os outros, apenas recebo o que me é devido.

[43] A espada dele e o meu corpo, é esta a dupla causa do meu sofrer: ele pegou na espada e eu no corpo. Contra quem me indignar?

[44] Isto que eu arranjei é um abscesso em forma de corpo, um abscesso que sofre ao menor contato. Encandeado pelas emoções negativas, sou eu que estou apegado a ele: contra quem hei de me irritar pela dor que sinto?

[45] Devo ser louco: não gosto da dor, mas gosto do que causa a dor. É das minhas faltas que a dor surge; porque hei de querer mal a alguém?

[46] Até a floresta de folhas em lâmina e os guardiões do inferno foram engendrados pelos meus atos, assim como a presente dor. Contra quem me hei de irritar?

[47] São os meus atos que empurram os meus perseguidores e é por minha causa que eles irão para o inferno. Quem é, afinal, o carrasco?

[48] Graças a eles, os meus numerosos crimes atenuam-se pelo exercício da paciência; por minha causa, eles irão para os infernos dos longos sofrimentos.

[49] Sou eu o perseguidor e são eles os benfeitores. Como ousas irritar-te, invertendo os papéis, minha mente celerada!

[50] Eu, graças ao mérito da minha atitude positiva, não caio nos infernos. Mas eles, que ganham com isso?

[51] Se lhes devolvesse o mal que me fazem, tão pouco seriam salvos por isso; além disso, a minha prática espiritual seria corrompida e a minha ascese quebrada.

[52] A mente imaterial de modo algum pode ser atingida; se ela é tocada pela dor física é por causa do seu apego ao corpo.

[53] Injúrias, palavras brutais e calúnias não magoam o corpo. Onde vem a tua raiva, oh minha mente?

[54] Não é a antipatia dos outros que me devorará nesta vida ou numa outra; porquê receá-la?

[55] Por que põe em causa os meus proveitos? De qualquer modo, no fim desta vida eles vão por água abaixo, mas as minhas faltas, essas permanecerão com toda a força.

[56] Mais vale morrer hoje que arrastar-me incorretamente pela vida fora. De qualquer modo, mesmo que viva muito tempo, a dor da morte será idêntica.

[57-58] Uma pessoa está dormindo e sonha com uma felicidade de cem anos. Outra sonha com a felicidade de um instante. Não é verdade que, quando os dois acordarem, quer a felicidade de um, quer a do outro, se esvaiu? É igual no momento da morte, para o que viveu muito tempo e para o que viveu pouco tempo.

[59] Depois de grandes lucros e de deliciosos deleites, partirei nu, com as mãos vazias, como um homem despojado pelos ladrões.

[60] "Mas", podes dizer, "graças aos meus proveitos vou vivendo e vivendo vou esgotando os meus atos negativos e ganhando mérito." Quando nos zangamos por uma questão de lucro, é o mérito que gastamos e o mal que ganhamos.

[61] Se a finalidade da minha vida desaparece, para que serve viver? Para acumular o mal?

[62] Dizes que odeias o teu difamador porque ele é a causa de perdição dos que incita contra ti. Então porque não te irritas da mesma maneira com os que caluniam os outros?

[63] Perdoas ao maldizente quando vês que ele é influenciado por outros. Porque não perdoas a quem te critica se ele está sob a influência das emoções negativas?

[64] Os que destroem e profanam as estátuas, os stupas e a doutrina não merecem ser odiados, pois os Buddhas e os santos não sofrem com isso.

[65] Se alguém maltratar os nossos mestres ou os nossos pais, aqueles que amamos, refreemos a raiva, consideremos que está aí patente o efeito de causas.

[66] O sofrimento dos seres é necessariamente a obra de uma causa animada ou inanimada, não há razão para nos revoltarmos só contra os seres animados. Suporta pacientemente todo o sofrimento, oh minha mente!

[67] Entre os seres que andam perdidos, uns ofendem, outros irritam-se; entre eles, quais julgaríamos inocentes ou culpados?

[68] Porque fizeste outrora o que agora te obriga a ser tão molestado pelos teus inimigos? Somos todos escravos dos nossos atos, não há razão para querer mal aos outros.

[69] Se o compreendo bem, devo esforçar-me pelo mérito espiritual, para que todos sejam animados de bons sentimentos uns pelos outros.

[70-71] Quando uma casa está ardendo, corremos à casa vizinha e retiramos a palha e as outras matérias inflamáveis onde o fogo possa pegar; da mesma maneira, todo o apego que possa atizar o fogo da raiva deve ser logo eliminado, com medo que a nossa acumulação de méritos seja consumida.

[72] Se um condenado à morte é posto em liberdade depois de lhe terem cortado a mão, será que tem razão de queixa? Se, pelo preço dos sofrimentos humanos escaparmos aos infernos, será que nos podemos queixar?

[73] Se hoje, uma míngua de sofrimento te parece intolerável, como não refreias a raiva que te vai custar os suplícios do inferno?

[74] Por causa das emoções negativas fui milhares de vezes projetado nos infernos, sem qualquer proveito para mim ou para os outros.

[75] Ora, a dor presente é bem menor e é a fonte de um grande proveito. Devemos regozijar-nos com uma dor que suprime a dor do mundo.

[76] Há homens que se deleitam louvando as virtudes dos outros. Porque não hás de tu, oh minha mente, sentir nisso um grande prazer?

[77] É um prazer irrepreensível, um deleite permitido pelos santos; é a melhor maneira de conquistar o próximo.

[78] É um prazer que não aprecias? Então devias sentir a mesma aversão pelos salários e pelas esmolas... mas assim darias cabo desta vida e das próximas.

[79] Fazem o teu elogio; admites sentir prazer. Fazem o elogio de um outro e tu não queres participar nesse prazer.

[80] Suscitaste em ti a Bodhichitta pela aspiração de tornar todos os seres felizes. Como te podes indignar com os que se encontram espontaneamente felizes?

[81] Dizes que desejas aos seres o estado búddhico, venerável nos três mundos, mas na presença de honrarias vãs ficas a arder de inveja!

[Os três mundos são o mundo do desejo (*kamadhatu*), o mundo da forma (*rupadhatu*) e o mundo da ausência de forma (*arupadhatu*).]

[82] És responsável por esta família, deves cuidar do seu sustento; mas se ela se basta às suas necessidades, em lugar de te regozijares, irritas-te!

[83] O que não há de desejar aos seres quem lhes deseja iluminação! De onde poderá vir a Bodhichitta a quem fica invejoso com a prosperidade dos outros?

[84] Se um outro não recebesse esta esmola, ela ficaria na casa do benfeitor; em todo o caso, não seria para ti. Que importa que lhe dêem ou não?

[85] Por que hás de te afastar dos méritos, da fé, e das qualidades espirituais? Por que não te revoltas com a falta de méritos que te impede de receber esta esmola?

[86] Não só não lamentas o mal que fizeste, como ainda tentas rivalizar com os que fazem o bem!

[87-88] Se uma desgraça acontece ao teu inimigo, por que te regozijas? Por muito negativos que os teus pensamentos sejam, não lhe podem causar qualquer dano e, mesmo que esta desgraça tivesse sido realizada por tua vontade, de que modo poderia ela dar-te felicidade? Se dizes "Como fiquei contente!", não há melhor maneira de provocares a tua ruína.

[89] É um terrível engodo que as emoções negativas, como pescadores, lançam para te apanharem e venderem aos demônios infernais, que te irão cozer nos seus caldeirões.

[90] Os elogios, as honrarias e a glória nada adiantam ao teu mérito e tampouco à duração da vida, à força, à saúde e ao bem-estar físico.

[91] Que poderá ver nisso um homem conhecedor dos interesses? Agora, se o que busca é o prazer dos sentidos, mais vale dedicar-se à bebida, ao jogo e a tudo isso...

[92] E à glória! O que não se sacrifica à glória! Até os bens e mesmo a vida. Será que as palavras se comem? Será depois de morto que se pode saborear esse prazer?

[93] A minha mente parece uma criança gritando de desespero quando a onda leva o seu castelinho de areia, assim que a minha reputação e glória se arruínam.

[94] O louvor é um som vazio de pensamentos, pelo que não podes dizer que te elogia! É alguém que está contente contigo, dizes que é o seu contentamento que te faz feliz?

[95] Que esse alguém esteja contente comigo ou com quem quer que seja, que tenho eu a ver com essa satisfação? É ele que sente esse prazer, não é nada que eu sinta!

[96] Se me proclamo feliz com o seu contentamento, então deveria ficá-lo em todos os casos. Por que será que a alegria que ele encontra na sua afeição a um outro não me faz sentir qualquer prazer?

[97] Não, a alegria nasce em mim porque é a mim que louvam, e esta conduta é tão incoerente como a de uma criança.

[98] Os elogios arruínam ao mesmo tempo a paz de mente e a renúncia ao mundo, provocam a inveja pelos homens de mérito e devastam as qualidades que se tem.

[99] Por isso, os que se levantam para destruir a minha reputação têm por única função preservar-me dos lugares de tormento.

[100] Os bens e as honras são uma corrente que não convém à minha aspiração à liberação: como poderia odiar aqueles que me libertam dessa corrente?

[101] Ia entrar no domínio da dor e eles são como uma porta fechada, posta à minha frente pelas bênçãos dos Buddhas; como lhes poderia querer mal?

[102] "Mas o meu inimigo estorva as minhas boas obras!" Má desculpa para o ressentimento, pois não há ascese comparável à paciência e a ocasião de a praticar é oferta sua.

[103] Se não pratico a paciência com ele, é falta minha; sou eu que coloco um obstáculo face à boa obra que me é posta à disposição.

[104] Com efeito, aquele sem o qual um outro não existe e pelo qual este último existe, esse é a causa do outro; como lhe podemos chamar de obstáculo?

[105] O mendigo que se apresenta no momento oportuno não é um obstáculo à esmola e o religioso que dá a ordenação não é um obstáculo à tomada de votos.

[106] Os mendigos são coisa comum no mundo, mas os ofensores são raros, pois eu não ofendo ninguém, ninguém me ofenderá.

[107] Um inimigo adquirido sem esforço é um tesouro que me surgiu em casa; muito caro me deve ser este auxiliar da minha carreira espiritual.

[108] Os dois têm direito ao fruto da paciência, mas que seja ele a recebê-lo primeiro, uma vez que ele é a causa primeira da minha paciência.

[109] "O meu inimigo não tem a intenção de aperfeiçoar a minha paciência, por isso não merece que o honre!" Mas então porque honrar o Dharma, que é uma causa inanimada do teu aperfeiçoamento?

[110] "Mas ele tem em idéia fazer-me mal. Como posso honrar um inimigo?" Mas como poderias praticar a paciência se ele se devotasse ao teu bem, como um médico dedicado?

[111] É a sua hostilidade que condiciona a minha paciência e, sendo sua causa, devo honrá-lo como ao santo Dharma.

[112] O mestre disse: "Assim como os Buddhas, os seres são um campo de mérito", porque honrando tanto uns como outros, muitos foram os que atingiram a outra margem da perfeição.

[113] É através dos seres, assim como dos Buddhas, que obtemos as virtudes de um Buddha; no entanto, a veneração que devotamos aos Buddhas recusamo-la aos seres. Por que esta distinção?

[114] A grandeza de uma intenção não se mede pela intenção em si, mas pelo seu efeito. Portanto, os seres têm uma grandeza igual à dos Buddhas, vão a par com eles.

[115] A veneração que se tem por um homem bom dá-nos a grandeza desse homem. O mérito que produz a devoção aos Buddhas, dá-nos a grandeza dos Buddhas.

[116] Por essa razão, os seres são semelhantes aos Buddhas, ambos permitem atingir o estado búddhico; mas, na verdade, nenhum ser é comparável aos Buddhas, que são oceanos de qualidades infinitas.

[117] Os Buddhas concentram em si a essência de todas as qualidades. Bastaria que um simples átomo dessa essência se encontrasse nos seres, para que os três mundos inteiros não lhes fizessem suficiente homenagem.

[118] Ora, esta insigne parcela que faz germinar em nós as virtudes de um Buddha, está presente em todos os seres. É por causa desta presença que os seres devem ser reverenciados.

[119] Aliás, para além de agradar aos seres, que outra maneira temos para saldar a imensa dívida para com estes amigos sinceros e benfeitores incomparáveis que são os Buddhas?

[120] Pelos seres, eles dilaceraram o corpo e desceram aos infernos; o que fazemos pelos seres, é por gratidão pelos Buddhas que o fazemos. Por isso, devemos fazer o bem a todos, mesmo aos nossos piores inimigos.

[121] Então, os meus mestres dedicam-se às suas crianças sem reserva e eu, em vez de mostrar uma humildade de servo perante os filhos dos meus mestres, trato-os com orgulho. Como é possível?

[122] Os Buddhas satisfazem-se com a felicidade dos seres; quando os seres sofrem, os Buddhas entristecem-se. Quando satisfazemos os seres, satisfazemos os Buddhas; quando os ofendemos, ofendemos os Buddhas .

[123] Ninguém com o corpo envolto em chamas é capaz de sentir qualquer forma de prazer. Também os compassivos, na presença do sofrimento dos seres, são incapazes de experimentar alegria.

[124] Ao afligir os seres afligi todos os grandes misericordiosos. Hoje mesmo confesso esta falta, para que os Buddhas assim atingidos me perdoem.

[125] A partir de hoje, de mente e coração, tornar-me-ei um servidor do mundo para agradar aos Buddhas. Que a multidão dos seres me arraste a cabeça sob os pés e me mate, mas que o protetor dos seres esteja satisfeito!

[126] Os compassivos adotaram todos os seres como o seu eu, isto não oferece qualquer dúvida! Por esta razão, são os próprios protetores que aparecem com a forma dos seres; como ousamos faltar-lhes ao respeito?

[127] Servir os seres é servir os Buddhas, é realizar a minha finalidade, é eliminar a dor do mundo: tal é o voto ao qual me obrigo.

[128-130] Quando sozinho um guarda real brutaliza toda uma multidão, quem for sensato não lhe resiste, mesmo sendo capaz, porque ele não está realmente isolado; a sua força é a força do rei. Um adversário, mesmo de aparência débil, não deve ser subestimado, porque a sua força são os guardiões do inferno e os compassivos. Assim como um súbdito serve um rei irascível, assim devemos servir todos os seres.

[131-132] Será que a raiva de um rei tem castigos comparáveis aos suplícios dos infernos, para onde nos leva maltratar os seres? Será que o favor de um rei tem recompensas comparáveis ao estado búddhico, que nos valerá o contentamento dos seres?

[133] Já sem falar da condição futura de Buddha, não vês que nesta vida a felicidade, a glória e o renome resultam do serviço dos seres?

[134] Não vês que, mesmo no ciclo das existências, a paciência dá-nos acesso a todos os bens, sejam eles o encanto, a saúde e as honrarias, a longevidade e até os prazeres imensos de um chakravartin?

[*Chakravartin* é um monarca universal.]

[Adaptado de *O Caminho para a Iluminação — Bodhicaryavatara*. Coleção Espiritualidades, série Budismo, sob a direção do Ogyen Kunzang Chöling. Escrito por Shantideva, tradução para o português por Filipe Valente Rocha e outros praticantes da escola do Budismo tibetano Ogyen Kunzang Chöling. Lisboa: Livros e Leituras, 1998. Pág. 75-91. O texto foi gentilmente transcrito por Sherab Chötso. Algumas notas foram adaptadas de *A Arte de Lidar com a Raiva: O Poder da Paciência*, Dalai Lama, tradução de A. B. Pinheiro de Lemos, a partir da tradução para o inglês do Geshe Thubten Jinpa. Rio de Janeiro: Campus, 2001. Pág. 84-85.]

7. A Perseverança

[1] Agora que ganhamos a paciência, devemos cultivar a perseverança, pois é nela que a iluminação toma assento. Assim como sem vento não há movimento, sem perseverança o mérito espiritual é certamente impossível.

[2] O que é a perseverança? A perseverança é o entusiasmo pelo bem. Quem são os seus adversários? A indolência, o apego ao mal, o desencorajamento e o desprezo de si.

[3] A inércia, o gosto pelo prazer e pelo dormir engendram a insensibilidade à dor das transmigrações; daí nasce a indolência.

[4] Presa desses pescadores que são as emoções negativas, desde que caíste na rede dos nascimentos, como não compreendeste ainda que entraste nas goelas da morte?

[5] Será que não vês os teus companheiros morrerem, uns seguindo aos outros? Como te deixas levar pela indolência, como um búfalo a caminho do abate?

[6] Yama, o senhor da morte, está à tua espera e qualquer outra saída te é vedada. Como consegues deleitar-te no comer e no dormir?

[7] A morte carrega sobre ti! Antes que ela chegue, acumula sabedoria e méritos. Na hora de morrer, mesmo que sacudas a tua indolência, que poderás fazer?

[8-9] "Isto não foi feito, aquilo mal comecei, isto ainda vai a meio e a morte apareceu de imprevisto. Ah! Estou perdido!" É assim que vais pensar quando, rodeado pelo desespero dos teus familiares, os olhos arregalados pela aflição e inflamados pelas lágrimas, estiveres diante dos mensageiros da morte.

[10] Quando, torturado pela lembrança dos teus erros, atordoado pelo clamor do inferno, sujo nos teus próprios excrementos, estiveres perdido e no auge do teu pavor, que vais fazer?

[11] Tu, que até nesta vida te assustas, como um peixe fora da água, que será de ti, malfeitor, face aos terríveis suplícios do inferno?

[12] Como podes permanecer tão tranquilo quando tens perante ti os infernos que constróis com as tuas próprias ações? Não sentes já a tua carne delicada a fundir em contato com os metais em fusão?

[13] És um desleixado, mas invejas as recompensas. És um piegas e o teu destino são todos os sofrimentos. A morte já te abraça mas imaginas-te imortal. Ai de ti! O sofrimento vai destruir-te!

[14] Tens a barca do ser humano: não hesites na travessia do rio da dor! Tolo, não vês que não é a altura de dormir? Vai ser muito difícil encontrar esta barca de novo.

[15] Como consegues renunciar à excelente jóia que é o Dharma, uma nascente de alegrias sem fim, pelo prazer dos risos e distrações que apenas servem para engendrar a dor?

[16] A coragem, a armada dos antídotos, a aplicação, o domínio de si, o pensamento de que os outros são tão importantes como eu, a inversão de si pelos outros, são os fatores da perseverança.

[17-18] Não nos devemos desencorajar pensando, "Como hei de conseguir a iluminação?", uma vez que o Tathagata disse, em boa verdade, que outrora foram moscas, moscardos e mosquitos ou vermes os que, pelo seu esforço, obtiveram a iluminação, tão difícil de alcançar.

[19] Ora, eu que nasci como humano, capaz de discernir o bem do mal, porque não haveria eu também, seguindo as regras dos oniscientes, de obter a iluminação?

[20] Mas não é que tremo com a idéia de dar as minhas mãos, os pés e os outros membros? Parece-me que, por falta de reflexão, confundo o que é grave com o que é insignificante.

[21-22] O que é grave é ser cortado, esquartejado, queimado e lacerado durante inumeráveis milhões de Kalpas e sem obter a iluminação. O que é insignificante é esta dor limitada, que leva à iluminação, semelhante à dor da extração de um espinho cravado na carne que põe fim ao sofrimento que causava.

[23] Todos os médicos curam recorrendo a operações dolorosas; por conseguinte, é preciso sofrer um pouco para eliminar grandes sofrimentos.

[24] Mas o médico supremo não utiliza estas operações ordinárias; é por métodos suaves que cura as mais graves doenças.

[25] Primeiro, o mestre prescreve ao seu discípulo que dê legumes e outros alimentos, depois, gradualmente, torna-o capaz de sacrificar mesmo a própria carne.

[26] Àquele que chega ao ponto de olhar da mesma maneira legumes e a própria carne, nada lhe custa sacrificar, nem a carne, nem os ossos.

[27] Virtuoso, está protegido do sofrimento físico, sábio, do sofrimento mental; pois a mente sofre pelos erros e o corpo pelos maus atos.

[28] O corpo está contente graças à virtude e a mente graças à sabedoria. Permanecendo no ciclo das transmigrações por compaixão dos seres, de que haveria de sofrer?

[29] Destruindo as suas faltas passadas e dessedentando-se de oceanos de mérito, pela força da Bodhichitta vai mais rápido que os Shravakas.

[Os *Shravakas*, "ouvidores", recebem os ensinamentos, praticam-nos e transmitem-nos.]

[30] Indo assim de alegria em alegria, que pessoa inteligente se desencorajaria, se recebeu esta carruagem que é a Bodhichitta, que o poupa a qualquer dor ou fadiga?

[31] Para realizar o bem dos seres é necessária uma armada de quatro corpos: aspiração, firmeza, alegria e renúncia. A aspiração adquire-se pelo receio da dor e pelo pensamento das vantagens da liberação.

[32] Assim, tendo afastado os inimigos da perseverança, com a aspiração, a confiança em si, a alegria e a renúncia, esforcemo-nos para a aumentar, graças à força da aplicação e ao domínio de si.

[Louis Finot omitiu este verso, julgando-o redundante. Preferimos reinseri-lo, seguindo assim as outras edições em sânscrito e tibetano.]

[33] Tenho de acabar com vícios inumeráveis, meus e dos outros. Mas nesta tarefa a destruição de cada vício só se consegue ao fim de uma infinidade de Kalpas!

[34] Para esta empresa da destruição dos vícios, não sinto em mim a mais pequena parcela de energia. Fadado às dores sem fim, não sei como o meu peito não se desconjunta!

[35] Preciso ganhar numerosas virtudes, para mim e para os outros, mas a prática de cada virtude só se obtém ao longo dos oceanos de Kalpas, e mesmo assim...

[36] Ora, ainda não adquiri a prática de uma única parcela de virtude. Que tristeza! Como pude desperdiçar este maravilhoso nascimento humano, tão difícil de obter.

[37] Nada ofereci aos Bhagavans, nem regozizei a Sangha com grandes festas de homenagem, nada fiz pelo Dharma e tão pouco fui capaz de satisfazer a esperança dos pobres.

[38] Aos seres em perigo não garanti segurança, aos que sofrem não ofereci o bem-estar e mesmo no seio da minha mãe não passei de um cravo doloroso.

[39] Nas minhas vidas anteriores, bem como na atual, pouco aspirei ao Dharma; eis a razão de me encontrar em tal infortúnio. Perante tudo isto, quem poderia abdicar da aspiração ao Dharma?

[40] O Buddha declarou que a aspiração é a raiz de todos os méritos; a aspiração tem por raiz a meditação constante sobre os frutos dos nossos atos.

[41] Dores físicas, dores mentais, perigos de todo o gênero, enfim, a ruína de tudo o que desejam, é o que espera os malfeitores.

[42] O desejo de fazer o bem que cumprem as pessoas virtuosas será, graças aos seus méritos, honrado em todos os lugares pelos frutos da virtude.

[43] O desejo da felicidade, que é formulado pelos malfeitores, será, em consequência da sua falta de mérito, despedaçado em todos os lugares pelos laivos da dor.

[44] Os Bodhisattvas, graças às suas boas obras, surgem na mente de grandes flores de lótus perfumadas e frescas, desenvolvem o seu corpo brilhante como alimento que lhes é dado pela palavra harmoniosa dos Jinas e, finalmente, emergem de seus cálices abertos, desabrochando à luz dos raios do Buddha e nascem supremamente formoso sob o seu olhar.

[Esta é uma descrição do nascimento dos Bodhisattvas em *Sukhavati*, a terra pura do Buddha da luz infinita, Amitabha.]

[45] O miserável, no seguimento das suas faltas, esfolado pelos servidores da morte, o corpo regado de cobre fundido ao calor do fogo e a carne lacerada por centenas de golpes de lanças e de espadas inflamadas, cai e volta a cair nos infernos pavimentados de ferro em brasa.

[46] Por isso, pratiquemos a aspiração ao bem. Depois de a ter claramente desenvolvido, devemos-nos entregar ao cultivo da confiança em si, segundo o método do Discurso do Estandarte Adamantino.

[O Discurso do Estandarte Adamantino, *Vajradhvaja Sutra*, é uma parte do *Avatamsaka Sutra*. Nele é dito, "Quando o sol brilha, Devaputra, ele ilumina o mundo inteiro apesar da cegueira dos seres e das cadeias de montanhas. Do mesmo modo, os Bodhisattvas manifestam-se para libertar os seres apesar dos obstáculos que neles estão presentes."]

[47] Verifiquemos, primeiro, a nossa força, depois lancemo-nos à obra ou não, pois mais vale abster-se que renunciar ao que foi começado.

[48] Senão, recomeçaremos nas vidas seguintes, o sofrimento sempre crescendo pelo mal agir, e mesmo qualquer ação que se complete apenas dará frutos incompletos e de pouca valia.

[49] A confiança em si aplica-se a três coisas: à ação, às emoções negativas e ao poder. "Agirei só!" — eis a confiança em si na ação.

[50] Dominado pelas emoções negativas, o mundo é incapaz de alcançar por si a sua salvação. Cabe-me, pois, a mim realizá-la por ele, pois não sou impotente como o mundo.

[51] Alguém faz um humilde serviço e eu fico para aqui sem fazer nada! Se é o orgulho que me impede de ajudar, morra então o orgulho!

[52] O corvo comporta-se como a águia perante uma serpente morta. A menor tentação abater-me-á se a minha mente fraquejar.

[53] Para quem fica inativo por desencorajamento, não tem fim a sua fraqueza. Quem for enérgico e confiante será capaz de enfrentar as maiores dificuldades.

[54] Por isso eu quero, com a mente firme, realizar a perda da minha perda. Querer conquistar o universo é ridículo se cedo aos atos negativos.

[55] Tenho de ser o vencedor de tudo sem ser vencido por nada. Esta é a força ativa que se deve levantar em mim, pois sou o filho dos leões, dos Jinas!

[56] Os homens vencidos pelo orgulho são uns covardes e não uns verdadeiros orgulhosos; o homem orgulhoso não se rende ao seu inimigo e esses aceitam o jugo do seu inimigo, o orgulho.

[57-58] O orgulho leva-os às condições lastimáveis e mesmo na condição humana vivem sem alegria, vão comendo o que lhes é dado por esmola; são escravos, tolos, feios e fracos, desprezados por todos, pobres diabos paralisados pelo orgulho. Se são esses os homens que se contam entre os orgulhosos, querem-me dizer quem são os desprezíveis?

[59] Os que põem o seu orgulho no vencer deste inimigo que é o orgulho são altivos, vitoriosos e heróicos. Tendo esmagado o orgulho, esse inimigo que tudo invade, realizam o fruto da sua vitória e satisfazem os desejos dos seres.

[Isto é feito tornando-se um Buddha e ensinando o Dharma.]

[60] Lançado no meio do bando das emoções negativas, que seja mil vezes mais forte do que elas, invencível entre as emoções negativas como o leão entre as gazelas.

[61] No auge do perigo protegemos os olhos. Também o Bodhisattva, apanhado entre duras provas, não cede às emoções negativas.

[62] Que eu seja queimado ou morto, que a minha cabeça caia! Nunca me inclinarei perante o meu inimigo, as emoções negativas! Seja qual for a circunstância, apenas realizarei o bem!

[Esta estrofe não figura na versão de Louis Finot. Segundo certos comentários, a autenticidade da segunda frase é contestada, mas ainda assim ela é geralmente incluída.]

[63] A atividade em que se empenhe dá-se com todas as suas forças, entrega-se apaixonadamente com uma mente insaciável, como um jogador devorado pelo desejo de ganhar.

[64] Todas as ações, trazendo-a ou não, têm por finalidade a felicidade. Mas para quem a felicidade consiste na própria ação, como poderá estar feliz se não age?

[65] Nunca nos cansamos dos prazeres do mundo, semelhantes ao mel sobre o fio de uma navalha. Como nos poderíamos dar por saciados do néctar das boas obras, que amadurece em frutos de pacífica doçura?

[66] Por isso, terminada uma ação que logo salte para outra, como o elefante escaldado pelo calor do meio-dia mergulha no primeiro lago que encontra.

[67] Se a sua força se esgota, que renuncie provisoriamente ao agir. Quando a obra está perfeita, que a deixe de lado, já na impaciência da que sucede.

[68] Que fique em guarda contra os assaltos das emoções negativas e pronto a contra-atacar vigorosamente, como quem esgrima com um hábil adversário.

[69] Da mesma maneira que num combate, quando a espada cai, rapidamente a apanha, com receio, quando perde a espada da atenção, que seja prestes a retomá-la, lembrando-se dos infernos.

[70] Como o veneno que, penetrando o sangue, se espalha no corpo, o vício, se encontra uma fissura, expande-se na mente.

[71] Como quem carrega entre espadachins um vaso repleto de óleo, ameaçado de morte ao mais pequeno gesto em falso, concentra a sua atenção, assim caminha quem se dirige para a perfeição.

[72] E como um homem que sente uma serpente no peito se levanta num ápice, assim reage prestemente o praticante ao aproximar da sonolência e da indolência.

[73] Arrependendo-se a cada falha, deve pensar: "Como hei de fazer para que isto não me volte a acontecer?"

[74] Compreendendo a importância da atenção em todas as circunstâncias, que haja uma aspiração a exercê-la e que, para tal, se procure a companhia dos sábios.

[75] Antes de agir, a fim de estarmos prontos para qualquer ocorrência, é bom relembrar os ensinamentos sobre a aplicação; depois então, devemo-nos lançar alegremente na ação.

[76] Como um floco de algodão obedece ao vaivém do vento, deixemo-nos conduzir pela perseverança; é assim que se atinge a finalidade!

[Adaptado de *O Caminho para a Iluminação — Bodhicaryavatara*. Coleção Espiritualidades, série Budismo, sob a direção do Ogyen Kunzang Chöling. Escrito por Shantideva, tradução para o português por Filipe Valente Rocha e outros praticantes da escola do Budismo tibetano Ogyen Kunzang Chöling. Lisboa: Livros e Leituras, 1998. Pág. 93-103. O texto foi gentilmente transcrito por Sherab Chötso.]

8. A Contemplação

[1] Tendo assim desenvolvido a perseverança, devemos fixar a mente na contemplação: o homem cuja mente se dissipa é presa das garras da cobiça.

[2] O isolamento físico e mental elimina qualquer possibilidade de distração. Por isso, renunciemos ao mundo e abandonemos as preocupações.

[3] Se não renunciemos ao mundo, é por apego ou por cobiça. Para ultrapassar estes obstáculos, o sábio faz a seguinte reflexão:

[4] É pelo Vipashyana associada ao Shamatha que conseguimos a destruição da cobiça. Por isso, devo antes de mais procurar o Shamatha e ela nasce de uma fervorosa renúncia ao mundo.

[*Shamatha* é a meditação da calma mental, enquanto *Vipashyana* é a meditação da visão penetrante.]

[5] Como pode um ser efêmero apegar-se a outros seres efêmeros, se nunca mais verá o objeto da sua afeição nas milhares de existências a vir?

[6] Se não o vê, afunda na tristeza e não consegue manter em recolhimento; quando o vê, nunca se satisfaz completamente e a sede da sua presença atormenta-o como antes.

[7] Deixa de ver a realidade, perde o gosto pelo mundo e é consumido pela tristeza, tal é a cobiça de se reunir a quem ama.

[8] Nesta preocupação, hora a hora vai lapidando a sua curta vida. Por um amigo passageiro abandona o Dharma imutável.

[9] Se imita os tolos, é empurrado pelo mau caminho e forçosamente dirige-se para os mundos inferiores; de que lhe serve a sua companhia?

[10] Hoje são nossos amigos, amanhã inimigos; pensamos que os satisfazemos e estamos a melindrá-los... não é tarefa fácil contentar o povo.

[11] Se os exorto ao bem, aborrecem-se e desviam-me a mim do bem; se não lhes dou ouvidos, irritam-se ainda mais e votam-se aos lugares de tormento.

[12] Invejoso dos que lhes são superiores, hostil perante os iguais e arrogante com os inferiores, inchado com os elogios e exasperado com as críticas, como há de um tolo produzir algo de bom?

[13] Exaltação de si mesmo, depreciação dos outros, conversas sobre os prazeres do mundo... não há maneira de um tolo deixar de receber outro algo de funesto.

[14] Aproximar um do outro é conjugar os males: nem um nem outro tirarão qualquer benefício.

[15] Passa bem ao largo do tolo. Se o encontrares, debes ter com ele um trato ameno, não para te ligares de amizade, mas tão só para permanecer cortês.

[16] Tomando simplesmente o que me serve para a prática espiritual, como a abelha que apenas recolhe o néctar das flores, permanecerei como um estrangeiro no mundo, sem comércio com ninguém.

[17] "Sou rico, honrado, procurado..." Bruscamente a morte aparece perante o aterrorizado mortal.

[18] Todo projeto onde a mente procura o prazer, enganada por uma falsa felicidade, transforma-se num sofrimento mil vezes maior.

[19] Se és sábio, não procures o prazer; tal busca engendra o perigo. Os objetos de prazer têm por natureza não durar; compreende-o e permanece firme.

[20] Houve tantos ricos e tantos ilustres... com toda a sua riqueza e glória, para onde será que eles foram? Ninguém sabe.

[21] Há quem me despreze, porque me hei de alegrar de ser louvado? Há quem me elogie, porque me hei de afligir de ser denegrido?

[22] Os homens têm aspirações muito diversas, nem os Buddhas os podem satisfazer, quanto mais um ignorante como eu! Porque me hei de preocupar com os julgamentos do mundo?

[23] Denigre-se o pobre e condena-se o rico; entre pessoas de tão difícil convívio, como se há de saborear o prazer?

[24] Um homem de vistas curtas não pode ser amigo de ninguém, disseram os Buddhas, pois ele só gosta do que lhe interessa.

[Esta estrofe do texto sânscrito não aparece em tibetano.]

[25] Nas florestas, os pássaros, os animais selvagens e as árvores nunca dizem nada desagradável e vivem juntos de um modo tão tranqüilo... Quando poderei viver entre eles?

[26] Vivendo num templo deserto, ao pé de uma floresta ou numa gruta, quando será que vou partir tranqüilo, sem olhar para trás?

[27] Nos lugares naturais de retiro, vastos e livres, quando será que vou permanecer desapegado e independente?

[28] Rico de uma única tigela de barro e de um manto inútil aos ladrões, quando será que vou ficar livre de qualquer receio, sem ter de proteger o meu corpo?

[29] Quando será que vou para os cemitérios, comparar o meu corpo aos cadáveres dos outros e compreender que ele também está destinado à putrefação?

[30] Aqui está o meu corpo; aqui está a podridão que ele vai ser. Até os chacais fugirão do mau cheiro.

[31] Se bem que tenha sido um todo, mesmo os ossos e a carne que o compunham se dispersarão por todo o lado, quanto mais os amigos.

[32] O homem nasce só e morre só; ninguém pode partilhar parte da sua pena. Então, o que são para ele os amigos? Meros escravos.

[33] Assim como o viajante que pára no albergue de uma etapa, o ser que faz a viagem da existência demora-se numa vida.

[34] Antes que os quatro coveiros o levem no meio dos gemidos dos que o rodeavam, que ele parta para a floresta!

[35] Sem apego e sem aversão, reduzido ao seu corpo solitário, já morto para o mundo, não vai afligir ninguém com a sua morte.

[36] E não tem ninguém a seu lado para lhe atravessar a mente com a sua mágoa, ninguém para o distrair do pensamento de Buddha.

[37] A solidão das florestas é uma delícia, é isenta de penas e afasta toda a distração. A ela me quero consagrar para sempre.

[38] Liberto de qualquer outra preocupação, concentrado sobre o meu objetivo, vou-me esforçar por guardar a mente em meditação e ganhar mestria sobre ela.

[39] A cobiça é uma fonte de infelicidade neste mundo e no outro. Nesta vida, a prisão, a morte, as mutilações... na outra, o inferno.

[40-42] Contempla esses ossos! Por eles fartaste-te de fazer vênias às casamenteiras, acumulaste vezes sem conta atos maldosos e desprezíveis, chegaste a arriscar a vida e acabaste por esbanjar a tua fortuna. Quando os abraçavas, sentias-te no auge da felicidade. Pois bem! Vês? São só ossos, sujeitos à interdependência e sem identidade. Como os podes ainda desejar? Que esperas para passar além do sofrimento?

[43-45] Este rosto que se baixava pudicamente, como era difícil fazê-lo levantar... um véu cobria-o do olhar dos que nunca o tinham visto e até dos que já o tinham visto; vês os abutres ocupados a desvelá-lo? Vês bem? Então, foges? Esta cara que foi o objeto de tanta consumição, que tanto protegias do olhar dos outros, vês como é devorada? Então, ciumento, já não a proteges?

[46] Vês esta massa informe de carne devorada pelos abutres e pelos outros animais; é este pasto que tu gostas de ornamentar com guirlandas, perfumar com sândalo e cobrir de jóias!

[47] Se te arrepia tanto ver este cadáver imóvel, como não tinhas medo quando a respiração fazia dele um cadáver em movimento?

[48] Quando estava coberto, atraía-te. Agora que o vês nu, provoca-te horror. Se não queres saber dele, porque o acariciavas quando se escondia?

[49] A saliva e os excrementos têm uma só e mesma origem — o alimento. Se os excrementos te repugnam, porque aprecias a saliva?

[50-51] Mesmo boas almofadas, bem forradas de algodão e macias, não têm o menor encanto para o debochado, falta-lhes esse cheiro a corpo impuro que o treslouca e do qual ignora toda a impureza. Como não o satisfazem, só o podem irritar!

[A estrofe 51 figura unicamente na versão tibetana; é em parte igual ao verso 50.]

[52] Se não gostas da impureza, porque abraças outra armação de ossos ligados por tendões e cimentados pela argamassa da carne?

[53] O teu próprio corpo já tem impurezas que cheguem; porque o utilizas sem paradas e buscas, oh amante de porcarias, outro saco de imundícies?

[54] Dizes que gostas desta carne, que tens desejo de a ver e de lhe tocar. Então porque não desejas uma carne sem vida?

[55] A alma que desejas não pode ser vista nem tocada, e o corpo, que pode, de qualquer modo não se percebe, é em vão que o abraças!

[56] Podes ignorar que o corpo dos outros seja feito de imundícies, mas não te dares conta que o teu próprio corpo é imundo, é deveras surpreendente!

[57] Se desdenhamos do botão de lótus abrindo-se aos raios de um sol sem nuvens, como podemos, com a mente embriagada de impurezas, encontrar o prazer num receptáculo de porcarias?

[58] Quando a terra está suja com porcarias, recusas-te a tocá-la. Como podes desejar tocar o corpo de onde elas saem?

[59] Se não tens o desejo da impureza, porque abraças um corpo que saiu de um germe impuro e se formou num lugar impuro?

[60] Desgostam-te os vermes imundos nascidos da porcaria, mesmo se são muito pequenos, mas gostas de um corpo, também ele nascido da porcaria e composto de uma enorme massa de imundice!

[61] Oh esfomeado de porcaria! Não só não te desgosta a tua própria imundice, como ainda procuras outros receptáculos de impurezas!

[62] As coisas atraentes, como a cânfora, o arroz e os condimentos, se são rejeitados pela boca, tornam-se na própria terra impura.

[63] Se não acreditas na impureza do teu corpo, apesar de tão evidente, olha os outros corpos horríveis, atirados para os cemitérios.

[64] Se lhe tirarmos a pele, a única excitação que o corpo provoca é a de um profundo horror. Sabendo como ele é, como podes extrair prazer dele?

[65] Se o corpo cheira bem, o bom cheiro vem do sândalo. Ora, porquê se apegar a um objeto por causa de um perfume que lhe é estranho?

[66] Se o corpo, que é naturalmente fétido, não excita a cobiça, tanto melhor! Porque hão de os homens, cheios de futilidade, ungi-lo de perfumes?

[67] Que interessa ao corpo que o sândalo cheira bem? Porque nos havemos de apegar a um objeto por causa de um cheiro que lhe é estranho?

[68] Se o corpo estiver sujo e cheio de lama, com os cabelos desalinhados e as unhas compridas, os dentes amarelos e por lavar, é repulsivo por natureza.

[69] Então porque o havemos de arranjar meticulosamente, como a uma espada, para se golpear a si próprio? A terra está cheia de tolos que passam o tempo todo a iludirem-se.

[70] A vista de alguns esqueletos no cemitério repugna-te, mas achas divertida a cidade, cheia de esqueletos ambulantes!

[71] E para obteres esses corpos impuros precisas de dinheiro; para isso dás-te à fadiga de o ganhar e aos tormentos do inferno.

[72] A criança não é capaz de ganhar. Quanto terá o jovem para os seus prazeres? A juventude é passada à procura de ganhos. Uma vez velho, que fazer com os prazeres?

[73] Uns, cheios de vil cobiça, passam o dia inteiro em trabalhos extenuantes e quando chegam a casa à noite deixam-se cair na cama como mortos.

[74] Outros partem de viagem, impõe-se as saudades de uma ausência e durante muitos anos não vêem nem a mulher nem os filhos de que tanto gostam.

[75] Ignorando o seu interesse, mesmo aquilo porque se vendem não o conseguem obter. Assim, desperdiçam em vão a vida ao serviço de outrem.

[76] Outros venderam-se a amos que lhes impõem um trabalho sem parar. As suas mulheres acabam por ter filhos no meio da selva e em lugares desertos.

[77] Outros, para viver, partem para a guerra, cheios de medo de perder a vida. Buscam o proveito e acabam como escravos! Que infelizes, cegos pela cobiça!

[78] Outros ainda, por causa da cobiça, acabam mutilados, empalados, queimados e assassinados a golpes de lança.

[79] O cuidado de a ganhar e conservar, mais a tristeza de a perder, fazem da fortuna um grande infortúnio, é bom que o saibas! Os que têm a mente

apegada às riquezas estão distraídos e fora do concurso para se livrarem dos sofrimentos da vida.

[80] São assim as misérias dos homens, presas da cobiça, e as suas satisfações mesquinhas pouco mais valem que o magro petisco do boi que puxa a carroça.

[81] E é por este átomo de gozo, acessível ao grado, que o homem, cego pelo destino, deixa passar esta efêmera plenitude de uma existência tão difícil de obter.

[82] Por causa dos prazeres que de qualquer modo não duram, votamo-nos aos infernos e a todas as esferas da dor. Por objetivos tão pouco importantes, damo-nos a tantos trabalhos desde a origem dos tempos!

[83] Com um esforço mil vezes menor, teríamos atingido a iluminação. Os escravos da cobiça sofrem muito mais que os Bodhisattvas e não atingem a iluminação.

[84] Mesmo as espadas, o veneno, o fogo, os precipícios ou os inimigos, nada se pode comparar à cobiça se refletirmos nas torturas dos infernos.

[85] Por isso, deviam temer a cobiça; a vossa alegria devia estar na solidão, nas florestas tranquilas, onde não há disputas nem penas.

[86] Em rochedos encantadores, espaçosos como terraços de um palácio, refrescados pelo sândalo ao luar. Feliz o que é acariciado pelas suaves e silenciosas brisas dos bosques e caminha meditando na liberação dos outros!

[87] Vivendo onde quer que seja, pelo tempo que quiser, numa cabana abandonada, ao pé de uma árvore ou numa gruta. Livre das preocupações de preservar o seu ganho, por onde quer que vá, vai descansado.

[88] Indo assim, à sua vontade, sem apego, sem estar ligado a ninguém, usufrui de uma alegria tal que nem o próprio Indra a consegue igualar.

[89] Com reflexões deste gênero sobre a excelência da solidão, apaziguemos o errar do pensamento e cultivemos a Bodhichitta.

[90] Primeiro devemos refletir maduramente sobre a similitude dos outros consigo mesmo: "Todos têm as mesmas penas e as mesmas alegrias que eu, devo protegê-los como a mim mesmo."

[91] O corpo, apesar da diversidade das suas partes, é protegido como um ser único. Devia ser assim neste mundo; os diferentes seres, quer experimentem a alegria ou a dor, têm todos em comum comigo o mesmo desejo de felicidade.

[92-93] Se a minha dor não se reflete nos outros corpos, não é por isso mais fácil de suportar, tal o apego que tenho a mim. Da mesma maneira, a dor dos outros, apesar de eu não a sentir, não lhes é menos difícil de suportar, por causa do apego que têm a si.

[94] Devo combater a dor dos outros porque é dor, como a minha. Devo fazer bem aos outros porque são seres vivos, como eu.

[95-96] Se todos temos igual necessidade de sermos felizes, porque privilégio devo eu ser o objeto único dos meus esforços para a felicidade? E se todos tememos o perigo e o sofrimento, porque privilégio tenho eu o direito de ser protegido, só eu e os outros não?

[97] "É que as dores dos outros não me tocam!" Será uma boa razão para não os defender? Os sofrimentos do próximo corpo também não me atingem, porque me hei de precaver para que não sofra?

[98] "Mas, nesse caso, trata-se de mim!" Erro; um o que morre, outro o que renasce.

[99] "Cabe ao que sofre defender-se contra o sofrimento!" Mas a dor do pé não é a dor da mão, porque há de a mão proteger o pé?

[100] "Talvez seja um ilogismo, mas é um ilogismo que procede do sentimento de personalidade!" Todo o ilogismo, na medida do possível, deve ser eliminado tanto em nós como nos outros.

[101] "Encadeamento" e "agregados" são ficções, como "assembléia" ou "exército". Não há sujeito para a dor, quem poderia portanto ter a "sua" dor?

[102] Todas as dores, sem distinção, são impessoais; devemos combatê-las enquanto dor. Porquê fazer restrições?

[103] "Se não existe o ser que sofre, porque se há de combater o sofrimento?" Porque toda a gente é unânime quanto a isso. Se se deve combater a dor, então que se combata por toda a parte; se não se deve, que não se combata em parte alguma, mas não mais em mim do que nos outros!

[104] "Mas se a compaixão gera grandes sofrimentos, porque a havemos de provocar com o nosso próprio esforço?" Se considerarmos os sofrimentos do mundo, será que podemos dizer que os da compaixão são grandes?

[105] Se o sofrimento de um grande número cessa graças ao sofrimento de um só, este deverá provocá-lo por compaixão pelos outros e por si mesmo.

[106] Foi por isso que Supushachandra, embora sabendo à partida o que teria que suportar o rei, não se quis poupar a esse sofrimento à custa da perdição de tantos infelizes.

[A história do Bodhisattva Supushachandra, que por ter ensinado o Dharma foi martirizado pelo rei Viradatta, está resumida no comentário do *Prajnakaramati* segundo o *Samadhiraja Sutra*.]

[107] Tendo assim cultivado os seus pensamentos, os Bodhisattvas, concentrando a sua alegria no apaziguar da dor dos outros, mergulham no inferno como os cisnes num lago coberto de flores de lótus.

[108] A liberação dos seres é para eles um oceano de alegria que tudo inunda. De que lhes serviria uma insípida liberação?

[109] Se se faz algo no interesse dos outros, que não haja orgulho nem complacência! Nada de desejo de retribuição! Uma só desejo — o bem dos outros!

[110] Por isso, da mesma maneira que me protejo de todo o mal, terei pelos outros pensamentos de proteção e de bondade.

[111] Por hábito, os homens ligam a noção de "eu" a gotas de esperma e de sangue que lhes são estranhas e sem qualquer substância.

[O sangue da mãe refere-se ao óvulo.]

[112] Porque não considerar então como "eu" os corpos dos outros? Reconhecer o nosso corpo como "outro" deixaria de ter qualquer dificuldade.

[113] Considerando que nós estamos carregados de defeitos e que os outros são oceanos de qualidades, apliquemo-nos a rejeitar o nosso egoísmo e a identificarmo-nos com os outros.

[114] Interessamo-nos pelos membros como partes do nosso corpo, porque não pelos homens como parte da humanidade?

[115] Por hábito aplicamos a idéia de "eu" a este corpo sem alma, porque não aos outros?

[116] Desta maneira, se fazemos bem aos outros, não sentiremos nem orgulho nem complacência. Ninguém está à espera de ser recompensado por se alimentar a si mesmo.

[117] Assim como tens vontade de te defender contra a mais pequena ofensa, é indispensável que o pensamento de proteção e de bondade para com os seres se torne em ti um hábito.

[118] Foi assim que o protetor Avalokiteshvara, em grande compaixão, abençoou o próprio nome para afastar dos homens o simples risco de serem intimidados diante de uma assembléia.

[No *Gandavyuha Sutra*, Avalokiteshvara diz: "Que não seja mais intimidado pela multidão, aquele que por três vezes se lembre do meu nome!"]

[119] Não se deixem abater pela dificuldade. Há coisas cujo mero nome nos fazia tremer e que, pela força do hábito, acabamos por não poder passar sem elas.

[120] Quem queira salvar-se rapidamente a si e aos outros, deve praticar o grande segredo — a troca de si pelos outros.

[121-123] O amor desmesurado pelo corpo faz temer o menor perigo. Quem não odiaria este corpo tão inquietante como um inimigo, e este "eu" que, por

desejo de combater a doença, a fome e a sede, massacra pássaros, peixes e quadrúpedes, e torna-se inimigo de tudo o que vive? E que, por amor do ganho e das honrarias, seria até capaz de matar os próprios pais e de roubar o patrimônio das Três Jóias, o que faria de si o combustível dos fogos do inferno?

[124] Qual seria o homem sensato que gostaria de acarinhar, guardar e cuidar do seu corpo, sem ver nele mais do que o seu inimigo, fazendo dele um objeto de honra?

[125] "Se der, que terei para comer?" Este egoísmo fará de ti um ogre. "Se comer, que terei para dar?" Esta generosidade fará de ti o rei dos deuses.

[126] Quem quer que faça pensar os outros por si arderá nos infernos. Quem aceite penar pelos outros, terá direito a todas as felicidades.

[127] A mesma ambição de superioridade, que tem por efeito a estupidez e os suplícios nos mundos inferiores, produz, se a transferirmos para os outros, a honra e o respeito nos mundos superiores.

[128] Aquele que impõe a um outro a tarefa de trabalhar para si terá por retribuição a escravatura. O que se impõe a tarefa de trabalhar para os outros terá por recompensa o poder.

[129] Todos os que são infelizes, são-no por terem procurado a sua própria felicidade. Todos os que são felizes, são-no por terem procurado a felicidade dos outros.

[130] Para quê falar tanto? Basta comparar o palerma apegado ao seu interesse próprio com o santo que age no interesse dos demais!

[131] Uma coisa é certa; não há maneira de se obter a dignidade de Buddha, nem sequer a felicidade neste mundo das transmigrações, sem trocarmos o nosso bem-estar pela pena dos outros.

[132] Já não falando no outro mundo, não é verdade que neste, se o servidor não fizer o que lhe cabe, e o amo não pagar o que lhe deve, ficam todos comprometidos?

[133] Longe de trabalharem para o seu bem-estar comum, que é o princípio da felicidade nesta vida e nas vidas futuras, os homens só pensam em se prejudicar uns aos outros, e pagam este desvario com terríveis sofrimentos.

[134] Todas as catástrofes, todas as dores e todos os perigos do mundo provêm do apego ao "eu". Por que hei de me agarrar a este demônio?

[135] Se não desalojarmos o "eu", não podemos escapar à dor, assim como se não nos afastamos do fogo não podemos escapar à queimadura.

[136] Por isso, para apaziguar a minha dor e a dos outros, ofereço-me aos outros e adoto os outros como o meu "eu".

[137] Pertença aos outros! Esta deve ser a tua convicção, oh minha mente. A partir de agora, o interesse dos outros deve ser o teu único pensamento.

[138] Não é conveniente que estes olhos e estas mãos, que pertencem aos outros, se movam em meu interesse, nem é conveniente que se movam contra o interesse de outrem.

[139] Preocupado unicamente com o bem dos seres, tudo o que vires de útil no teu corpo deves retirá-lo e pô-lo ao serviço dos outros.

[140] Considerando os humildes como sendo tu, e tu como sendo os outros, podes cultivar sem escrúpulos a inveja e o orgulho.

[Nos versos seguintes, Shantideva mostra o comportamento dos tolos.]

[141] "O quê? Aquele é bem tratado e eu não! Não ganho tanto como ele! Ele é honrado e eu sou desprezado! Sofro e ele está contente!"

[142] "Eu trabalho enquanto ele repousa!" Dizes que ele é grande pelas qualidades que tem e que eu sou pequeno pelas que não tenho.

[143] "Mas como conceber um homem desprovido de qualidades? Cada um tem as suas; há pessoas a quem sou inferior, e outras a quem sou superior.

[144-145] "Se a minha disciplina e a minha doutrina deixam a desejar, é pela força das emoções negativas e não da minha vontade. Tenho de me curar, se possível, e aceito de bom grado os sofrimentos do tratamento. Se este "eu" me julga incurável, porque me despreza? Que me importam as suas qualidades, se elas só a si lhe servem?

[146] "Nem sequer tem compaixão dos desgraçados que caíram nos abismos dos mundos inferiores e, no entanto, orgulhoso das suas qualidades, pretende ser mais do que os sábios!

[147] "Se reconhece um igual, logo se esforça para o ultrapassar; se necessário armadilhando umas tantas disputas para satisfazer a sua cupidez e ambição.

[148] "Queira o céu que as minhas qualidades gozem de uma celebridade universal, e que não se ouça falar das dele, quaisquer que elas sejam, em nenhum lado!

[149] "Possam os meus defeitos ficar escondidos! Possam todas as honras ser para mim e nenhuma para ele! Eis-me enfim na posse do meu ganho, eu sou honrado e ele já não é.

[150] "Que prazer vê-lo todo este tempo na miséria! Não descansarei enquanto não o vir vilipendiado e gozado por toda a gente.

[151] "Vejam só este miserável que ousa rivalizar comigo! Como pode comparar-se comigo? Ciência, sabedoria, beleza, nobreza, riqueza... tudo lhe falta!"

[152] E assim, ouvindo por todo o lado elogiar as qualidades deste "eu", até me arrepio de alegria. Que delícia! Que prazer!

[153] Se o outro possui algum bem, havemos de lhe tirar pela força; há de ficar apenas com o necessário para sobreviver, e na condição de nos servir.

[154] Há que derrubar a sua felicidade e fazê-lo carregar com as nossas penas. Por sua causa já sofremos cem vezes o suplício da transmigração.

[155] Passaste séculos inumeráveis em busca dos teus interesses e o preço que recebeste desse imenso esforço foi dor e mais dor.

[156] Empenha-te incondicionalmente no servir os outros, e mais tarde verás as vantagens, pois a palavra do Buddha é infalível.

[157] Se tivesses praticado mais cedo esta regra de conduta, não estarias agora em tal situação, já sem falar da bem-aventurada dignidade de Buddha que terias podido adquirir.

[158] Por isso, da mesma maneira que transferiste a noção de "eu" a gotas de esperma e de sangue que te são estranhas, faz o mesmo em relação aos outros.

[159] Sê o espião dos outros: tudo o que vires neste corpo rouba-o e põe-no ao serviço dos outros.

[160] "Eu estou contente e ele não está; eu estou na mó de cima, e ele na mó de baixo; eu recebo toda a ajuda, e ele não recebe nenhuma". Dá livre curso à tua inveja contra ti mesmo.

[161] Arranca o teu "eu" da sua felicidade e atrela-o à infelicidade dos outros e, para ver se ele comete faltas, vigia continuamente as suas ações.

[162] Faz com que caiam sobre a sua cabeça mesmo as faltas dos outros e, por muito pequena que seja, denuncia a mais pequena falta sua perante a assembléia dos seres.

[163] Arrasa a sua reputação exaltando a dos outros. Afeta-o como se fosse um serviçal de baixo estrato, às necessidades dos seres.

[164] Uma vez que, vicioso por natureza, não deve ser louvado por qualquer migalha de qualidade adventícia, age de maneira a que, mesmo que tenha alguma virtude, ninguém saiba.

[165] Numa palavra, todo o mal que fizeste aos outros no teu interesse, fá-lo cair sobre o teu "eu" no interesse dos outros.

[166] Nem sequer lhe toleres a audácia da arrogância. Obriga-o a guardar-se como uma jovem esposa, pudica, tímida e reservada.

[167] "Faz isto, não faças aquilo, porta-te desta maneira!" É assim que o deves vergar à tua vontade e que o deves punir quando transgride.

[168] E se quando eu te falo assim não me obedeces, oh minha mente, saberei como castigar-te, oh suporte de todos os vícios!

[169] Onde pensas que vais? Pensas que não te vejo? Darei cabo de todas as tuas veleidades. Já lá vai o tempo em que causavas a minha perdição.

[170] Renuncia à esperança de ainda teres hoje um interesse pessoal, vendi-te aos outros. Serve-os e sem resmungar!

[171] Se eu fizesse a loucura de não te entregar aos outros, não duvido que serias tu a entregar-me aos guardiões do inferno.

[172] Quantas vezes já não o fizeste! E o que eu tive de sofrer! Agora, recordando o teu ódio, esmago-te, oh servidor do egoísmo!

[173] Se procuras a alegria, não cuides de ti. Se te queres proteger, protege sempre os outros.

[174] À medida que vais cuidando do teu corpo, ele vai fenecendo e ficando decrépito.

[175] E mesmo nesse estado decadente, a terra inteira não chegaria para satisfazer a sua cobiça. Quem seria capaz de o satisfazer?

[176] Quem deseja o impossível recolhe uma triste ilusão. Quem abandona as expectativas usufrui de uma felicidade inalterável.

[177] Portanto, não se deve dar livre curso ao aumento da cobiça do corpo. Só é bom o que não aparece como desejável.

[178] O corpo! Figura impura horrível que tem a cinza por fim e conclusão, que é inerte e movido por um outro. Porque lhe hei de aplicar a noção de um "eu"?

[179] Para que serve esta máquina viva ou morta? Qual a diferença entre ela e um pedaço de terra? Oh sentimento de um "eu", porque não morres de vez?

[180] Cuidar do meu corpo só me trouxe sofrimentos. No entanto, ele não passa de um cepo. Que me importa a sua afeição ou o seu ódio?

[181] Protegido por mim ou devorado pelos abutres, o corpo nem gosta de mim, nem odeia os abutres. Porque o hei de considerar com afeição?

[182] Irrito-me quando ele é maltratado e fico contente com as honras que recebe, mas, uma vez que ele nem se dá conta disso, para que me hei de golpear?

[183] "Os que gostam deste corpo são amigos para mim". Seja, mas todos os homens gostam do seu corpo. Porque não hei de ter por eles a mesma amizade?

[184] Por isso, no interesse do mundo, renuncio sem reserva ao meu corpo. Se o conservo, apesar dos seus defeitos, é como um instrumento de ação.

[185] Para trás, conduta profana! São os sábios que quero seguir! Recordando os ensinamentos sobre a aplicação, combaterei a indolência e o torpor.

[186] Como o Bodhisattva transbordando de compaixão, vou assumir pacientemente a minha empresa. Se não fizer esforços constantes, noite e dia, será que algum dia verei o fim da minha miséria?

[187] Possa eu afastar do mau caminho a minha mente confusa, para escapar às trevas e deixá-la em equanimidade sobre o seu verdadeiro ponto de apoio.

[As duas últimas quadras deste capítulo apenas figuram na versão tibetana. Não se possui equivalente em sânscrito.]

[Adaptado de *O Caminho para a Iluminação — Bodhicaryavatara*. Coleção Espiritualidades, série Budismo, sob a direção do Ogyen Kunzang Chöling. Escrito por Shantideva, tradução para o português por Filipe Valente Rocha e outros praticantes da escola do Budismo tibetano Ogyen Kunzang Chöling. Lisboa: Livros e Leituras, 1998. Pág. 105-127. O texto foi gentilmente transcrito por Sherab Chötso.]

9. A Sabedoria Transcendente

[1] O Buddha destinou todos estes ensinamentos à realização da sabedoria transcendente. Portanto, se desejamos a cessação da dor, façamos nascer em nós a sabedoria.

[O nono capítulo é o único que trata da Bodhichitta absoluta, última, enquanto todos os outros tratam da Bodhichitta relativa, convencional. Este capítulo é extremamente conciso e apresenta-se freqüentemente como respostas a questões doutrinárias subentendidas. A sua compreensão necessita portanto da consulta dos comentários e um bom conhecimento da filosofia Madhyamika, bem como dos outros pontos de vista filosóficos budistas e não-budistas que nele são refutados. Para o tornar mais acessível, assinalamos os diferentes temas abordados e acrescentamos alguns comentários e por vezes elementos sintáticos.]

I. Visões filosóficas

1. Verdade relativa e verdade absoluta

[2] Há duas verdades, a verdade relativa e a verdade absoluta. A verdade absoluta está para além do domínio do intelecto, o qual é dito obscurecido.

[A verdade relativa, *samvritisatya*, é falaciosa. A palavra tibetana *kündzop* é definida como o que vela, que obscurece.]

[3-4] Correlativamente, há duas espécies de homens: o contemplativo e o comum. Os contemplativos são superiores aos homens comuns e, por sua vez, formam uma hierarquia segundo a qualidade maior ou menor da sua inteligência. No entanto, estas duas categorias estão de acordo quanto às comparações e também, desde que não seja analisado, quanto ao fim a atingir.

[Tanto o homem comum como o contemplativo estão de acordo no reconhecimento que as criações de um mágico são puras ilusões, sem existência. Se bem que no absoluto, o próprio estado búddhico não tenha existência concreta, o contemplativo aceita momentaneamente a existência de um fruto (o estado búddhico) com o único fim de encorajar os seres a atingir o fruto da libertação.]

[5] Os homens comuns vêem e concebem as coisas como reais, e não como ilusórias. Tal é a divergência entre os contemplativos e os homens comuns.

2. Refutações das visões do Hinayana sobre as duas verdades

[6-7a] A forma e os outros objetos dos sentidos tiram a sua evidência do sentido comum, e não de um conhecimento real; mas este sentido comum engana-se, como quando julga como puro o que é impuro. Se o Buddha ensinou que as coisas têm uma realidade, foi com o intuito de trazer os seres sobre a via. Segundo a verdade absoluta, elas não existem [de maneira inerente], nem sequer momentaneamente.

[7b-8] **Hinayana:** Nesse caso, não será contraditório dizer que, para o contemplativo, elas existem momentaneamente segundo a verdade relativa?

Madhyamika [Mahayana]: Não há erro na verdade relativa dos contemplativos; em comparação com os homens comuns, eles vêem as coisas tais como elas são. De outro modo, a sua clara compreensão da impureza do corpo da mulher poderia ser refutada pelo homem comum.

[O *Hinayana* ou Pequeno Veículo, fundado sobre a renúncia, dirige-se aos que procuram a libertação individual a fim de pôr um termo aos seus próprios sofrimentos. A filosofia *Madhyamika*, ou Caminho Meio, é a mais elevada do *Mahayana* ou Grande Veículo. É assim nomeada, uma vez que não cai em nenhum dos extremos: nem no niilismo, nem no eternalismo; nem na negação da realidade dos fenômenos, nem na afirmação da sua realidade; nem Samsara, nem Nirvana. Sua Santidade o Dalai Lama observa que "Nagarjuna, em sua *Guirlanda Preciosa*, e Shantideva, no *Bodhicharyavatara*, falam dos 'defeitos do corpo das mulheres'. Sua intenção, no entanto, não era a de mostrar as mulheres como seres inferiores. O que ocorria é que a maioria daqueles que haviam pronunciado os votos monásticos eram homens. Os 'defeitos' descritos tinham como único fim ajudar esses homens a vencer seus desejos pelo corpo feminino. A religiosa deve fazer naturalmente uma análise semelhante do corpo masculino. Nas práticas mais elevadas do Vajrayana, não somente não se opera nenhuma segregação entre os homens e as mulheres, como também o elemento feminino desempenha um papel fundamental, a ponto de o desprezo para com as mulheres ser considerado uma transgressão aos preceitos.]

[9] **Hinayana:** Se, segundo vocês, mesmo o Buddha é uma ilusão, que mérito se pode ganhar com a sua veneração?

Madhyamika: O mesmo mérito que se pode ganhar com a veneração de um Buddha real.

[9b-13a] **Hinayana:** Mas se um ser é ilusório, como pode morrer e renascer?

Madhyamika: Uma ilusão dura tanto quanto a combinação das causas que a produziram; será que se pode dizer que os seres existem realmente simplesmente porque duram mais tempo? Não há falta no assassinato de um ser ilusório [criado por um mágico], uma vez que ele é desprovido de consciência. Mas há produção de mérito ou demérito quando se trata de um ser que possui uma consciência ilusória. Uma consciência ilusória não pode ser produzida "por um mágico", pois as fórmulas mágicas são impotentes para a criar. Mas as ilusões são diversas, uma vez que procedem de diferentes causas. Uma causa única, capaz de tudo produzir, não existe em lado nenhum.

[13b-15a] **Hinayana:** Se vocês dizem que, segundo a verdade absoluta, tudo é Nirvana, como o Samsara pertence à verdade relativa, o Buddha poderia de novo ser apanhado pelo Samsara [uma vez que este continuaria a existir no Nirvana]; nesse caso, de que serve caminhar para a iluminação?

Madhyamika: Enquanto as causas da ilusão não forem arrancadas, a ilusão tão pouco o é; mas desde que as causas sejam arrancadas, a ilusão cessa de se produzir, mesmo segundo a verdade relativa.

[O *Samsara* é o ciclo das existências onde reinam o sofrimento e a frustração engendrados pela ignorância e pelas emoções conflituosas que dela resultam. O *Nirvana* é a cessação desse sofrimento e frustração.]

3. Refutação das visões dos Chittamatrins sobre as duas verdades

[15b-16a] **Chittamatra:** Se o ilusório não existe, então quem percebe a ilusão?

Madhyamika: E se para vocês a própria ilusão não existe, o que é percebido?

[Os *chittamatrins* ("apenas mente"), também chamados de *yogacharins*, são "idealistas" e ensinam que só a mente existe realmente.]

[16b-18a] **Chittamatra:** Os objetos existem de outra maneira [que não é a realidade grosseira]; são as imagens que não passam de mente.

Madhyamika: Mas se o objeto ilusório é a mente em si, então quem vê e o que é visto? O protetor do mundo disse: "A mente não pode ser vista pela mente." A mente é como a lâmina de um sabre, que não pode cortar-se a si mesma.

[18b-19a] **Chittamatra:** A mente é como uma chama que ilumina a si mesma.

Madhyamika: Uma chama não ilumina a si mesma, pois uma chama não é obscura.

[19b-20] **Chittamatra:** O azul [do lápis-lazúli], para ser azul, não depende de qualquer outro azul, ao contrário do cristal [que se torna azul sobre um tecido azul]. Assim, certas percepções são independentes e outras dependentes.

Madhyamika: O azul não é azul em si mesmo; não se tornou azul por si próprio.

[Aqui, uma estrofe do texto sânscrito que não figura na versão tibetana.]

[21-22] A mente constata e afirma que a chama ilumina; mas quem constata e afirma que a mente ilumina? Uma vez que a mente não é vista por ninguém, que ilumine ou não, é tão vão falar disso como da beleza da filha de uma mulher estéril.

[23] **Chittamatra:** Se a mente não se pode conhecer a si mesma, como pode ela lembrar-se do seu conhecimento?

Madhyamika: A memória vem da associação com um objeto exterior, como o veneno do rato.

[Os Madhyamikas dizem que a consciência não tem necessidade de conhecer a si mesma para se recordar. A memória surge de uma associação de idéias. Refutam assim os Chittamatrins para quem a memória é possível porque a consciência conheceu a si mesma no momento do acontecimento do qual se recorda. Os comentários dão o seguinte exemplo: "Quando um urso é mordido por um rato no inverno, o veneno não causa nesse momento nenhuma dor. Na primavera, o veneno age e o urso sente a dor. Lembra-se então de ter sido mordido, se bem que nunca tenha feito a experiência da dor do veneno."]

[24-25] **Chittamatra:** Uma vez que sob certas condições [pela concentração, pela clarividência], se pode ver o pensamento de outrem, não podemos ver o nosso próprio pensamento?

Madhyamika: Não. Graças à aplicação de um ungüento mágico sobre o olho, podemos ver um vaso escondido, mas não o ungüento em si. Nós não contestamos as percepções da vista, do ouvido e da consciência, mas que elas sejam verdadeiras de uma verdade absoluta é uma tese que repudiamos, como sendo a causa da dor.

[26-27a] **Chittamatra:** Se se pretende que o objeto ilusório é outra coisa que não a mente, é falso; se se pretende que ele é unicamente mente, é igualmente falso.

Madhyamika: Se vocês dizem que a mente é real, como poderia o objeto ser de outra natureza, uma vez que para vocês o objeto é irreal? Se a mente é da mesma natureza que o objeto irreal, como poderia ser real? Vocês dizem que um objeto ilusório, sem existência real, pode ser percebido; portanto, uma consciência ilusória, sem existência real, pode perceber.

[Isto refuta a posição de certos chittamatrins que consideram que a mente é uma entidade realmente existente e que os fenômenos exteriores não passam de imagens imateriais no seio da mente.]

[27b-29] **Chittamatra:** O Samsara tem por suporte algo de real [a mente], senão seria um espaço vazio.

Madhyamika: De que modo apoiando-se numa coisa real [a mente], uma coisa irreal [o Samsara] poderia cumprir uma função? A vossa mente só pode ter um companheiro: o nada. Se a mente fosse desprovida de objeto, todos os seres seriam Buddhas [pois a dualidade não existiria]. Por isso, de que serve dizer que tudo é mente?

4. Importância do caminho da vacuidade

[30-34] **Pergunta:** Mas, mesmo se penetramos o caráter ilusório da mente, o desejo será por isso eliminado? Não se vê o mágico, criador da ilusão de uma mulher, apaixonar-se por elas?

Madhyamika: O mágico não destruiu as emoções negativas, nascidas da habituação à realidade do cognoscível; no momento em que vê a sua criação, a habituação à vacuidade é demasiado fraca [para que possa desfazer-se o desejo]. Mas quando estamos impregnados da idéia da vacuidade, a habituação à realidade dos fenômenos desaparece; repetindo-se que tudo é desprovido de realidade, mesmo a idéia de vacuidade acaba por desaparecer. Quando se diz que nada existe, o objeto de investigação, a realidade inerente, não pode ser apreendido; como poderia a não-realidade, assim privada de suporte, apresentar-se à mente? Quando nem a realidade nem a não-realidade deixam de se apresentar à mente, então, na ausência de qualquer outra atitude possível, a mente liberta de conceitos tranquiliza-se.

[Para os Madhyamikas, a vacuidade não é nem um nada nem uma entidade que continue a existir depois de ter desaparecido a noção da realidade dos fenômenos.]

5. O fruto: o bem dos seres

[35] Assim como a pedra miraculosa e a árvore dos desejos satisfazem as aspirações dos seres, assim se manifestam os Buddhas como resultado dos seus votos dedicados ao bem dos seres.

[36] Muito depois da morte do brâhmane Shanku, o Templo do Garuda, que ele tinha consagrado, continuou a curar os efeitos do veneno e dos outros flagelos.

[O que se segue refuta os argumentos dos *Shravakas* ("ouvidores") quanto ao fruto do caminho: o bem dos outros.]

[37] Da mesma maneira, o "templo" consagrado pelos vitoriosos, conforme à prática que realizaram para a iluminação, continua a cumprir todas as suas funções, mesmo depois dos Bodhisattvas terem partido.

[38-39] **Shravaka:** Como poderia a veneração prestada a quem já não tem pensamentos discursivos [o Buddha] dar frutos?

Madhyamika: É dito que a veneração do Buddha vivo ou o do Buddha passado são iguais. Quer os méritos e o estado búddhico sejam considerados como ilusórios, quer, segundo vocês, como reais, as escrituras afirmam que há um fruto. O fruto é obtido

da mesma maneira, quer o Buddha seja considerado como real ou não.

6. Autenticidade do Mahayana

[40] **Vaibhashika:** A liberação obtém-se pela visão das quatro nobres verdades. Para que serve a visão da vacuidade?

Madhyamika: Porque, segundo as escrituras [*Prajnaparamita*], a iluminação não é obtida fora desse caminho.

[Os argumentos dos *Vaibhashikas* (uma das quatro classes de *Shravakas*) querem demonstrar que se pode atingir o estado de Arhat meditando simplesmente sobre as quatro nobres verdades, sem meditar sobre a vacuidade (*shunyata*), como o fazem os discípulos do Mahayana.]

[41-42] **Vaibhashika:** Mas o Mahayana não está provado.

Madhyamika: E as vossas próprias escrituras, como o estão?

Vaibhashika: Porque ambos as admitimos.

Madhyamika: Então elas não estavam provadas antes de vocês! A crença que têm nas vossas escrituras deviam, pelas mesmas razões, tê-la também pelas do Mahayana. Se a autenticidade dependesse da adesão de duas pessoas, resultariam autênticos os Vedas e outras escrituras.

[43-44] **Vaibhashika:** As escrituras do Mahayana são contestadas.

Madhyamika: As vossas escrituras são contestadas também pelos não-buddhistas e por outras escolas buddhistas. Se fosse assim, deviam abandonar as vossas próprias escrituras! O Dharma tem por raiz uma vida monástica autêntica; ora, é difícil ser um monge autêntico: uma mente apegada a conceitos só dificilmente pode atingir o Nirvana.

[Um monge autêntico deve ter destruído as emoções negativas pela realização da vacuidade.]

[45] **Vaibhashika:** A liberação é o resultado imediato do abandono das emoções negativas.

Madhyamika: Mas observa-se ainda o efeito do karma mesmo entre os que já não têm emoções negativas.

[46] **Vaibhashika:** Eles esgotaram, sem dúvida alguma, a pulsão que é a causa dos renascimentos.

Madhyamika: Já não têm pulsões associadas às emoções negativas; mas porque haveriam de ter pulsões associadas à confusão?

[47-48] A pulsão tem por origem as sensações; ora, nos Arhats encontram-se sensações. Os Arhats têm ainda conceitos e permanecem apegados a esses conceitos. A mente sustida, como no estado de absorção inconsciente, surgirá de novo se não tiver realizado a vacuidade. Portanto, cultivemos a vacuidade.

[A sensação — agradável, desagradável ou neutra — é um dos doze elos interdependentes, despoletados pela ignorância. Por terem vencido as emoções negativas, os Arhats estão libertos dos sofrimentos do Samsara; entretanto, eles não realizaram a vacuidade e, portanto, não podem dissipar os véus sutis da ignorância e do apego à realidade dos fenômenos. Eles devem ainda atravessar o portal do Mahayana para continuar a progredir para o estado búddhico.]

[49-51] Se se aceitam as palavras que estão de acordo com os sutras como sendo as palavras autênticas do Buddha, porque não aceitar a maioria dos ensinamentos do Mahayana, também eles de acordo com os sutras? Se refutam o conjunto do Mahayana porque uma parte não está incluída nos vossos sutras, porque não aceitar o conjunto do Mahayana como as palavras do Buddha, uma vez que uma parte é idêntica aos vossos sutras? Quem pode dizer que as palavras que não puderam ser totalmente compreendidas por Mahakashyapa são inaceitáveis, lá porque vocês não as compreendem?

[Segundo o comentário sânscrito de Prajnakaramati, as estrofes 49, 50 e 51 não estão aqui no seu lugar. Segundo o comentário tibetano de Ngülchu Thogme, poderiam ser inseridas entre os versos 43 e 44, mantendo uma autenticidade contestável. Mahakashyapa ficou ao lado de Buda até ao parinirvana deste. Tornou-se, de seguida, o primeiro patriarca e contribuiu assim para a preservação das palavras do Buddha.]

II. Prática do caminho

1. Não-realidade do indivíduo

[52] Liberto do apego e do medo, o Bodhisattva permanece no Samsara para o bem dos seres que sofrem por ignorância. Tal é o fruto da realização da vacuidade.

[53] A vossa crítica da vacuidade não é fundamentada. A vacuidade deve ser cultivada sem hesitação.

[54] Ela é o antídoto das trevas formadas pelas emoções negativas e pelo véu que mascara o cognoscível. Se desejamos a onisciência, como não a cultivar o mais rápido possível?

[55] Que receemos o que causa a dor, seja! Mas a vacuidade apazigua a dor. Porquê receá-la?

[56] Que tenhamos medo disto e daquilo enquanto cremos que o "eu" é qualquer coisa, seja! Mas se não há "eu", quem receia?

[57-59] Eu não sou os dentes, os cabelos, as unhas, os ossos, o sangue, os mucos, a fleuma, o pus, a saliva, a gordura, o suor, os pulmões, o fígado, as vísceras, os excrementos, a urina, a carne, a pele, o calor, a respiração, as cavidades do corpo, as seis percepções.

1.1 Refutação da teoria dos Samkhyas sobre o Atman animado

[60-61] Se a consciência auditiva fosse permanente, o som seria constantemente percebido. Por outro lado, na ausência de objeto de percepção, como falar de consciência? Se atribuirmos uma consciência ao que não conhece, então um pedaço de pau seria "consciente". Por isso, é estabelecido que não há consciência sem objeto percebido.

[Os *Samkhyas* concebem o Atman como uma entidade consciente e permanente que tem o potencial de aperceber os cinco objetos dos sentidos (cores, sons, odores, sabores e formas). Segundo o buddhismo, a mente não é uma entidade mas uma corrente contínua de instantes de consciência; há tantas consciências quantas as percepções e cada uma destas consciências apenas tem uma duração infinitesimal.]

[62-64] **Samkhya:** Na ausência de som, essa consciência pode perceber a forma.

Madhyamika: Então, porque não continua a ouvir?

Samkhya: Porque não está relacionada com um som.

Madhyamika: Mas nesse caso não é uma consciência auditiva. O que tem por natureza perceber o som, como poderá perceber a forma?

Samkhya: O mesmo homem pode ser visto como pai e filho.

Madhyamika: Sim, mas isso não é a sua natureza última. Além disso, as noções de pai e filho não entram na vossa teoria de luz [*Sattva*], atividade [*Rajas*] e obscuridade [*Tamas*]. Nunca se viu uma consciência da forma perceber um som.

[Segundo os Samkhyas, as verdades últimas são permanentes. Se nos fixarmos neste ponto de vista, a noção de "pai", por exemplo, não poderia existir, pois nos tornamos pais ao engendrar — portanto, através de um processo de transformação, não por ser uma noção absoluta.]

[65] **Samkhya:** É sobre um outro aspecto que a consciência auditiva percebe a forma; é como um ator que muda de papel.

Madhyamika: Mas nesse caso, ela não é permanente.

Samkhya: É, é a mesma que aparece de diferentes maneiras.

Madhyamika: Que "unidade" sem precedente!

[66] **Samkhya:** Estes diferentes aspectos não têm realidade.

Madhyamika: Então digam lá qual é a sua natureza real.

Samkhya: É a sua faculdade de conhecer [os diferentes aspectos].

Madhyamika: Mas nesse caso todos os seres seriam uma única e mesma entidade!

[Os Madhyamikas levam o raciocínio dos Samkhyas até ao absurdo; se a faculdade de conhecer fosse a natureza única de todos os seres, as suas diferenças seriam irreais e todos procederiam de uma entidade única.]

[67] Além do mais o animado [o princípio consciente ou *Purusha*] e o inanimado [a matéria primitiva ou *Prakriti*] seriam um, uma vez que têm em comum o existir. Se os diferentes aspectos da consciência são declarados irreais, que suporte real poderiam eles ter em comum?

1.2 Refutação da teoria dos Naiyayikas sobre o Atman inanimado

[68-69] **Madhyamika:** O "eu", o Atman, não pode ser inanimado, pois o inanimado é sem mente, como um vaso.

Naiyayika: Ele torna-se consciente como resultado da sua união com a mente.

Madhyamika: O seu carácter não-consciente é então destruído. Se o "eu" é imutável, que efeito pode ter a consciência sobre ele? Ao espaço inconsciente e inerte também se poderia então atribuir a qualidade de "eu"!

[Os Naiyayikas dizem que o Atman é imutável e inanimado, que está presente em cada ser como o espaço. No entanto, dizem que ele é capaz de perceber os fenômenos e de se lançar na ação quando se associa a uma consciência. Esta teoria é refutada pelo Madhyamika pois uma interação não pode ser uma entidade permanente.]

1.3 Argumentação sobre a não-realidade do "eu"

[70] Mas, poder-se-ia dizer, a relação entre o ato e o fruto é impossível sem o "eu". Se o autor do ato desaparece depois de o ter realizado, a quem cabe o fruto?

[71] Estamos de acordo que o ato e o fruto têm um suporte diferente. Por outro lado, vocês pretendem que o "eu" é inativa: portanto a discussão é supérflua.

[72] É impossível ver um fruto cuja causa esteja ainda presente. Se se diz que o autor do ato é quem recolhe o fruto, é considerando a sucessão contínua dos fenômenos.

[73] Nem o pensamento passado nem o pensamento futuro podem ser o "eu", uma vez que não existem. Será o pensamento presente o "eu"? Mas então, este pensamento desaparecendo, não há mais "eu".

[74] Depois de dissociar as fibras do caule de uma bananeira-de-terra, não fica nada. Da mesma maneira, o "eu", submetido a uma análise exaustiva, é reconhecido como puro nada.

[75] **Pergunta:** Se o indivíduo não existe, quem é o objeto da compaixão?

Madhyamika: Aceitamos este conceito, resultante da ignorância, com vista ao fim a atingir.

[76-77] **Pergunta:** O fim de quem, uma vez que os seres não existem?

Madhyamika: É verdade que o esforço procede da ilusão; mas como ela tem por objetivo apaziguar a dor, a ilusão do fim não é proibida. O sentimento do "eu" é causa de dor e cresce com a ilusão do "eu". Não pensem que é impossível aboli-lo; é algo que se consegue perfeitamente, meditando sobre a não-existência do "eu".

2. Não-realidade dos fenômenos

2.1 Não-realidade do corpo

[78-79] O corpo não é os pés, as pernas, as coxas, as ancas, o ventre, as costas, o peito, os braços, as mãos, as costelas, as axilas, os ombros, o pescoço, a cabeça. O que é então o corpo?

[80] Se o corpo se encontra parcialmente em todos os seus constituintes, são partes que se encontram em partes, mas o corpo em si, onde está?

[81] E se se encontra inteiro em cada um dos constituintes, haverá tantos corpos quantos os constituintes.

[82] O corpo não está nem no interior, nem no exterior. Como poderá estar nas suas partes constituintes? Fora delas tão pouco poderia estar. Então, como existe?

[83] Portanto, não há corpo. Mas, no seguimento de uma ilusão, a idéia de corpo é atribuída aos constituintes, como a de um homem a um espantalho.

[84] Enquanto duram certas condições, o corpo é considerado como um indivíduo. Do mesmo modo, enquanto os constituintes permanecem reunidos, vemos um corpo.

[85] Da mesma maneira, não há mão, mas uma reunião de dedos. O dedo é apenas um grupo de falanges e cada falange é formada por partes.

[86] As partes, por sua vez, são compostas por átomos, os átomos dividem-se em seções correspondentes aos pontos cardeais. Cada seção não pode ser dividida indefinidamente, pois chegamos ao espaço vazio. Portanto, não há átomos.

[87] Assim, a forma é semelhante a um sonho! Que homem sábio se quereria apegar a ela? E visto que o corpo não existe, o que será um homem ou uma mulher?

2.2. Não-realidade das sensações

[88] Se a dor tem uma existência real [logo, permanente], por que razão não afeta os que estão satisfeitos? Se é a felicidade que existe realmente, por que razão o prazer de um alimento saboroso deixa insensível aquele que está tomado de tristeza?

[89] Pode-se dizer que o prazer ou a dor não são sentidos porque são eclipsados por uma sensação mais forte, mas como chamar de sensação o que tem por caráter não ser sentido?

[90] Alega-se que a dor permanece num estado sutil e que apenas o seu estado desenvolvido foi trocado por uma sensação mais forte? Que esta dor sutil aparece como uma sensação fraca de felicidade?

[91] Se a dor não se manifesta na presença do seu contrário, não resulta daí que chamar-lhe "sensação" não passa de uma afirmação gratuita?

[92] É por isso que o antídoto a esta confusão é a meditação analítica. A contemplação nascida do campo de análise é o maná do praticante.

[93] Se o órgão dos sentidos e o seu objeto estão separados por um intervalo, como poderiam entrar em contato? E se nenhum intervalo os separa, formam uma unidade; quem está em contato com quem?

[94] Um átomo [de um órgão dos sentidos] não pode penetrar num átomo [de um objeto], pois os átomos não oferecem espaço algum à penetração e são iguais [infinitamente pequenos]. Sem se penetrarem, não se podem confundir

e, se não se podem confundir, não se podem encontrar [pois são sem dimensão].

[95] Como se operaria o contato do que é sem partes? Se houver exemplos de contatos com o que é sem dimensão, mostrem-no!

[Para que haja encontro, um lado do primeiro objeto deve entrar em contato com um lado do segundo objeto. Portanto, estes objetos devem ser partes e, por conseqüência, não são indivisíveis. Se admitirmos que existem partículas indivisíveis e infinitamente pequenas (o que os Madhyamikas rejeitam), das duas uma: ou elas não se contactam, ou elas se confundem. Por um lado, isto implica que o universo inteiro poderia se dissolver numa partícula e, por outro lado, que seria impossível a estas partículas agregarem-se para formar os objetos.]

[96] A consciência, sendo sem forma, não pode entrar em contato. O conjunto formado pela consciência, pelo órgão e pelo objeto, como o demonstramos, não tem realidade.

[97] Na ausência de contato, como pode a sensação ser possível? Então por que nos havemos de cansar? De onde poderia vir o sofrimento e a quem pode ele atingir?

[98] Uma vez que não há nem sujeito sentindo, nem sensação, perante esta situação, oh desejo, porque não te dissipas?

[99] Vemos e tocamos, mas isso é semelhante a uma ilusão, a um sonho. Como poderia o pensamento perceber a sensação, se ambos são simultâneos?

[100] Se um [o pensamento] seguisse o outro [a sensação], tratava-se de um ato de memória, não de uma experiência direta. Portanto, a sensação não se pode nem perceber a si mesma nem ser percebida por outra coisa que não ela.

[101] Se não existe sujeito que percebe, as sensações não têm existência real. Como poderiam elas ferir um agregado desprovido de "eu"?

2.3 Não-realidade da mente

[102] A mente não está nem nos órgãos dos sentidos, nem no seu objeto, nem no seu intervalo. Não está nem no interior nem no exterior, nem em parte alguma.

[103] O que não está nem no corpo nem em parte alguma, nem combinado nem isolado, isso não é nada. É por essa razão que os seres estão, por natureza, no estado de Nirvana.

[104-105] Se a consciência é anterior ao seu objeto, qual o seu ponto de apoio para nascer? E qual, se for simultânea? E se ela é posterior, donde virá? É claro que não se pode encontrar uma origem para os fenômenos.

2.4 Outros argumentos

[106-108] **Pergunta:** Se é assim, não existe a verdade relativa; como poderia então haver duas verdades? Ou então, se essa verdade relativa é fabricada pelos seres, como poderiam eles chegar ao Nirvana?

Madhyamika: Esta verdade relativa percebida pelos seres é o produto dos seus pensamentos comuns; não é a verdade relativa assim como aparece aos seres que atingiram o Nirvana. Depois do Nirvana, os conceitos comuns não existindo, não há uma verdade relativa ilusória: é claramente o Nirvana. A análise e a coisa analisada repousam uma sobre a outra. Todo o raciocínio se apóia sobre as convenções do senso comum.

[Esta importante passagem deu lugar a diversas interpretações. Ela significa que um Buddha conhece o mundo dos fenômenos, mas não o percebe da mesma maneira que os seres comuns, que estão enganados pela ignorância. Um Buddha já não tem pensamentos comuns, para ele tudo é um jogo do conhecimento. Isso não restringe o seu conhecimento de todas as coisas, incluindo o modo como os seres fazem a experiência da ilusão. Alguém, dotado de clarividência, por exemplo, pode conhecer o pesadelo de uma pessoa adormecida, sem que, no entanto, deva viver esse pesadelo. Um médico pode conhecer o que sente um doente mental sem que por isso caia na loucura.]

[109-110] **Pergunta:** Se a razão que examina é por sua vez examinada por uma outra razão, este processo é um círculo vicioso.

Madhyamika: Não, porque, tendo o objeto sido perfeitamente analisado [e reconhecido como vacuidade], a razão já não tem objeto e, portanto, não se produz: é o que se chama Nirvana.

III. Refutação da crença na realidade

1. Refutação do materialismo

[111-113] Aquele que admite como verdadeira a dupla existência da consciência e do seu objeto, está em muito má situação. Se, na verdade, a existência do objeto depende da consciência, como explicar esta? Se a existência da consciência depende do objeto, como explicar este? Se os dois elementos procedem reciprocamente um do outro, nem um nem outro existem. Por exemplo, se não há pai sem filho, como nasce um filho? Assim como na ausência de filho não há pai, nem um [o objeto] nem outro [a consciência] existem.

[114-115] **Realistas:** A planta nasce da semente; a semente é revelada pela planta. Por que não provaria a consciência, nascida do objeto, a existência deste?

Madhyamika: A existência da semente é constatada por uma consciência que é estranha à planta; mas quem prova a existência da consciência que conhece o objeto?

2. Provas da vacuidade

2.1 Um fenômeno não pode nascer sem causas

[116] Às vezes, as pessoas comuns constatarem realmente as causas dos fenômenos: a divisão do lótus em caule, flores e assim por diante, provém da diversidade das causas.

[117] **Charvakas:** Qual é a origem da variedade das causas?

Madhyamika: A variedade das causas anteriores.

Charvakas: Porque produz uma causa um resultado particular?

Madhyamika: Pela influência de uma causa anterior.

2.2 Um fenômeno não pode nascer de uma causa permanente

[118] "Ishvara, o Todo-poderoso, é a causa do mundo", dizem. Mas, primeiro, o que é o Todo-poderoso? Se são os elementos, seja! É inútil atormentarmos por um simples nome.

[119] Mas a terra e os outros elementos são múltiplos, transitórios, inertes, sem caráter divino, negligenciáveis, impuros; não poderiam ser o Todo-poderoso.

[120] O espaço não é o Todo-poderoso, pois é inativo. O Atman foi eliminado em refutação anterior. O Todo-poderoso é inconcebível? Nesse caso, a sua atividade de criador também o é: de que serve nomear o inconcebível?

[121-122] Que criou o Todo-poderoso? O Atman, os elementos, a si mesmo? Vocês não disseram que eles são eternos? Será a consciência? A consciência procede do objeto. O prazer e a dor? Desde sempre que esses procedem do ato. Que terá então ele criado? Se a causa [o Todo-poderoso] não tem começo, como o poderia ter o efeito?

[123] Ora, se o Todo-poderoso não depende de condição alguma, porque não cria continuamente? Se criou tudo, de que seria ele dependente, uma vez que todas as causas e condições estavam presentes nele?

[124] Se fosse dependente de uma combinação de causas e de condições, não poderia ser a causa. Não poderia abster-se de criar quando esta combinação fosse realizada, nem criar quando ela estivesse ausente.

[125] Se o Todo-poderoso cria sem o desejar, é dependente. Se o deseja, é influenciado pelo seu desejo. Nesse caso, mesmo que criasse, que seria da sua qualidade de Todo-poderoso?

[Segundo a lei da causa e efeito, quando todas as causas e condições estão reunidas, o efeito deve produzir-se instantaneamente (senão significaria que certas causas ou condições faltam); do mesmo modo, se certas causas ou condições faltam, não há maneira de o efeito se produzir.]

[126a] A afirmação de que os átomos são permanentes e formam o Universo já foi refutada antes.

[Os partidários da eternidade do átomo são os *Mimamsakas* e os *Vaisheshikas*; foram refutados no na estrofe 87.]

2.2 Um fenômeno não pode ser a sua própria causa

[126b-127] Para os Samkhyas, a matéria primitiva é a causa permanente do mundo. Ela corresponde ao equilíbrio de três qualidades constitutivas: luz, atividade e obscuridade. O mundo provém da ruptura deste equilíbrio.

[Segundo os Samkhyas, tudo pode ser relacionado ao "eu" consciente (*Atman*) e à matéria primitiva inanimada (*Prakriti*). *Atman* não é nem causa nem efeito. A matéria primitiva é [1] permanente, [2] inanimada, [3] indivisível, [4] não-manifestada e [5] fonte de toda a manifestação. Ela é a causa, a faculdade criadora do mundo, um estado de equilíbrio de três qualidades ou *Gunas*. Estas três qualidades são *Sattva* (a pureza ou luz, associada à equanimidade), *Rajas* (a atividade, associada ao prazer) e *Tamas* (a obscuridade, associada à dor). O mundo proviria da ruptura do equilíbrio destas três gunas.]

[128] Ora, o que é "um" não pode ter uma natureza tripla, pelo que a matéria primitiva não existe. Além disso, as qualidades constitutivas não poderiam existir sob a forma de entidades permanentes, pois cada uma delas é também tripla.

[129] Não existindo as qualidades constitutivas, o som e os outros objetos dos sentidos, que são a sua expressão, estão longe de existir. Além disso, é impossível que o prazer e as outras sensações existam em coisas inanimadas, tais como roupas.

[A matéria primitiva é dita inanimada, portanto não pode ser o assento das sensações.]

[130-131] **Samkhya:** As coisas têm por natureza ser causa de prazer, de dor e de indiferença.

Madhyamika: Já demonstramos a não-existência das coisas. Para vocês é o prazer e o resto das qualidades constitutivas que são a causa. Mas a roupa não pode surgir do prazer. É o prazer que surge das roupas e estas, não tendo existência real, o prazer não pode existir. Nunca se constata a permanência do prazer e das outras sensações. Se a natureza do prazer está sempre presente, porque não sentimos constantemente o prazer, mesmo na dor?

[132-136] **Samkhya:** Porque ele passa ao estado sutil.

Madhyamika: Como pode algo de permanente ser sucessivamente desenvolvido e sutil? Se o prazer abandona o estado desenvolvido e passa ao estado sutil, ambos os estados são transitórios. Por que não havemos então de admitir a impermanência de todas as coisas? Se o estado desenvolvido não é diferente da natureza do prazer, esta natureza é impermanente. Mas, vocês próprios o admitem, o que não existe não se pode manifestar em razão da sua não-existência. No entanto, vocês são forçados, contra as vossas teorias, a admitir a manifestação do estado desenvolvido, o qual não existia. Se o efeito

está na causa, quem come alimentos come excrementos. Em vez de roupa podíamos comprar sementes de algodão para nos agasalharmos.

Samkhya: O mundo não o vê assim por cegueira.

[137] **Madhyamika:** Se aquele que conhece a verdade última [Kapila, o fundador da vossa escola] vê assim o efeito na causa, a sabedoria também deve estar presente nos seres comuns. Então por que são estes últimos cegos?

Samkhya: O discernimento do mundo não é um critério de verdade.

Madhyamika: Então, mesmo o que o mundo vê claramente [a roupa, o efeito] não existiria.

[138-140] **Samkhya:** Mas se aquilo a que se chama meios de conhecimento não são verdadeiros meios de conhecimento, as noções que eles dão são falsas: portanto, não será incorreta a meditação sobre a vossa verdade última, a vacuidade?

Madhyamika: Sem apreender o objeto a examinar, não se pode apreender a sua não-existência. Portanto, se uma coisa não tem existência real, a sua não-existência é evidentemente falsa. No entanto, quando um homem sonha que o seu filho morreu, a idéia de que ele já não existe elimina a idéia de que existe, apesar das duas idéias serem falsas.

[Por exemplo, se não se pode conceber o filho de uma mulher estéril, não se pode conceber a sua morte. Não devemos nos apegar ao conceito de vacuidade ou de não-existência, mas meditar sobre a vacuidade é um remédio correto que permite eliminar a percepção errônea da existência dos fenômenos.]

2.3 Natureza dos fenômenos: a interdependência

[141-142] Assim, resulta deste exame que nada aparece sem causa, que o fruto não existe nas causas consideradas separadamente ou no seu conjunto, que nada vem de algures, subsiste ou desaparece. Então, em que difere de uma ilusão mágica o que os ignorantes tomam por realidade?

[143] O que é criado pela magia e o que é criado pelas causas, de onde vem? Para onde vai? É isso que é preciso investigar.

[144] O que aparece pelo concurso de outros elementos e que desaparece se eles estão ausentes, esse fenômeno artificial, semelhante a um reflexo, como poderia ter o caráter da realidade?

2.4. Existência e cessação

[145-146] Para a coisa que existe, de que serve uma causa? E se uma coisa não existe, de que serve ainda uma causa? Mesmo milhões de causas não modificariam o nada. O nada não se pode tornar existente [sem perder a sua natureza]. Que mais poderia vir à existência?

[147-148] Se o ser não existe no tempo do não-ser, quando será que existe? Pois o não-ser não desaparecerá enquanto o ser não tiver nascido, e este não se pode produzir enquanto o não-ser não desaparecer. Do mesmo modo, o ser não pode passar ao não-ser, pois uma mesma coisa possuiria então esta dupla natureza?

[149] Portanto, não há cessação nem existência. O mundo não conhece nem nascimento nem destruição.

[150] Os fados dos seres são semelhantes a um sonho, ao caule oco da bananeira-de-terra. Não há diferença alguma entre os que estão no Nirvana e os que não estão.

IV. Os frutos da meditação sobre a vacuidade

1. Desapego das oito preocupações mundanas

[151] Sendo as coisas vazias de existência, que haverá a ganhar ou a perder? Quem nos há de honrar ou desprezar?

[152] Onde virá o prazer e a dor? Que haverá de agradável ou odioso? Em demanda do absoluto, que poderá desejar-se e quem deseje?

[153] Se examinarmos o mundo dos vivos, quem morre, quem irá nascer, quem nasceu, o que é um parente, um amigo?

[154a] Compreendam, como eu, que tudo é semelhante ao espaço!

2. Amor e compaixão

[154b-155] Sedentos de felicidade egoísta, irritamo-nos e alegremo-nos em disputas e em festas. Sofremos, lutamos, discutimos, magoamo-nos, agredimo-nos uns aos outros: de má ação em má ação, passamos a vida numa aflição.

[156] Tantas vezes inebriados pelos prazeres dos mundos superiores, os seres morrem e caem nas longas e insuportáveis torturas dos mundos inferiores.

[157] O Samsara está repleto de abismos: é assim. Nele, o sentido último quase não tem lugar, tudo é contradição, a realização está ausente...

[158-160] O Samsara encerra oceanos de dor sem igual, terríveis e infinitos. É o domínio da fraqueza e das existências breves. É aí que gastamos rapidamente dias inúteis cuidando da nossa vida, da saúde... com fome, cansaço, sono, acidentes... em relações estéreis com pessoas tolas... como é difícil atingir o discernimento! Onde encontrar no meio de tudo isto o meio de refrear o hábito da distração?

[161] É aí que as forças negativas se esforçam para nos precipitar nos mundos inferiores. As vias erradas abundam! Esclarecer as nossas dúvidas não é nada fácil.

[162] Como é difícil obter de novo a liberdade da condição humana... é tão raro que um Buddha apareça... é tão difícil escapar à torrente das emoções negativas... Ai! Que sucessão de dores!

[163] Ah! Como não lamentar esses infelizes arrastados pelo rio da dor, sem sequer se darem conta da sua triste condição.

[164] Como aqueles que tantas vezes se banham para depois se lançarem no fogo, supliciando-se a si próprios, os seres imaginam-se felizes!

[165] Agindo como se não tivessem de envelhecer ou morrer, são ceifados pela morte e caem nos mundos inferiores, onde sofrem o insuportável.

[166] Quando será que, graças às chuvas de felicidade que caem das nuvens dos meus méritos, vou poder levar o apaziguamento aos homens atormentados pelo fogo da dor?

[167] Quando será que eu, tendo reunido com todo o respeito o mérito liberto de qualquer conceito, vou poder ensinar a vacuidade aos que estão arruinados pela crença na realidade das coisas!

[Adaptado de *O Caminho para a Iluminação — Bodhicaryavatara*. Coleção Espiritualidades, série Budismo, sob a direção do Ogyen Kunzang Chöling. Escrito por Shantideva, tradução para o português por Filipe Valente Rocha e outros praticantes da escola do Budismo tibetano Ogyen Kunzang Chöling. Lisboa: Livros e Leituras, 1998. Pág. 129-157. O texto foi gentilmente transcrito por Sherab Chötso.]

10. Dedicção dos Méritos

[1] Pelo mérito que adquiri compondo *O Caminho para a Iluminação*, possam todos os seres entrar na prática dos Bodhisattvas!

[2] Possam todos os que em todos os cantos do mundo sofrem dores do corpo ou da mente obter, graças aos meus méritos, oceanos de prazer e de alegria!

[3] Enquanto dure para eles a transmigração, que nunca a felicidade sofra um eclipse! Que os seres desaguem na felicidade sem limites dos Bodhisattvas!

[4] E que em todos os infernos do universo os seres gozem dos prazeres e das alegrias de Sukhavati!

[5] Que os condenados ao frio recebam o calor! Que os danados do calor sejam refrescados pelas imensas ondas vertidas pelas grandes nuvens que são os Bodhisattvas!

[6] Que para eles a floresta das folhas em lâminas de espadas passe a ser um magnífico jardim e as árvores Kutashalmali outras tantas árvores dos desejos!

[Nos infernos, os adúlteros sentem um impulso irresistível de subir à gigantesca árvore Kutashalmadi, onde mulheres com dentes de ferro os agarram em abraços que os despedaçam. As árvores dos desejos (*Kalpavriksha*) tem como fruto tudo o que se deseja.]

[7] Que as regiões infernais conheçam o encanto dos lagos, salpicando a alegria das brincadeiras dos pássaros aquáticos e o perfume das flores de lótus luxuriantes!

[8] E que o montão de carvões ardentes se torne uma pilha de gemas! O chão escaldante, um pavimento de cristal! As montanhas esmagadoras, palácios celestiais decorados de oferendas e povoados de Buddhas!

[9] Que a chuva de lava, de pedras incandescentes e de espadas passe a ser uma chuva de flores! Que a batalha com armas passe a ser um agradável torneio de flores!

[10] Que os seres mergulhados no rio Vaitarani, de vagas escaldantes como o fogo, com as carnes despedaçadas e os ossos esbranquiçados como o jasmim, obtenham, pela força dos meus méritos, uma natureza divina e se divirtam com as deusas no rio Mandakini!

[Vaitarani é um rio dos infernos, enquanto Mandakini é um rio do céu.]

[11] E vendo num repente os servidores da morte, corvos e abutres horríveis, encolher-se de medo, dizem: "De onde vem este generoso poder de dissipar as trevas e trazer a alegria?" Então, levantando os olhos, vendo erguer-se no céu o flamejante Vajrapani, que eles sejam libertos das suas faltas e se lancem alegremente ao céu para o acompanharem.

[12] Eis que cai uma chuva de lótus e água perfumada! Oh que felicidade! Sob o manto desta vaga vão-se apagando os fogos do inferno! "O que está acontecendo?", dizem os condenados, subitamente inundados de prazer. É Padmapani! Possa Padmapani lhes aparecer!

[Padmapani, "aquele que segura o lótus", é um dos dos nomes do Bodhisattva Avalokiteshvara.]

[13] "Amigos", gritam, "vejam, vinde rápido! Arredem todo o medo!" Eis que chega, libertando do medo o inferno, um jovem príncipe penteado com tranças. O seu poder elimina todas as calamidades e faz correr rios torrenciais de alegria: é o Bodhisattva com a mente transbordante de amor! A sua presença protege todos os seres do sofrimento!

[*Chirikumara*, "príncipe penteado com tranças", refere-se a o Bodhisattva Manjushri, que é caracterizado pelos epítetos de príncipe (*kumara*) e de ter três ou cinco madeixas de cabelo (respectivamente *tricira* ou *panchacira*).]

[14]. "Vejam! Sobre o lótus dos seus pés refletem-se diademas de centenas de deuses prostrados. Os seus olhos estão úmidos de compaixão e sobre a sua cabeça cai uma chuva de flores; no seu palácio encantado vibram os cânticos de milhares de deusas celebrando as suas louvações: é Manjushri!" E vendo-o face a si, que os danados o aclamem!

[15] Pelo efeito dos meus méritos, que os danados tenham a alegria de encontrar as nuvens de chuvas e as brisas deliciosas, frescas e perfumadas, criadas por Samantabhadra e pelos puros Bodhisattvas!

[16] Que os animais parem de se devorar entre si! Que os fantasmas famintos sejam felizes como os homens de Uttarakuru!

[Os *Pretas*, "fantasmas famintos", sofrem constantemente de fome e de sede. *Uttarakuru* é um dos quatro continentes (o do norte) que rodeiam o Monte Meru.]

[17] E que sejam saciados! Banhados e refrescados pelos regatos de leite que correm dos dedos de Avalokiteshvara!

[18] Que os cegos vejam, que os surdos ouçam, que as mulheres dêem à luz sem dor, como Mayadevi!

[Mayadevi é a mãe do Buddha Shakyamuni.]

[19] Que os maltrapilhos recebam roupas, os esfomeados encontrem comida e os sequiosos água e bebidas deliciosas!

[20] A riqueza aos pobres! A alegria aos aflitos! Que os corações despedaçados retomem a esperança, a força e o êxito!

[21] Que os doentes recuperem rápido a saúde e que a doença seja desconhecida no mundo!

[22] A coragem aos medrosos, a liberdade aos cativos, a força aos enfezados e a afeição recíproca a todos os seres!

[23] Que todas as regiões sejam propícias aos viajantes e que os ajudem no sucesso das suas viagens!

[24] Que os navegadores realizem os seus desejos! Que regressem tranquilamente aos portos e se regozijem com as suas famílias!

[25] Que os viajantes perdidos e dolentes encontrem companheiros e se façam ao caminho sem fadiga, ao abrigo do perigo dos ladrões e dos tigres!

[26] Que os deuses protejam as crianças, os velhos e os abandonados, adormecidos em regiões inóspitas e desertas, vencidos pelo cansaço!

[27] Que os seres estejam sempre ao abrigo das condições difíceis, cheios de fé e de sabedoria, de compaixão e de meios de subsistência puros, com boa conduta, lembrando-se das vidas anteriores.

[28] Que tenham tesouros inesgotáveis como Gaganaganja. Que vivam na harmonia, na paz, na independência!

[Gaganaganja é o nome de um Bodhisattva.]

[29] E que os seres sem esplendor se tornem resplandecentes! Se são marcados fisicamente pela provação, que ganhem corpos lindos e perfeitos!

[30b] Que os humildes se tornem grandes e os orgulhosos sem orgulho!

[31] Pelo poder dos meus méritos, possam todos os seres sem exceção desviar-se dos atos negativos e praticar o bem para todo o sempre!

[32] Que nunca se separem da Bodhichitta, sempre se aplicando na prática dos Bodhisattvas e favorecidos pela graça dos Buddhas! Abandonem os atos negativos!

[33] Que todos os seres gozem de uma vida ilimitada! Que vivam eternamente felizes! Que o nome mesmo da morte desapareça!

[34] E que todo o espaço fique repleto de Buddhas e de Bodhisattvas, embelezado de parques com árvores maravilhosas e encantadas pelo som do Dharma!

[35] Que por todo o lado a terra seja limpa de gravilhas e de outras asperezas, suave e una como a palma da mão e a natureza do lápis-lazúli!

[36] Possam grandes assembléias de Bodhisattvas surgir por todo o lado, decorando a terra com o seu esplendor!

[37] Que os pássaros, as árvores, os raios de luz e o céu façam continuamente ouvir aos seres a voz do Dharma!

[38] Que os homens fiquem para sempre na companhia dos Buddhas e Bodhisattvas e que honrem com nuvens de oferendas o preceptor do mundo!

[39] Que pela graça dos deuses chova quando é oportuno, que as colheitas sejam abundantes e o mundo próspero; que os reis governem segundo o Dharma.

[40] Que os remédios sejam eficazes e a recitação dos mantras coroada de êxito. Que as fúrias, os vampiros e os outros demônios sejam compassivos!

[41] Que nenhum ser seja infeliz, maldoso, doente, temeroso, desprezado ou angustiado!

[42] Que os monastérios sejam abrigos de estudo florescentes! Que a harmonia reine na Sangha e que a sua obra triunfe!

[43] Que os monges desejosos de praticar encontrem ermidas tranqüilas. Isentos de qualquer distração, possam eles conquistar a mente pela meditação!

[44] Possam as monjas receber donativos e permanecer sem disputas e tranqüilas. E também que todos os religiosos observem rigorosamente as regras da disciplina!

[45] Que os que transgrediram os votos se arrependam e se apliquem sempre a destruir as suas faltas! Que alcancem os renascimentos felizes e nunca mais se separem da conduta justa!

[46] Que os sábios sejam respeitados, alimentados pela esmola, de um caráter puro e de reputação universal!

[47] Sem ter de suportar os tormentos do inferno, sem dificuldades particulares e com um único corpo, superior ao dos deuses, possam os seres alcançar o mais rápido possível o estado de Buddha!

[48] Que todos os seres venerem vezes sem conta todos os Buddhas e permaneçam constantemente felizes na inconcebível felicidade de Buddha!

[49] Que os votos formulados pelos Bodhisattvas para o mundo se cumpram! Possam os seres receber tudo o que os protetores lhes desejam!

[50] Possam os Pratyekabuddhas e os Arhats permanecer serenos.

[Aqui, a versão tibetana só tem dois versos, enquanto a versão em sânscrito tem quatro.]

[51] Possa eu, pela graça de Manjushri, acordar a memória das minhas vidas e receber a ordenação até que alcance a terra da alegria!

[*Pramuditabhumi*, "terra da alegria", é a primeira das dez etapas (*bhumi*) que conduzem ao estado búddhico.]

[52] Possa eu viver com um alimento frugal e em todas as minhas vidas encontrar um lugar solitário ideal!

[53] Quando o queira ver ou interrogar, possa eu ver sem obstáculos o meu protetor, Manjushri!

[54] Possa eu agir como Manjushri, que para o bem dos seres caminha nas dez direções até aos confins do espaço!

[55] Enquanto dure o espaço e o mundo, possa eu trabalhar para destruir as dores do mundo!

[56] Que a dor do mundo amadureça em mim e que o mundo seja feliz pelas boas obras dos Bodhisattvas!

[57] Remédio único para a dor do mundo, fonte de toda a prosperidade e de toda a felicidade, que o Dharma dure por muito tempo, investido de proveitos e de honra.

[58] Saudação a Manjushri, pela graça de quem o meu pensamento se dirigiu para o bem. Homenagem ao meu amigo espiritual, pela graça de quem ele se desenvolve!

[Adaptado de *O Caminho para a Iluminação — Bodhicaryavatara*. Coleção Espiritualidades, série Budismo, sob a direção do Ogyen Kunzang Chöling. Escrito por Shantideva, tradução para o português por Filipe Valente Rocha e outros praticantes da escola do Budismo tibetano Ogyen Kunzang Chöling. Lisboa: Livros e Leituras, 1998. Pág. 159-166. O texto foi gentilmente transcrito por Sherab Chötso.]

Glossário de Termos Buddhistas

Ações, natureza das ações: uma ação, qualquer que seja a sua aparência, é prejudicial ou negativa se for fonte de sofrimento, e virtuosa ou positiva se for fonte de felicidade. Uma ação nunca é negativa ou positiva em si mesma ou independente de causas exteriores; sua natureza é determinada pelas conseqüências que produz e pela motivação que a origina.

Ações prejudiciais ou negativas: são dez; três dizem respeito ao corpo — [1] matar, [2] roubar e [3] má conduta sexual; quatro referem-se à fala — [4] mentir, [5] palavreado inútil, [6] caluniar e [7] violência verbal; três dizem respeito à mente — [8] invejar, [9] querer mal e [10] manter visões falsas.

Ações virtuosas ou positivas: toda ação que tem por motivação o bem dos seres e por resultado o alívio do sofrimento, a felicidade temporal ou a felicidade última.

Acumulação de méritos e de sabedoria: realizando numerosas ações positivos, acumulamos a energia positiva, ou méritos, necessária para progredir no caminho. Reconhecendo a natureza desses méritos e de todos os fenômenos — a vacuidade —, desenvolvemos a sabedoria. Méritos e sabedoria são as duas rodas do veículo que conduz à iluminação.

Ajita: veja *Maitreya*.

Akashagarbha Sutra: Discurso da Essência do Céu.

Apenas mente: veja *Chittamatrins*.

Árvore dos desejos: veja *Kalpadruma*.

Akashagarbha: nome de um Bodhisattva.

Antideus: veja *Asura*.

Arhat: "aquele que venceu os inimigos", ou seja, os quatro demônios do nascimento, da velhice, da doença e da morte. Está liberto das emoções e do sofrimento do Samsara mas não atingiu ainda o estado búddhico.

Asura: semideuses, antideuses, titãs; batalham constantemente contra os devas, de quem invejam as riquezas.

Avalokiteshvara: o Bodhisattva da compaixão.

Avichi: o mais intenso dos dois infernos quentes.

Bhadraghata: a jarra do tesouro inesgotável, contém tudo o que se deseja.

Bhumi: terra do Bodhisattva; diferentes níveis na progressão do Bodhisattva, desde a primeira terra, onde realiza o sentido da vacuidade, até à décima, depois da qual se torna um Buddha.

Biografia do Glorioso Sambhava: veja *Shrisambhava Vimoksha*.

Bodhichitta: mente da iluminação, pensamento da iluminação; o voto de atingir a iluminação com o único fim de libertar todos os seres do sofrimento e de conduzi-los ao estado búddhico. Trata-se também do conjunto de práticas que permitem a realização deste voto.

Bodhisattva: ser da iluminação; aquele que se liberta do Samsara realizando todas as qualidades da iluminação, mas, ao mesmo tempo, manifesta-se por compaixão para ajudar os seres. Progride até o estado búddhico, aprofundando a sua realização da vacuidade unida à compaixão. Nunca age por interesse pessoal: todas as suas ações, palavras e pensamentos são consagrados ao bem dos outros.

Brâmanes: membros da casta religiosa da Índia, considerada a mais elevada na tradição hindu.

Buddha: iluminado, desperto; aquele que dissipou a obscuridade dos dois véus (o véu das emoções negativas e o véu que mascara o conhecimento) e que desenvolveu os dois tipos de conhecimento (o conhecimento da natureza última de todas as coisas e o conhecimento de todos os fenômenos).

Buddha solitário: veja *Pratyekabuddha*.

Calma mental: veja *Shamatha*.

Caminho: treino ou prática espiritual que permite libertar-se do Samsara e depois atingir o estado búddhico.

Caminho do meio: veja *Madhyamika*.

Campos de Buddha: mundos onde os Buddhas aparecem e ensinam. Há uma infinidade para além do nosso mundo terrestre, considerado como o campo do Buddha Shakyamuni.

Campos de mérito: todos os que nos dão a ocasião de praticar a generosidade, a oferenda, a devoção, etc., e portanto de acumular méritos e sabedoria. Dizem respeito tanto aos seres sencientes quanto aos Buddhas.

Chakravartin: monarca universal.

Chirikumara: príncipe penteado com tranças; refere-se a o Bodhisattva Manjushri, que é caracterizado pelos epítetos de príncipe (*kumara*) e de ter três ou cinco madeixas de cabelo (respectivamente *trichira* ou *panchachira*).

Chintamani: pedra do milagre; tem o poder de concretizar os nossos pensamentos.

Chittamatrins: partidários do "apenas mente"; também chamados de *Yogacharins*, são "idealistas" e ensinam que só a mente existe realmente.

Ciclo das existências: veja *Samsara*.

Compassivo: epíteto do Buddha.

Conquistador: veja *Jina*.

Corpo absoluto: veja *Dharmakaya*.

Dedicação dos méritos: ato de oferecer a cada ser a totalidade dos nossos méritos para que todos atinjam a iluminação. Graças a esta dedicação, o potencial dos méritos nunca pára de crescer até à iluminação.

Deva: deus de longa vida.

Dez condições favoráveis: juntamente com as oito liberdades, são indispensáveis se quisermos progredir para a iluminação: [1] ter uma existência humana; [2] ter nascido num lugar onde o Dharma existe; [3] possuir todas as faculdades físicas e mentais; [4] não agir em contradição com o Dharma; [5] ter fé nos que são dignos dela; [6] é também necessário que um Buddha tenha aparecido durante a nossa era; [7] que ele tenha exposto o Dharma; [8] que os seus ensinamentos subsistam; [9] que eles sejam postos em prática; [10] e, enfim, que um mestre espiritual esteja presente para nos guiar.

Dharma: conjunto dos ensinamentos expressos pelos Buddhas e pelos mestres realizados que mostram o caminho para a iluminação. Há dois tipos: o Dharma das escrituras, que é o suporte dos ensinamentos, e o Dharma da realização, que é o resultado da prática espiritual.

Dharmakaya: corpo absoluto; um dos três corpos dos Buddhas, juntamente com o corpo de manifestação (*Nirmanakaya*) e o corpo de fruição (*Sambhogakaya*). Segundo alguns comentários, o Dharmakaya é considerado aqui como uma qualidade do Buddha; segundo outros, o Dharmakaya corresponde aos ensinamentos (*Dharma*) de Buddha.

Duas acumulações: veja *Acumulação de mérito e de sabedoria*.

Emoção negativa: veja *Klesha*.

Era: veja *Kalpa*.

Estado búddhico: o estado iluminado de um Buddha, que dissipou a obscuridade dos dois véus (o véu das emoções negativas e o véu que mascara o conhecimento) e que desenvolveu os dois tipos de conhecimento (o conhecimento da natureza última de todas as coisas e o conhecimento de todos os fenômenos).

Fantasma faminto: veja *Preta*.

Filhos de Buddha: epíteto dos Bodhisattvas.

Filhos dos leões: epíteto dos Bodhisattvas.

Fórmula mágica: veja *Siddhavidya*.

Gaganaganja: nome de um Bodhisattva.

Grande Veículo: veja *Mahayana*.

Hinayana: Pequeno Veículo, fundado sobre a renúncia, dirige-se aos que procuram a libertação individual a fim de pôr um termo aos seus próprios sofrimentos. Veículo dos Shravakas, dos Pratyekabuddhas e dos Arhats.

Iluminação: a realização última da prática espiritual; sinônimo de estado búddhico.

Indra: o monarca de um dos mundos celestes, chamado o Céu dos Trinta e Três [Deuses].

Interdependência, elos da interdependência: encadeamento de causas e de efeitos que mantém os seres no Samsara e que perpetua o seu sofrimento. São em número de doze: [1] a ignorância conduz às [2] formações mentais, que engendram [3] a consciência, a qual cria [4] o nome e a forma, que estão na origem dos [5] seis sentidos. Estes dão lugar ao [6] contato e o contato à [7] sensação. Esta provoca [8] o desejo que se transforma em [9] apego. Esta atitude de apego torna-se o [10] impulso para a existência que conduz ao [11] nascimento e depois à [12] velhice e à morte.

Jambudvipa: o nosso mundo, ao sul do Monte Meru.

Jarra do tesouro inesgotável: veja *Bhadraghata*.

Jina: vitorioso, vencedor, conquistador; epíteto do Buddha.

Jóias do Dharma: doze tipos de textos sagrados; os ensinamentos orais do Buddha (*sutram*), os cantos versificados (*geum*), as profecias (*vyakaranam*), os poemas sagrados (*gatha*), as instruções enunciadas pelo Buddha sem que tenha sido solicitado (*udanam*), as explicações preliminares aos ensinamentos (*nidanam*), as parábolas (*avadanam*), as histórias e as lendas (*itivrittakam*), as histórias sobre as vidas anteriores do Buddha (*jatakam*), as explicações detalhadas (*vaipulyam*), os ensinamentos extraordinários (*adbhuta-dharma*), os ensinamentos essenciais e concludentes (*upadesha*).

Kalpa: segundo a cosmologia budhista, os mundos (*chakravalā*) estão submetidos a um processo alternativo de formação e dissolução. O período que decorre entre o início de um mundo e a formação do mundo seguinte é chamado de *mahakalpa* (grande ciclo); este é formado por quatro períodos incomensuráveis (*asankhyeya-kalpa*) que correspondem às fases de formação, duração e dissolução do mundo, mais o período intermediário de caos que precede a formação de um novo mundo. Cada *asankhyeya-kalpa* contém vinte

antara-kalpas. Um *antara-kalpa* é o período durante o qual a duração da vida humana, que é de dez anos à partida, cresce até a tingir a duração de um asankyeya-kalpa e de novo decresce até dez anos. O fim de cada antara-kalpa é marcado por sete dias de guerra, sete meses de epidemias e sete anos de fome.

Kalpadruma: árvores dos desejos; cinco árvores celestiais que dão como fruto tudo aquilo que desejamos.

Karma: o fado dos seres, as suas alegrias e sofrimentos e a maneira como apercebem o universo não se deve ao acaso, nem à vontade de uma entidade toda-poderosa; é o resultado dos seus ações passados. Da mesma maneira, o futuro dos seres é determinado pela qualidade, positiva ou negativa, das suas ações presentes. A causalidade das ações é chamada de "lei do karma".

Klesha: emoção negativa ou criadora de obscurecimentos; todo acontecimento mental que perturba e obscurece o nossa mente, que nos faz perder o controle. Estes "venenos interiores" são a causa de todos os sofrimentos. São principalmente o desejo, o ódio, a ignorância, o orgulho e a inveja. A palavra *klesha* também é traduzida como "emoções conflituosas" ou "emoções que obscurecem".

Kshitigarbha: nome de um Bodhisattva.

Kutashalmadi: gigantesca árvore nos infernos; os adúlteros sentem um impulso irresistível de subir nesta árvore, onde mulheres com dentes de ferro os agarram em abraços que os despedaçam.

Liberação, libertação: veja *Nirvana*.

Lokeshvara: outro nome do Bodhisattva Avalokiteshvara.

Madhyamika: caminho do meio, a mais elevada visão filosófica do Mahayana, chamada assim por não cair em nenhum dos extremos: nem no niilismo (negação da realidade dos fenômenos) nem no eternalismo (crença na realidade intrínseca dos fenômenos).

Maha-ushadi: planta que cura, um remédio universal.

Mahayana: grande veículo, fundado sobre a compaixão, é o veículo dos Bodhisattvas que desejam atingir a iluminação para poder libertar a infinidade dos seres.

Maitreya: Nome de um Bodhisattva, também conhecido como Ajita, que será o Buddha do futuro.

Mandakini: um rio do céu.

Manjushri: Bodhisattva que corporifica a perfeita sabedoria.

Mantra: seqüência de sílabas geralmente contendo o nome de um Buddha; como indica a sua etimologia, "protege a mente" das manifestações da ignorância.

Médico onisciente, médio supremo: epíteto do Buddha.

Mente: para o buddhismo, a mente não é uma entidade real, mas uma sucessão de instantes de consciência que lhe dão uma aparente continuidade. A natureza última da mente tem dois aspectos indissociáveis: a vacuidade e a luminosidade, que é a sua faculdade cognitiva.

Mente da iluminação: veja *Bodhichitta*.

Meru, Sumeru: montanha axial do Universo, feita de puro cristal no leste, de safira no sul, de rubi no oeste e de ouro no norte.

Mestre: epíteto do Buddha.

Mimamsakas: hindus partidários da eternidade do átomo.

Misericordioso: epíteto do Buddha.

Montanhas que esmagam: montanhas do inferno que, aproximando-se entre si, esmagam os danados.

Nagarjuna: importante mestre espiritual indiano e grande filósofo, cujos notáveis comentários sobre a verdade relativa e a verdade absoluta estão na origem das escolas agrupadas sob o nome de Madhyamika. As opiniões diferem quanto à data do seu nascimento: 482 ou 212 d.C.

Naiyayikas: hindus que dizem que o atman é imutável e inanimado, que está presente em cada ser como o espaço; no entanto, dizem que ele é capaz de perceber os fenômenos e de se lançar na ação quando se associa a uma consciência.

Nirmanakaya: um dos três corpos do Buddha. Veja também: *Dharmakaya*.

Nirvana: o estado para além do sofrimento, o fato de se libertar do sofrimento e do Samsara. Não é a realização última do estado búddhico.

Oito liberdades: juntamente com as dez condições favoráveis, são indispensáveis se quisermos progredir para a iluminação: [1] não ter nascido nos infernos; [2] no mundo dos fantasmas famintos; [3] no reino animal; [4] entre os semideuses; [5] entre os deuses de longa vida; [6] entre os homens com visões errôneas; [7] em uma época obscura durante a qual nenhum Buddha tenha aparecido; [8] ou com uma deficiência mental que impeça a compreensão do sentido do Dharma.

Onisciente: epíteto do Buddha.

Ouvidores: veja Shravaka.

Padmapani: aquele que segura o lótus; um dos dos nomes do Bodhisattva Avalokiteshvara.

Paramitas: perfeições; as principais são a generosidade, a disciplina, a paciência, a perseverança, a concentração e o conhecimento transcendente. São ditas transcendentais quando associadas à realização da vacuidade e realizadas sem os conceitos de sujeito, objeto e ação.

Pedra do milagre: veja Chintamani.

Pensamento da iluminação: veja Bodhichitta.

Pequeno veículo: veja Hinayana.

Perfeições: veja Paramitas

Planta que cura: veja Maha-ushadi.

Pratyekabuddha: Buddha solitário; aquele que atinge o Nirvana sem precisar ouvir os ensinamentos de um Buddha.

Prajnaparamita: um dos principais sutras do Mahayana, que expõe a visão da vacuidade.

Preta: fantasmas famintos; sofrem constantemente de fome e de sede.

Protetor do mundo: epíteto do Buddha.

Protetores das Três Famílias: os Bodhisattvas Avalokiteshvara, Manjushri e Varjapani.

Rishis: segundo a tradição hindu, são os sábios inspirados que ouviram a palavra dos Vedas e a transmitiram ao mundo; formariam uma classe distinta entre os deuses e os homens.

Salvadores ancestrais: epíteto dos Bodhisattvas.

Samantabhadra: o Bodhisattva que simboliza a oração e a oferenda sem limites.

Sambhogakaya: um dos três corpos do Buddha. Veja também: *Dharmakaya*.

Samsara: o ciclo das existências, onde reinam o sofrimento e a frustração engendrados pela ignorância e pelas emoções conflituosas que dela resultam.

Samkhyas: hindus que concebem o "eu" (*atman*) atman como uma entidade consciente e permanente que tem o potencial de aperceber os cinco objetos dos sentidos (cores, sons, odores, sabores e formas). Segundo eles, as verdades últimas são permanentes. No sistema Samkhya, tudo pode ser relacionado ao "eu" consciente (*atman*) e à matéria primitiva inanimada (*prakriti*). Atman não seria nem causa nem efeito. A matéria primitiva seria [1] permanente, [2] inanimada, [3] indivisível, [4] não-manifestada e [5] fonte de

toda a manifestação. Ela seria a causa, a faculdade criadora do mundo, um estado de equilíbrio de três qualidades ou *gunas*. Estas três qualidades seriam *sattva* (a pureza ou luz, associada à equanimidade), *rajas* (a atividade, associada ao prazer) e *tamas* (a obscuridade, associada à dor). O mundo proviria da ruptura do equilíbrio destas três gunas.

Sangha: a assembléia dos discípulos do Buddha.

Semideus: veja *Asura*.

Senhor da morte: veja *Yama Dharmaraja*.

Shamatha: calma mental; estado de concentração no qual a mente não é distraído pelas percepções e permanece sem vacilar sobre o objeto da sua meditação. É o fundamento de toda a concentração.

Shikhsasamucchaya: Compêndio das Instruções; obra de Shantideva.

Shravakas: praticantes que escutam, praticam e transmitem os ensinamentos.

Shrisambhava Vimoksha: Biografia do Glorioso Sambhava; capítulo do *Gandavyuha Sutra* em que está escrito: "Para honrar o mestre espiritual, a nossa mente deve ser como a terra que nunca se desencoraja de suportar todas as coisas, como um diamante indestrutível na sua intenção, como uma muralha onde o sofrimento não consegue abrir brechas, como um escravo que nunca se queixa por ter de fazer tudo, como um animal fiel que nunca se irrita, como uma barca que nunca se importa de ir e vir, como um filho exemplar que bebe com os olhos a face do seu pai espiritual. Oh nobre criança, considera-te como um doente, considera o amigo espiritual como um médico, os seus ensinamentos como um remédio e a prática sincera como o caminho para a cura."

Shunyata: vacuidade, vazio, a não-realidade do indivíduo e dos fenômenos; não se deve associar esta noção de vacuidade a um nada, deve-se compreender exatamente que se trata da natureza dos fenômenos.

Siddhavidya: fórmula mágica, permite ter êxito em todos os empreendimentos.

Stupa: reliário budhista.

Subahuparipriccha Sutra: Discurso das Questões de Subahu; o original sânscrito perdeu-se e foi retraduzido do chinês. É dito neste discurso que, se o voto de libertar os seres impregnar totalmente a nossa mente, os nossos méritos não param de aumentar, mesmo durante o sono ou quando estamos distraídos.

Sugata: chegado à felicidade; epíteto do Buddha.

Supushachandra: Bodhisattva que, por ter ensinado o Dharma foi martirizado, pelo rei Viradatta; sua história está resumida no comentário de Prajnakaramati segundo o *Samadhiraja Sutra*.

Sutra: discurso; as palavras do Buddha, transcritas pelos seus discípulos.

Sutrasamucchaya: Compêndio dos Sutras; obra perdida de Shantideva.

Tathagata: "aquele que chegou ao tal qual", um sinônimo de Buddha.

Terra pura: veja *Campos de Buddha*.

Terra do Bodhisattva: veja *Bhumi*.

Três jóias, tríplice jóia: o Buddha, o que atingiu a iluminação; o Dharma, os seus ensinamentos; a Sangha, a assembléia dos seus discípulos. São os três objetos de refúgio de um praticante budhista.

Três mundos: o mundo do desejo (*kamadhatu*), o mundo da forma (*rupadhatu*) e o mundo da ausência de forma (*arupadhatu*).

Três tempos: presente, passado e futuro.

Triskanda Sutra: Discurso em Três Partes, composto por uma confissão perante os trinta e cinco Buddhas, pela apreciação das virtudes e pela dedicação dos méritos.

Uttarakuru: um dos quatro continentes (o do norte) que rodeiam o Monte Meru.

Vaca da abundância: vaca que dá como leite tudo o que se deseje.

Vacuidade, vazio: veja *Shunyata*.

Vaisheshikas: hindus partidários da eternidade do átomo.

Vaitarani: um rio dos infernos.

Vajradhvaja Sutra: Discurso do Estandarte Adamantino, parte do *Avatamsaka Sutra*; nele é dito, "Quando o sol brilha, Devaputra, ele ilumina o mundo inteiro apesar da cegueira dos seres e das cadeias de montanhas. Do mesmo modo, os Bodhisattvas manifestam-se para libertar os seres apesar dos obstáculos que neles estão presentes."

Vajrapani: nome de um Bodhisattva.

Vencedor: veja *Jina*.

Verídico: epíteto do Buddha.

Vipashyana: visão penetrante, análise profunda da mente e de todos os fenômenos, a qual revela a natureza dos mesmos, a vacuidade.

Visão penetrante: veja *Vipashyana*.

Vitorioso: veja *Jina*.

Yama Dharmaraja: o senhor da morte, cujos enviados vêm atormentar os seres depois da morte e, se tal for o karma desses seres, os empurram para os reinos inferiores.

[Adaptado de *O Caminho para a Iluminação — Bodhicaryavatara*. Coleção Espiritualidades, série Budismo, sob a direção do Ogyen Kunzang Chöling. Escrito por Shantideva, tradução para o português por Filipe Valente Rocha e outros praticantes da escola do Budismo tibetano Ogyen Kunzang Chöling. Lisboa: Livros e Leituras, 1998. Pág. 167-173. O texto foi gentilmente transcrito por Sherab Chötso.]

Bibliografia

Dalai Lama. *A Arte de Lidar com a Raiva: O Poder da Paciência*. Tradução de A. B. Pinheiro de Lemos, a partir da tradução para o inglês do Geshe Thubten Jinpa. Rio de Janeiro: Campus, 2001. Para adquirir o livro, clique [aqui](#).

Abhayadatta, Keith Dowman e Robert e Beer. *Buddhist Masters of Enchantment: The Lives and Legends of the Mahasiddhas*. Rochester: Inner Traditions, 1998. Dalai Lama. *Conselhos de Coração*. Traduzido por Célia Regina dos Santos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

Shantideva. *O Caminho para a Iluminação — Bodhicaryavatara*. Coleção Espiritualidades, série Budismo, sob a direção do Ogyen Kunzang Chöling. Tradução de Filipe Valente Rocha e outros praticantes da escola do Budismo tibetano Ogyen Kunzang Chöling. Lisboa: Livros e Leituras, 1998. Para adquirir o livro, por favor entre em contato com a União Budista Portuguesa.